

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM INOVAÇÃO
NA COMUNICAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO**

Thainá Rocha da Silva

NEGRITUDE MEDIADA:

**a comunicação de interesse público na construção do Guia Digital do
Empoderamento Negro para jovens universitários**

**São Caetano do Sul
2021**

THAINÁ ROCHA DA SILVA

NEGRITUDE MEDIADA:

**a comunicação de interesse público na construção do Guia Digital
do Empoderamento Negro para jovens universitários**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, como requisito parcial para obtenção do título em Mestre em Comunicação.

Áreas de concentração: Inovação na gestão e produção da comunicação de interesse público

Linha de Pesquisa: Produção e Recepção da Informação Pública

Orientadora: Prof.a Dra. Priscila F.Perazzo
Coorientador: Prof. Dr. Liráucio Girardi Júnior

São Caetano do Sul

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os profissionais negros que conquistaram seu diploma universitário. Que vocês possam se orgulhar diariamente e inspirar outros a conquistar o que – muitas vezes – é visto como impossível por quem tem o tom de nossa pele.

Dedico-o ainda a todas as mulheres negras que estiveram no campo acadêmico antes de mim, semearam e cultivaram esse campo, o que me permitiu, hoje, como mulher acadêmica negra, colher destes frutos.

Dedico, em especial, para as professoras negras que inspiram e inspiraram tantas crianças a se tornarem docentes e despertaram nelas a sede do saber.

Dedico-o também a todos os criadores e executores das políticas públicas que permitem ao povo preto brasileiro o acesso à universidade, tendo assim a chance de diminuir as desigualdades e a disparidade de oportunidades que moldaram as estruturas de nosso país e sociedade, introjetada de racismo.

Todo esse trabalho também é dedicado aos negros e negras, que sonham em cursar o ensino superior, independentemente da idade. A todos vocês, meus mais sinceros incentivos para que venham a conquistar uma vaga e, também, minha esperança de que não esmoreçam ante às dificuldades encontradas. Vocês carregam nos ombros um futuro melhor para todo o nosso povo.

Também o dedico a minha avó, Dona Marina Rocha, que mesmo sem nunca ter tocado no assunto da cor da nossa pele, me mostrou desde cedo que o mundo não é fácil para mulheres como nós, negras, e que precisamos lutar no mínimo três vezes mais para chegar ao mesmo lugar que as pessoas brancas. Tem muito dela nessas linhas, e tem mais ainda em mim. Que esta dissertação também sirva de lembrete a minha sobrinha, homônima de minha avó, como aviso de que ela não só pode, como vai conquistar tudo o que quiser.

Por fim, dedico esta pesquisa a mim mesma. Para que eu nunca me esqueça de tudo o que enfrentei para chegar até aqui, e que eu tenho o direito a sonhar e conquistar, por mais íngremes que sejam os caminhos que me levam até o topo. Eu sou forte. Eu consigo. Eu consegui.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um dos mais belos sentimentos. Com o coração transbordando dela que eu sei que tenho muito a agradecer.

Agradecer a todas as energias cósmicas, universais, divinas, que me iluminaram e me protegeram neste processo. Sem elas, eu nada seria.

À minha família, raiz que me sustentou fortemente para que eu pudesse crescer e florescer tanto quanto eu quisesse. Especialmente, meus pais e minha tia Deia, que me esperavam acordados todos os dias em que eu tinha aula, mesmo eu já beirando os 30 anos e eles já passando dos 60. Não havia sono enquanto eu não realizasse o trajeto que incluía Uber/carona + metrô + descida da Serra do Mar de ônibus + Uber + catraia + Uber, e quase 3 horas de deslocamento durante a noite e a madrugada. A jornada não seria completa sem vocês, seus suportes e amor. Sei que fui abençoada com uma família que sempre acreditou em mim e me incentivou a não esmorecer diante de limites que diminuíssem a minha felicidade, acreditando no meu sucesso, independente do que essa palavra significasse para mim.

Aos meus amigos, companheiros dessa “louca jornada” chamada Mestrado, em especial ao Marcello Farias, Almir Bonfim, Pedro Cãnfora, Rosana Faber e Cecília Fernandes, que tornaram tudo mais leve, incluindo os seminários nos sábados pela manhã. E ao nosso anjo, nossa eterna caçula Mestra Milena Possar Garcia (*in memorian*), que tão cedo nos deixou e foi brilhar no firmamento. Agradeço por todo o tempo que compartilhamos desse sonho e por toda a gentileza e sensibilidade que ela sempre teve comigo. Voe alto aí em cima, Mi!

Aos meus muitos e queridos amigos, sejam os da escola, da faculdade, do trabalho e da vida. Todo o suporte, toda a confiança e todo o abrigo e calma para o meu desespero foram essenciais. Ao meu querido e eterno “chefe”, Me. Walmir Gomes Sebastião pelo incentivo tanto na vida profissional, pessoal e acadêmica. Especialmente ao “Migui-se”, e à Marina Molina e Matheus Russoni, que por dias e noites me deram consolo, afeto e mãos estendidas para me colocar de pé. E à Hellen Dutra, Tatiane Carvalho e Raiane Carolina, que além de tudo, ainda compartilham comigo as dores e as delícias de se viver o mundo acadêmico sendo uma mulher negra. Gratidão eterna.

À Ma. Marcela Garrido Reghin, minha psicóloga, essencial durante esse processo de autodescoberta e enfrentamento das questões dolorosas e todo seu olhar sensível das questões que me atravessam. Obrigada por manter a luz acesa.

Aos meus queridos alunos, que me olharam com olhos de admiração e me escutaram com avidez todas as vezes que eu falava sobre a pesquisa. Que ela tenha sido um incentivo para vocês irem além.

Aos meus afilhados João Pedro e Victor (*in memoriam*), que foram a minha primeira grande responsabilidade. As pessoinhas que me mostraram o que era amar sem medidas e cuidar com carinho. Victão, a madrinha vai te amar para sempre. Obrigada por ter me entendido e me amado sempre. Você é e sempre será GIGANTE!

À Mila Oliveira, Esther Machado, Elaine Aragão, Leticia Miguel, Leonardo Percíncula, Gustavo Soares, Gabriel Melo e Renan Farias, por terem aceitado de prontidão a participação nesta pesquisa e por serem tão generosos em compartilhar comigo as suas histórias, acreditando em mim para contá-las e construir pontes entre outros jovens negros e o mundo universitário.

Aos meus professores da Universidade Municipal de São Caetano do Sul por todo o saber transmitido e pelo convívio diário, tenham sido nas disciplinas, nos seminários, nas palestras, nos cafezinhos, simpósios e bate-papos. Tenho muito orgulho de ter sido aluna de vocês e me espelho em vocês com os meus próprios alunos. Agradecimento especial ao meu coorientador, Dr. Liráucio “Lira” Girardi Junior, por me mostrar que tecnologia e humanização não são antônimos e minha queridíssima orientadora Dr^a. Priscila F. Perazzo, que me orientou com maestria, corrigiu com rigidez, ouviu com afeto e entendeu meu processo, acolhendo-me como uma mãe acolhe a uma filha. Obrigada, obrigada, obrigada!

E agradeço também a mim, por nunca ter desistido, por ter me cobrado tanto quanto eu precisava, e por ter entendido e respeitado meus próprios processos internos, não ter sucumbido ante a todos os medos e inseguranças que a vida e a pandemia trouxeram e por me escolher como maior e principal investimento. Thainá, que bom que você nunca se esqueceu do poema “A Vitória da Vida”, de Bastos Tigre, e que você chegou até aqui de pé e de cabeça erguida, levantando-se a cada tombo da vida.

EPÍGRAFE

“A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora.”

Lélia Gonzalez

“Tenho dito e gosto de afirmar que a minha história é uma história perigosa, como é a história de quem sai das classes populares, de uma subalternidade, e consegue galgar outros espaços.”

Conceição Evaristo

“Ubuntu.”

Palavra do idioma Zulu que significa *“Eu sou porque nós somos”*

RESUMO

Pesquisa sobre conteúdos digitais e público jovem negro universitário e as mediações ocorridas em mídias sociais, com referencial teórico baseado em Estudos Culturais, Cidadania, Negritude e Mídia, no âmbito da comunicação de interesse público. A pesquisa parte da pergunta: como as práticas midiáticas digitais possibilitam a construção da identidade social e o exercício da cidadania em jovens universitários negros? E tem como objetivo principal descrever de que modo as práticas midiáticas digitais possibilitam a construção da identidade social e as noções de cidadania em jovens universitários negros. De abordagem qualitativa, do tipo exploratória, delineamento narrativo, debruça-se a contemplar e investigar seus objetivos pela aplicação de oficinas de trabalho com oito jovens negros universitários da região da Baixada Santista, cujo resultado das análises será aplicado em um **Guia Digital do Empoderamento Negro**, a ser disponibilizado para a sociedade em geral, em formato de *e-book* multimídia.

Palavras-chave: comunicação, negritude, interesse público, empoderamento, mediação, cidadania, mídia digital, jovem .

ABSTRACT

Research about digital content and young black university students and the mediations that occurred on social media, with theoretical reference based on Cultural Studies, Citizenship, Negritude and Mediatization, in the communications' sphere of public interest. A research starts from the question: how do digital mediatized practices enable the construction of social identity and the notions of citizenship in young black university students? And has as main objective describe how digital mediatized practices enable the construction of social identity and the exercise of citizenship in young black university students. With a qualitative approach, of an exploratory type, this research dedicates to consider and investigate your objectives by applying workshops with eight young black university students from the Baixada Santista region, the result of which will be applied in the **Digital Guide to Black Empowerment**, that will be available to the society in general.

Keywords: communication, negritude, public interest, mediation, citizenship, digital media.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Distribuição da população brasileira por cor ou raça.....	18
Figura 2: Pesquisa por "Família Feliz" no Google Imagens	22
Figura 3: Pesquisa por "Profissional de Sucesso" no Google Imagens	22
Figura 4: Resultado da busca "Família Negra Feliz" no Google Imagens	23
Figura 5: Resultado da busca Profissional Negro de Sucesso no Google Imagens..	23
Figura 6: Número de Homicídios por Cor ou Raça.....	24
Figura 7: Proporção de negros por tipo de instituição de Ensino Superior.....	25
Figura 8: Distribuição de trabalhadores por cor ou raça.....	26
Figura 9: Analfabetismo, por cor ou raça	27
Figura 10: Composição com imagens de portais e conteúdos voltado para negros .	29
Figura 11: Agendamento de OT pelo <i>Whatsapp</i>	44
Figura 12: Registro da OT1, realizada no Google Meet e manipulada no Photoshop	47
Figura 13: Registro dos participantes ao serem questionados sobre racismo na OT 1	52
Figura 14: Recorte da conversa no <i>Whatsapp</i> após a 1ª oficina.....	58
Figura 15: Quantidade de horas conectadas.....	62
Figura 16: Registro da OT2, realizada no Google Meet e manipulado no Photoshop	64
Figura 17: Crescimento das buscas por diversidade no setor de beleza	66
Figura 18: Imagem do vídeo Tour Pelo Meu Rosto, publicado no canal Papo DePretas	67
Figura 19: Imagem do vídeo 'Como sobreviver a uma abordagem indevida? Spartakus feat. AD Junior e Edu Carvalho'	69

Figura 20: Imagem do vídeo "Respondendo comentários racistas"	71
Figura 21: Imagem do vídeo "Eu sou a menina que nasceu sem cor..."	73
Figura 22: Quadro A Redenção de Cam, de Modesto Brocos, 1985	73
Figura 23: Imagem do vídeo "Ei, meu, e se Jesus fosse preto?"	75
Figura 24: Pergunta motivadora da OT2 a ser respondida no grupo do Whatsapp dos participantes	77
Figura 25: Registro da OT3, realizada no Google Meet e manipulado no Photoshop	82
Figura 26: Modelo de arquivo a ser preenchido na OT 3	83
Figura 27: Imagem do Microsoft Word 2016 com palavras relativas a empoderamento sublinhadas em vermelho.....	85
Figura 28: Resultado de busca dos termos "significado de empoderamento" no Google.....	86
Figura 29: Registro da OT4, realizada no Google Meet e manipulado no Photoshop	97
Figura 30: Árvore de Baobá africano sob céu ensolarado e arco-íris.....	104
Figura 31: Páginas iniciais do e-book.....	105
Figura 32: Seção Sementes	106
Figura 33: Seção Nossas Raízes	107
Figura 34: Seção Ervas Daninhas.....	108
Figura 35: Exemplos da seção Cultivo	110
Figura 36: Seção Frutos.....	110
Figura 37: Seção Flores: o desabrochar da negritude	111
Figura 38: Seção Replante.....	112
Figura 39: Seção Adubo.....	112
Figura 40: Seção Solo fértil	113

Figura 41: Última página	113
Figura 42: Primeiro esboço da capa do E-book	114
Figura 43: Formulário preenchido na OT3 - Leonardo Percíncula – Página 1	127
Figura 44: Formulário preenchido na OT3 - Leonardo Percíncula - Página 2	128
Figura 45: Formulário preenchido na OT3 - Gustavo Soares - Página 1	129
Figura 46: Formulário preenchido na OT3 - Gustavo Soares - Página 2	130
Figura 47: Formulário preenchido na OT3 - Gabriel de Melo - Página 1	131
Figura 48: Formulário preenchido na OT3 - Gabriel de Melo - Página 2	132
Figura 49: Formulário preenchido na OT3 - Esther Machado - Página 1	133
Figura 50: Formulário preenchido na OT3 - Esther Machado - Página 2	134
Figura 51: Formulário preenchido na OT3 - Leticia Miguel - Página 1	135
Figura 52: Formulário preenchido na OT3 - Leticia Miguel- Página 2	136
Figura 53: Estrutura do E-book	137
Figura 54: Estrutura do E-book	138
Figura 55: Estrutura do E-book	139
Figura 56: Estrutura do E-book	140
Figura 57: Estrutura do E-book	141
Figura 58: Estrutura do E-book	142
Figura 59: Estrutura do E-book	143
Figura 60: Estrutura do E-book	144
Figura 61: Estrutura do E-book	145
Figura 62: Estrutura do E-book	146

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS

Quadro 1: Categorias de Inovação para os setores da Comunicação	34
Quadro 2: Lista de Participantes das Oficinas.....	43
Quadro 3: Lista de nomes e avatares dos participantes	45
Quadro 4: Vídeos apresentados na 2ª parte da OT:	76
Quadro 5: Respostas sobre o tema Empoderamento	84
Quadro 6: Respostas sobre o tema Cidadania.....	87
Quadro 7: Respostas sobre o tema Negritude	91
Quadro 8: #FundoVozesNegras no YouTube - Participantes	147

LISTA DE ABREVIATURAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CLACSO - Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais

CUFA – Central Única das Favelas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OT – Oficina de Trabalho

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Sumário

I. PROPOSIÇÃO	16
1.1 ORIGEM DO ESTUDO.....	16
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO	17
1.3 OBJETIVOS	30
1.4 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA.....	31
1.5 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	32
1.6 A INOVAÇÃO NA COMUNICAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO	32
1.7 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	35
II. ENTRE AS PEDRAS E AS FLORES DO CAMINHO	37
2.1 TIPOLOGIAS DA PESQUISA	37
2.2 ESTUDOS CULTURAIS: ALINHAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	38
2.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA	41
III. JUVENTUDE NEGRA E NEGRITUDE MEDIADA	47
3.1 NO PRIMEIRO ENCONTRO: RAÍZES E ERVAS DANINHAS	47
<i>OT1 – Eu, Thainá, à bordo: (auto)descoberta e (auto)análise de resultados</i>	58
3.2. CULTIVANDO FLORES E COLHENDO FRUTOS	61
<i>OT2 – Eu, Thainá, navegando: (auto)descoberta e (auto)análise de resultados</i>	79
3.3 O TERCEIRO ENCONTRO	81
<i>OT3 – Eu, Thainá, o adubo: (auto)descoberta e (auto)análise de resultados</i>	94
3.4 REPLANTE	96
<i>OT4 – Eu, Thainá, a semente: (auto)descoberta e (auto)análise de resultados</i>	101
IV. GUIA DIGITAL DO EMPODERAMENTO NEGRO	102
4.1 CONCEITO	103
4.2 ESTRUTURA E CONTEÚDO DO E-BOOK	104
4.3. CONCEITOS VISUAIS	114
4.4. PUBLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO PRODUTO	114
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
<i>O voo da borboleta: (auto)descoberta e (auto)análise nas considerações finais</i>	118
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICES	127
APÊNDICE 1: RESPOSTAS AO FORMULÁRIO DA OT 3.....	127

APÊNDICE 2: <i>WIREFRAME</i> DO PRODUTO.....	137
APÊNDICE 3: #FUNDOVOZESNEGRAS NO YOUTUBE.....	147
ANEXOS	150

I. PROPOSIÇÃO

Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.
Ângela Davis, 2017¹

1.1 Origem do estudo

Sou uma mulher negra, nascida em 1989, na cidade de Guarujá – SP, Nesse momento em que escrevo, tenho 30 anos. Demorei para me autodescobrir e contemplar minha raça. Percebo, em minha jornada profissional como professora universitária, que grande parte dos poucos jovens negros que estudam na universidade particular em que leciono estão cada vez mais conscientes de sua negritude.

Noto que esses jovens consomem um significativo volume de conteúdos digitais, pelas conversas em que participo com eles e pelo que me contam. Confidenciam-me muitas histórias e compartilham conteúdos digitais produzidos por e para negros. Não raro recebo *links* sobre empoderamento, sobre profissionais que estão em destaque em suas áreas de atuação e eventos organizados pelas redes sociais.

Comparando as atividades deles com minha própria jornada universitária, me dou conta que não consumi tantos materiais digitais, ou mesmo analógicos, sobre representação negra, quanto eles o fazem atualmente. Em parte, porque esses conteúdos não existiam e, em outra parte, porque esses meios digitais ainda eram bastante insipientes. A falta de representatividade do negro também existe no ambiente virtual. Eu não consumia, não via e nem vivia a minha negritude online.

Descobrir-me, ou entender-me, negra, provocou uma importante mudança. Ao longo da minha vida pessoas pretas e pardas sofreram violências simbólicas, ou mesmo agressões explícitas, tenham sido microagressões ou não, sem que se dessem conta ou soubessem o porquê disso. O processo de criação de suas identidades passou por identificar e categorizar essas atitudes. Djamila Ribeiro (2019, p. 30), em seu livro

¹ Discurso de Angela Davis durante a conferência de abertura da Escola de Pensamento Feminista Negro, em 17 de julho de 2017, na cidade de Cachoeira-BA, publicado no artigo "Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira", da pesquisadora Ângela Figueiredo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, acessado em 13 de março de 2020, em <https://www.scielo.br/pdf/rdp/v9n2/2179-8966-rdp-09-02-1080.pdf>.

Pequeno Manual Antirracista, utiliza uma frase da pesquisadora Joice Berth para retratar o que acontece com grande parte dos negros no país: “não me descobri negra, fui acusada de sê-la”. Encontrei essa fala como denominador comum entre mim, minha geração e meus alunos e alunas.

Com todas essas inquietações, percebi a possibilidade que tenho de tratar dessas questões com esses estudantes, devido à minha proximidade com os jovens universitários, numa troca de experiências que vai além da sala de aula, visto que agora é possível acompanhá-los também em ambientes online como redes sociais e comunicadores instantâneos. Essa condição favorece a análise e compreensão de como esses conteúdos digitais produzidos por e para negros interferem na vida dos jovens negros, em sua jornada de autodescoberta da sua negritude, para que construam uma trajetória enquanto cidadãos negros na sociedade midiaticizada.

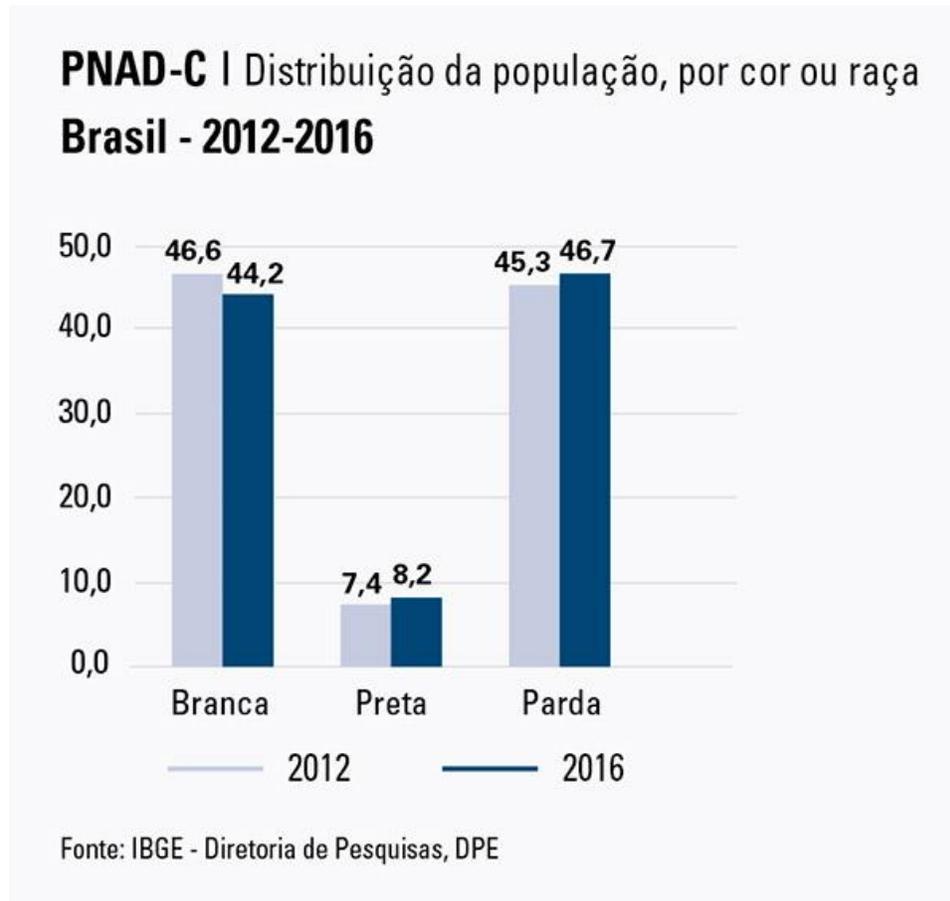
1.2 Problematização

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016, realizada pelo IBGE², com relatório de dados disponibilizados em 2017 em seu endereço eletrônico, aproximadamente 54% da população brasileira é negra ou parda. O número de pessoas que se autodeclaram pertencentes à raça negra aumenta a cada ano. Somente entre 2012 e 2016, dado da última pesquisa divulgada, este percentual teve incremento de 14,9%.

A sensação de representatividade e pertencimento gerada pela identificação de pessoas negras em papel de destaque, bem como o conhecimento e consciência de seus problemas enfrentados e o desejo de fazer algo diferente podem ser propulsores desse aumento significativo.

2 Dados divulgados em 27 de novembro de 2017 em matéria publicada no site agenciadenoticias.ibge.gov.br, na editoria Estatísticas Sociais, referente à pesquisa PNAD Contínua, com dados coletados de 2012 a 2016. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acessado em 22 de abril de 2019.

Figura 1: Distribuição da população brasileira por cor ou raça



Fonte: Diretoria de Pesquisas IBGE. <https://bit.ly/3c29J2u> acessado em 22 de abril de 2019.

Vivemos em uma sociedade que consome cada vez mais conteúdos produzidos por pessoas que se intitulam “especialistas” em diversos assuntos. Quando se trata principalmente do público jovem³, considerado atualmente um nativo digital (PRENSKY, 2001), o conteúdo gerado pelos intitulados “influenciadores” é realmente significativo em termos de quantidade e de qualidade.

³ Classificação retirada do livro *População jovem no Brasil*, publicado pelo IBGE em 1999, onde a faixa etária dos jovens vai de 15 a 24 anos. Nesta pesquisa, considerando a idade universitária, utilizarei como base os jovens de 18 a 24 anos. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9292-populacao-jovem-no-brasil.html?=&t=o-que-e> acessado em 25/04/2019.

Em dados divulgados pelo YouTube⁴ em 2018, mais de 800 canais brasileiros possuíam mais de um milhão de inscritos. Destes, 23 possuíam mais de dez milhões de inscrições à época, o que configurou um amplo alcance nas plataformas digitais. Atualizando os números para novembro de 2020, último dado consolidado encontrado, divulgado pelo YouTube e replicado pelo site do jornal Estadão⁵, mais de 1.800 canais possuíam mais de 1 milhão de inscritos, com 78 canais acima dos 10 milhões de inscrições, segundo a plataforma SocialBlade, em 2021.⁶

Apesar da profícua produção de conteúdo feita por influenciadores brasileiros com grande volume de acessos, poucos deles são negros, segundo a mesma pesquisa, considerando, para essa análise a métrica de inscritos no canal. Inscritos, dentro da plataforma YouTube, são as pessoas que manifestam o interesse em acompanhar o conteúdo de determinado canal, selecionando esta opção no site para receber avisos de publicação de conteúdo, tão logo eles sejam publicados.

Outra lista semelhante, divulgada pela plataforma de monitoramento de redes sociais *Social Blade*, em 2017, e replicada no site do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Cidade de São Paulo, indicou que dos 100 maiores canais em número de visualizações de vídeo, apenas 8 deles pertenciam⁷ a negros criadores de conteúdo. Trazendo dados atualizados de 2021⁸, apenas 4 produtores negros figuram esta lista disponibilizada pela plataforma. Não há matérias ou dados que apontem o motivo definitivo da queda, mas observando da lista atualizada, nota-se que a maior parte dos canais com maior número de visualizações são de cantores, *gamers* ou canais infantis. Uma hipótese que pode ser considerada é o contexto da pandemia, que trouxe para o

4 Pesquisa encomendada pelo YouTube à Provokers, apresentada pelo presidente nacional do YouTube Brasil, Fábio Coelho, em 19 de setembro de 2018. Fonte: <https://bit.ly/3oFshwD>. Acessado em 22 de abril de 2019.

5 Matéria divulgada no portal do jornal Estadão. Disponível em <https://bit.ly/3hXy8vY>. Acessado em 10 de maio de 2021.

6 Ranking disponibilizado no site da plataforma SocialBlade. Disponível em <https://socialblade.com/youtube/top/country/br/mostsubscribed>. Acessado em 10 de maio de 2021.

7 Matéria divulgada no site do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, segundo lista da plataforma Social Blade, disponível em <https://bit.ly/3fqNBDi>. Publicado em 21 de dezembro de 2017. Acessado em 30 de abril de 2020.

8 Ranking disponibilizado no site da plataforma SocialBlade. Disponível em <https://socialblade.com/youtube/top/country/br/mostviewed>. Acessado em 10 de maio de 2021.

YouTube um grande número de shows ao vivo, as chamadas *lives* de diversos cantores que figuram na lista, e também pode ter impulsionado o consumo de vídeos de canais infantis e de jogos, também bastantes presentes na classificação.

Nota-se que a plataforma YouTube também identificou a necessidade de apoiar canais de produtores negros de conteúdo, pois em outubro de 2020 lançou o #FundoVozesNegras do YouTube⁹, uma iniciativa global, que conta com 35 participantes brasileiros. A proposta inicial é fomentar e distribuir com recursos esses canais, incentivando a produção dos vídeos. A iniciativa recebeu grande destaque na mídia, porém, ainda não se encontram dados sobre o projeto. Bibiana Leite (2021), líder do projeto YouTube Black America Latina, expressa na página disponível no blog do YouTube: “Nosso objetivo é apresentar narrativas inovadoras que enfatizem o poder intelectual, autenticidade, dignidade e alegria das vozes negras, bem como educar o público sobre a justiça racial”.

A lista apresentada pelo YouTube contempla diversas categorias e canais e está disponibilizada como apêndice desta dissertação.

A questão de representatividade e do preconceito está também expressa no ambiente digital pois, apesa demais da metade da população brasileira ser não-branca, a menor parte dos influenciadores com alto índice de engajamento o são.

A este fato, pode-se atribuir algumas hipóteses, que tentaremos elucidar ao longo do desenvolvimento desta investigação. Por de metodologia desenvolvida com este público específico, consumidor de conteúdos digitais, pode-se se verificar como o consumo de conteúdo para estes jovens acontece ou não por meio de identificação com o influenciador, no sentido de se sentirem representados socialmente, por desconhecimento de perfis que os represente, ou por alguma característica tecnológica das plataformas de distribuição de conteúdo digital. Para Silva (2019, p. 4), os algoritmos tomam cada vez mais as decisões por nós e nos mostram conteúdos de acordo com a sua programação. O resultado disso impacta no cotidiano e na forma como se dão os comportamos no ambiente virtua de modo a “reproduzir relações de poder e opressão já existentes na sociedade”.

9 Conteúdo publicado no blog do YouTube, disponível em <https://bit.ly/3uaH4kR>. Acessado em 03 de fevereiro de 2021.

Os problemas relacionados a esse contexto tecnológico que invisibiliza grupos historicamente oprimidos, seja no contexto de raça, gênero, classe e outros, na internet e mídias digitais, afasta do público consumidor o conteúdo gerado por produtores desses grupos. Tal prática de invisibilização, reproduzida em outras esferas do mundo digital, como bancos de imagens digitais e resultados de pesquisa, vem sendo analisada e catalogada por relatórios e grupos de pesquisadores que estudam as tecnicidades e microagressões no ambiente digital. Relacionada à raça, pode-se entender que o sistema de opressão que ocorre online, é reflexo de um sistema do mundo *off-line*, conforme apontado por Silva (2019, p. 3):

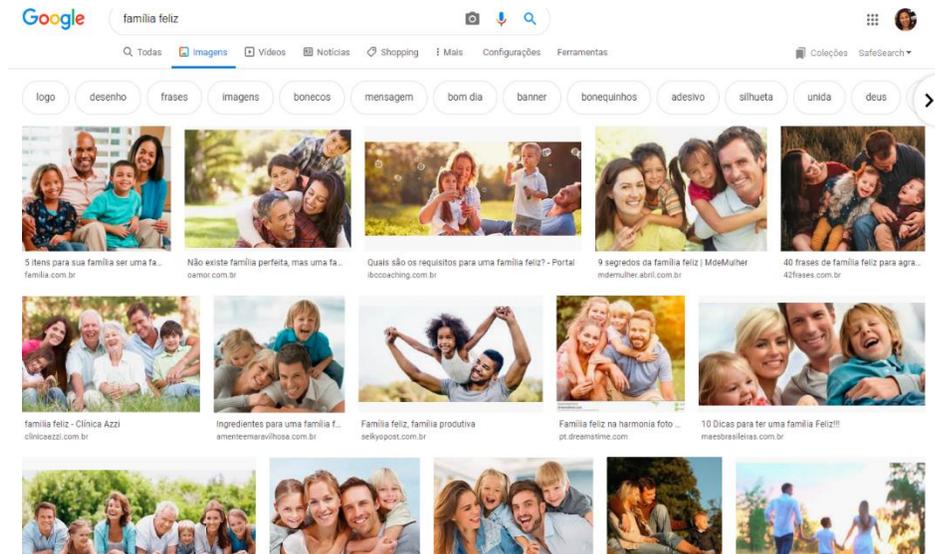
A manutenção e reprodução dos privilégios da branquitude partindo de uma centralidade evocativa à Europa se ligaram histórica e economicamente à dominação colonial e neocolonial, com desdobramentos da ciência à tecnologia, mas sempre através da evitação ao debate sobre raça.

A influência do caráter representativo dos algoritmos e da internet em nossas escolhas e noções de representação social podem ser vistas nas figuras 2 e 3, elaboradas pela autora, nas quais exemplificam como os algoritmos podem reforçar sistemas de opressão dominantes em relação à raça, quando utilizamos palavras genéricas para fazer uma busca na internet. Busca esta que pode acontecer no contexto doméstico, com o uso na internet dentro de casa para as tarefas do dia a dia, ou ainda no contexto escolar, visto a ampla utilização das plataformas de busca para realização de trabalhos, e também por agências e profissionais de propaganda para a criação de anúncios.

Abrindo a ferramenta Google Imagens¹⁰ e digitando o termo “Família Feliz”, em português, dos quinze primeiros resultados, apenas três trazem diversidade racial, apesar do Brasil ser um país reconhecidamente miscigenado:

¹⁰ A ferramenta faz parte da plataforma de pesquisas da empresa Google.

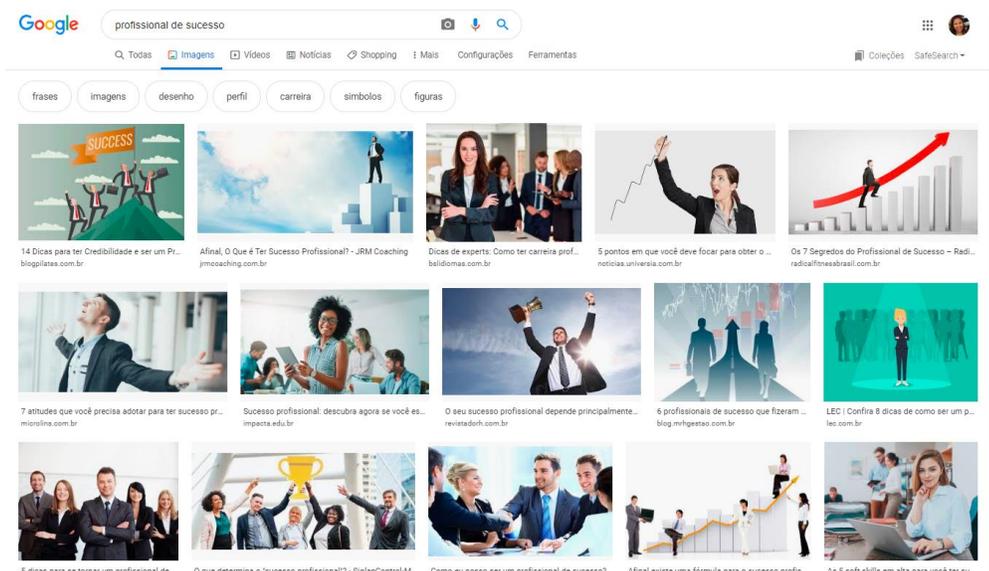
Figura 2: Pesquisa por "Família Feliz" no Google Imagens



Fonte: da autora, 2020. Pesquisa feita em 17 de maio de 2020. *

Nota-se que, mesmo utilizando o idioma oficial do país e estando com o navegador configurado para uma localização brasileira, ao buscar os termos “Profissional de Sucesso”, o mesmo número é apresentado:

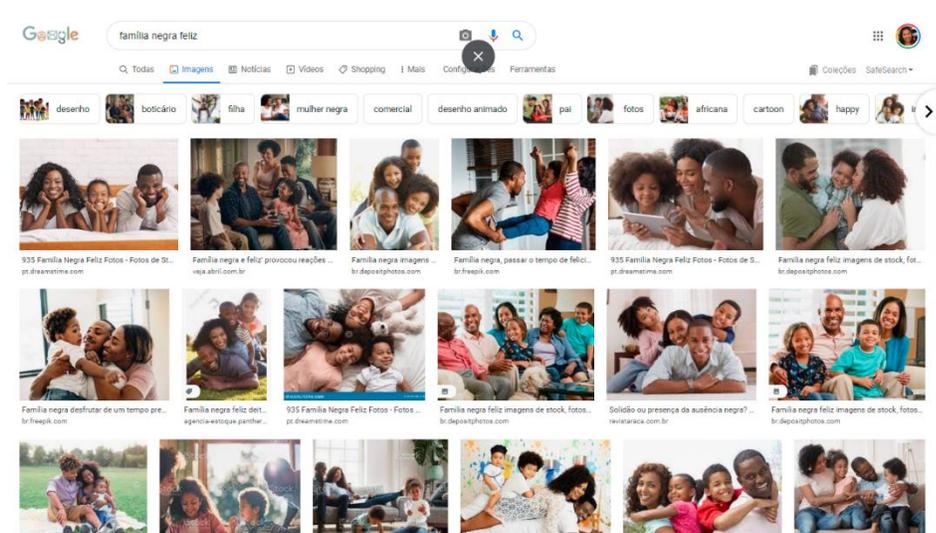
Figura 3: Pesquisa por "Profissional de Sucesso" no Google Imagens



Fonte: da autora, 2020. Pesquisa feita em 17 de maio de 2020. *

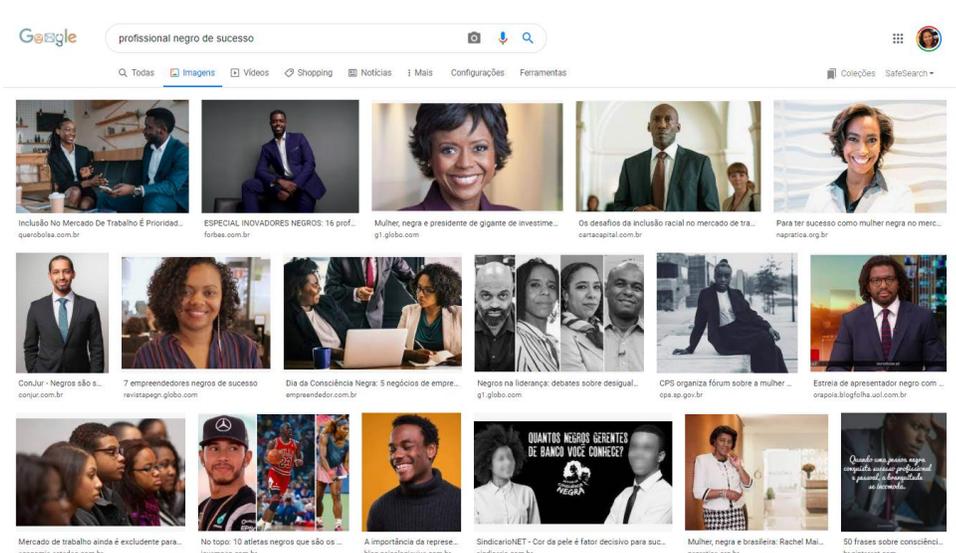
Para encontrar mais imagens que representem a população negra nos contextos citados anteriormente, é necessário incluir a palavra “negra” no termo de busca, como exemplificado nas duas imagens abaixo, nas quais as mesmas buscas anteriores foram reproduzidas, incluindo o termo “negra” no Google Imagens:

Figura 4: Resultado da busca “Família Negra Feliz” no Google Imagens



Fonte: da autora, 2021. Pesquisa feita em 28 de abril de 2021.

Figura 5: Resultado da busca Profissional Negro de Sucesso no Google Imagens

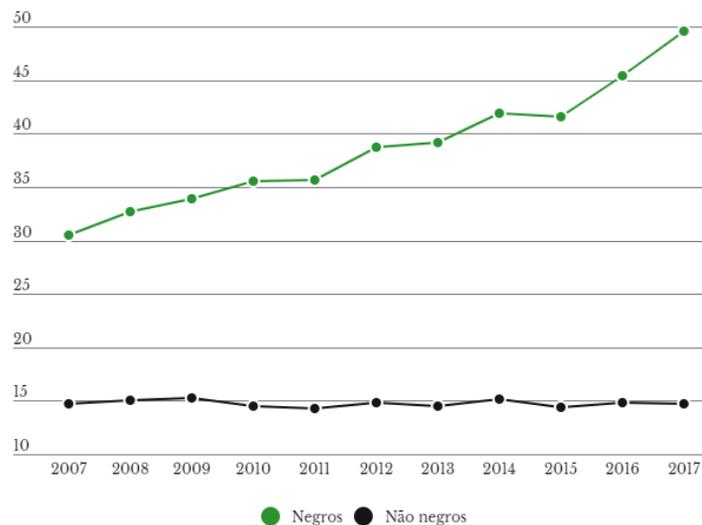


Fonte: da autora, 2021. Pesquisa feita em 28 de abril de 2021.

Tais ações reforçam os apontamentos feitos por SILVA (2019) sobre a reprodução digital das relações de poder registradas no mundo *off-line*. Sendo o país reconhecidamente miscigenado, com predominância da população negra, seria natural que ao buscar termos amplos, como família feliz e profissional de sucesso, a realidade numérica fosse transposta na tela mas, como pode-se notar nas imagens e citações anteriores, isso não acontece.

No Brasil, as marcas do período colonial e os traços da escravidão ainda são visíveis na sociedade, conforme apontam os gráficos a seguir:

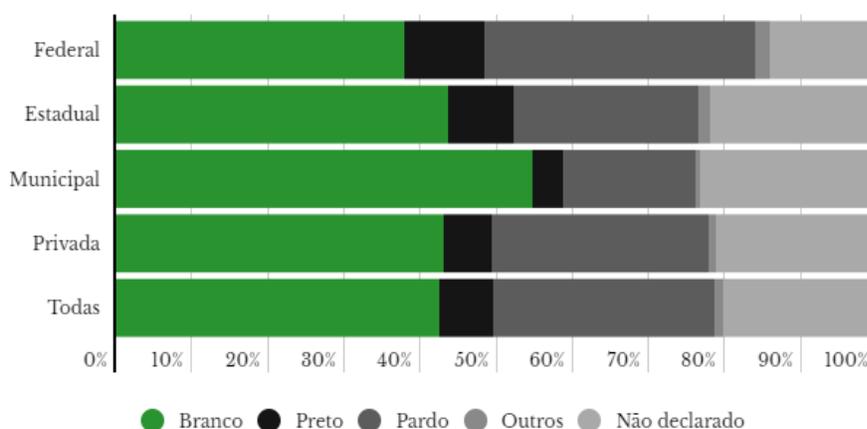
Figura 6: Número de Homicídios por Cor ou Raça



Fonte: Agência Lupa, baseado no Atlas da Violência 2019, disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil> acessado em 01 de maio de 2020. *Número em milhares.

A escalada do número de homicídios de pessoas negras em relação às não negras é acelerada na última década. Ao fim da pesquisa pode-se notar que este número é mais de três vezes superior. Mesmo que a maior parte da população se autodeclare negra, ou seja, a maioria, a desproporcionalidade no número de homicídios causa espanto.

Figura 7: Proporção de negros por tipo de instituição de Ensino Superior



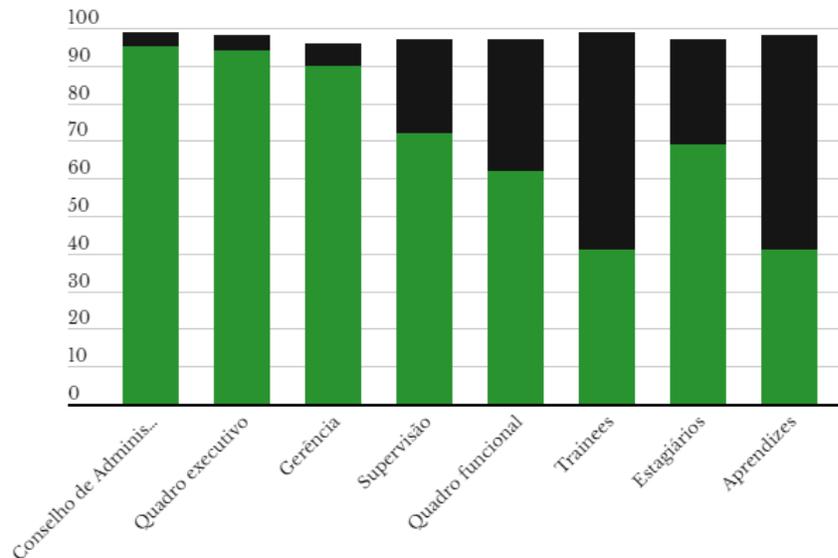
Fonte: Agência Lupa, baseado na Sinopse Estatística do Ensino Superior, disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil> acessado em 01 de maio de 2020.

Considerando os dados expostos no gráfico 3, nota-se que pouco mais de 35% dos estudantes universitários do país são negros, considerando todas as instituições de ensino. Retoma-se aqui o ponto de que mais da metade da população se auto-intitula negra, mas ainda assim, poucos conseguem entrar no Ensino Superior, proporcionalmente. Em dados divulgados pela pesquisadora Tatiana Dias Silva (2020), em pesquisa realizada para o IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, as políticas afirmativas e programas como FIES e Prouni auxiliam a entrada de pessoas negras na vida acadêmica, mas este número ainda está longe do ideal, se quisermos uma sociedade mais igualitária.

Um baixo nível de instrução impacta diretamente nas contratações de negros em cargos de gerência e diretoria. O gráfico 4 mostra isso de forma muito explícita. Poucos são os negros em posições de destaque em grandes corporações, proporcionalmente, no país. Há ainda um efeito simbólico de representação, como destaca a matéria da Agência Brasil disponibilizada em seu site em 20 de novembro de 2020¹¹. Ver e conhecer pessoas negras em posições de poder mostra às crianças negras que elas também podem chegar lá.

11 Matéria da Agência Brasil divulgada em 20 de novembro de 2020: <https://bit.ly/338jj17>. Acessada em 30 de março de 2021.

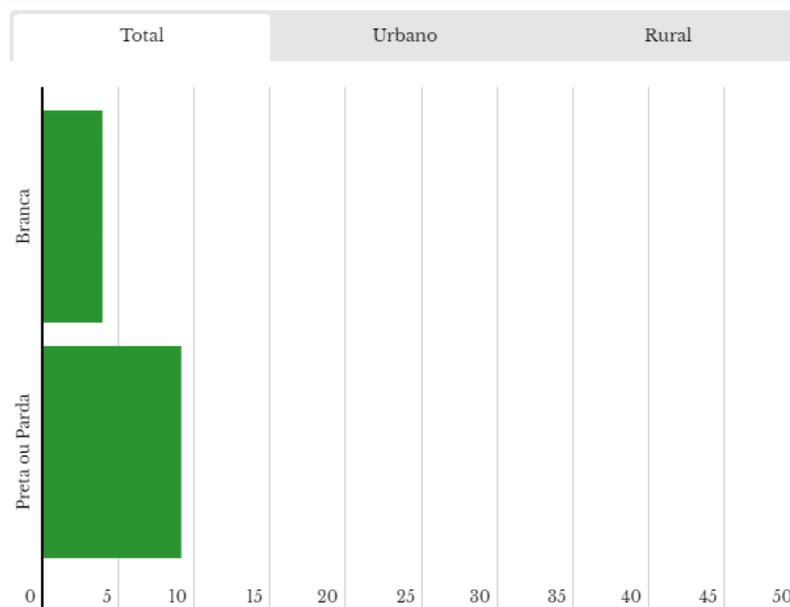
Figura 8: Distribuição de trabalhadores por cor ou raça



Fonte: Agência Lupa, baseado em dados do Instituto Ethos de Empresas e Desigualdade Social, disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil> acessado em 01 de maio de 2020.

A alfabetização é outro dado relevante, retratada no Gráfico 5. Proporcionalmente, temos aproximadamente 4% de brancos não alfabetizados no país, e quase 10% de negros, o que pode significar um menor índice de acesso à educação formal básica. Esse índice, somado aos demais indicadores sociais apresentados, podem apontar para um cerceamento de direitos básicos do cidadão, como o direito à vida e à educação, que, se limitado ou violado o direito à educação, diminuir também as chances de ascensão profissional desse cidadão.

Figura 9: Analfabetismo, por cor ou raça



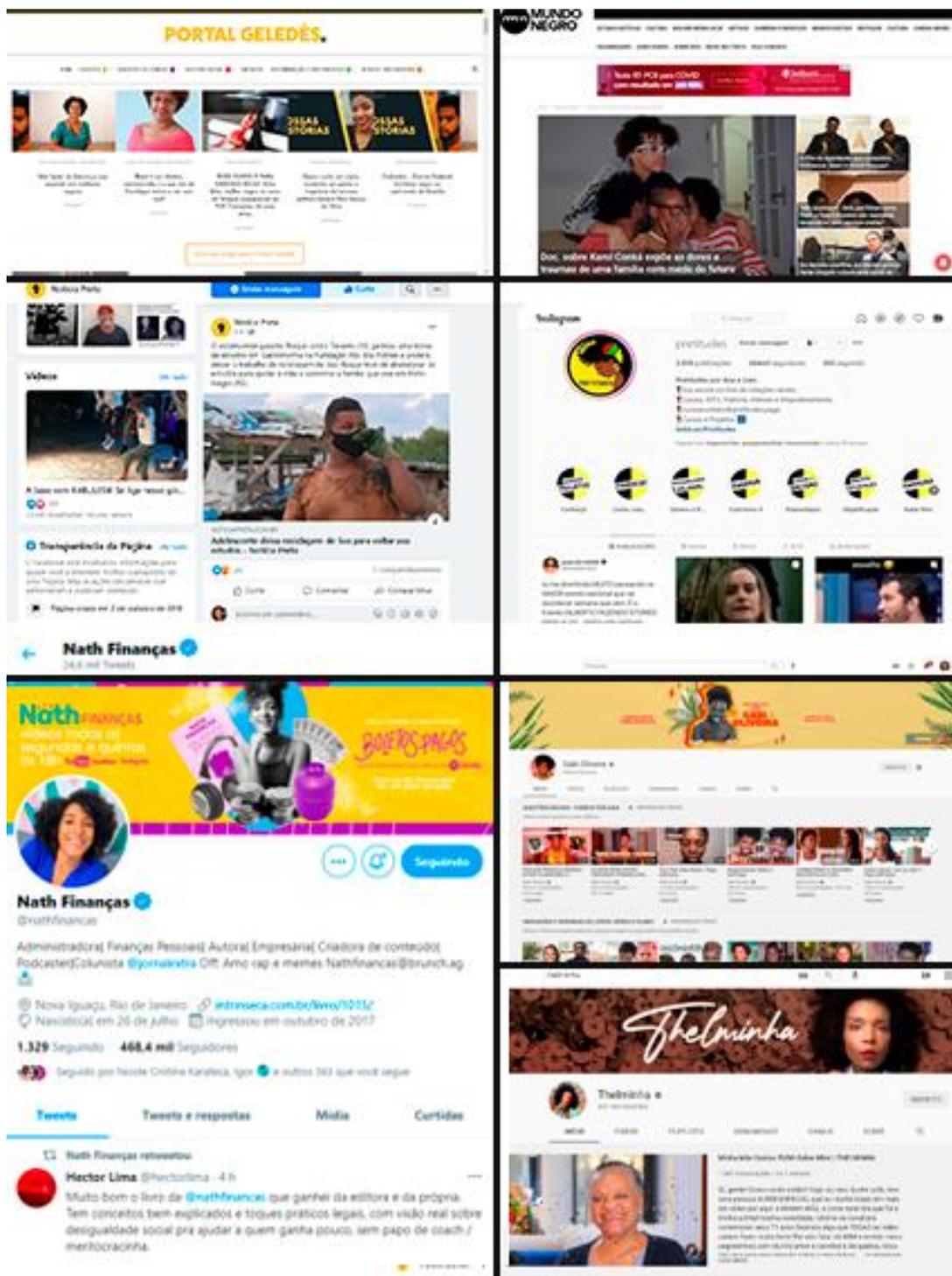
Fonte: Agência Lupa, baseado no estudo "Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil", do IBGE, 2018, disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil> acessado em 01 de maio de 2020.

Direcionando o olhar para as mídias sociais e a internet é importante entender e reconhecer que não apenas os influenciadores e redes sociais digitais devem ser considerados nesse estudo, visto que o universo digital oferece múltiplas possibilidades de consumo de conteúdo, como sites, portais, jogos, notícias e plataformas de comunicação virtual. Segundo relatório da pesquisa *PNAD Contínua do IBGE*, em 2018, 85% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos possuíam à época acesso à internet utilizando algum dispositivo¹². Diversas são as oportunidades de consumo de conteúdo para este público.

A seguir, alguns exemplos de conteúdos voltados/produzidos pelo público negro/não-negro na internet:

¹² Pesquisa PNAD Contínua divulgada pelo IBGE em 2018. Dados obtidos em matéria disponível no site Canal Tech, disponível em <https://canaltech.com.br/internet/brasil-tem-116-milhoes-de-usuarios-de-internet-afirma-ibge-108612> - acessada em 01 de março de 2020.

Figura 10: Composição com imagens de portais e conteúdos voltado para negros



Fonte: da autora (2021). Portais Geledés, Mundo Negro, Facebook da Notícia Preta, Instagram Pretitudes, Twitter Nath Finanças e YouTube dos canais Gabi Oliveira e Thelminha.

Na Figura 5, criada pela autora, podemos ver alguns exemplos de conteúdos digitais produzidos por e para negros, que abordam os mais variados assuntos, sejam eles referentes à negritude ou não. Os produtos de conteúdo digital, ou influenciadores, estão nas mais variadas plataformas, como sites, blogs e perfis em redes sociais, mas, nem sempre com tanto destaque como outros influenciadores não-negros que abordam os mesmos temas, como já apontado em parágrafos anteriores neste capítulo.

Os vídeos dos canais de YouTube (produtos midiáticos), as publicações em redes sociais digitais, como Facebook, Instagram, Twitter, TikTok e outros, além de sites voltados para a comunidade negra, podem ser concebidos como textos culturais nas mídias. Ou ainda como destaca Martín-Barbero (1987), um lugar no qual as mediações culturais entre o emissor e o receptor se dão. O universo cultural de afrodescendentes está representado nos discursos do cotidiano, dos hábitos e da cultura desses produtores negros de conteúdo, como referenciais simbólicos que definem suas identidades na sociedade atual. Trata-se de um discurso da negritude, no sentido de ressaltar as características de pessoas negras, em seu sentido étnico, discorrendo sobre certo sentimento de orgulho ou conscientização acerca da cultura e dos hábitos de vida de pessoas negras ou afrodescendentes.

Deste modo, dessa pesquisa tem como tema principal o processo de empoderamento pelo qual os jovens negros brasileiros passam até se aceitarem e se reconhecerem como negros, bem como a construção de uma identidade negra para o exercício da cidadania, enquanto nativos digitais com perfis ativos em redes sociais digitais e consumidores de conteúdo online.

Assim, pergunta-se: **Como as práticas midiáticas digitais possibilitam a construção da identidade social e as noções de cidadania em jovens universitários negros?**

1.3 Objetivos

O objetivo principal dessa pesquisa é: **descrever de que modo práticas midiáticas digitais possibilitam a construção da identidade social e noções de cidadania em jovens universitários negros.**

Sendo assim, os objetivos específicos dessa pesquisa são:

- Analisar discursos dos jovens negros universitários (textos verbais e imagéticos) como textos de mediação cultural, identificando como se fala, para quem fala, o que fala e que sentido se dá a fala. Estes elementos podem oferecer ao pesquisador da comunicação a possibilidade de identificar as cargas simbólicas identitárias desse grupo;
- Identificar as apropriações simbólicas que jovens negros universitários fazem ao consumirem as mídias digitais;
- Construir juntamente aos jovens negros universitários suas identidades sociais;
- Elaborar um Guia Digital do Empoderamento Negro, como produto de mídia digital, cocriado com os participantes das oficinas.

1.4 Justificativa da Pesquisa

Esta pesquisa justifica-se como uma importante contribuição para a área de Comunicação de Interesse Público, pois trará à luz os aspectos comunicacionais envolvidos no processo da autodescoberta, identificação e empoderamento do público-alvo abordado, o que pode ser visto como inovador diante dos referenciais bibliográficos discutidos adiante.

Para produtores de conteúdo brasileiros há, ainda, a possibilidade de utilizar os dados divulgados nesta dissertação para a criação de seus materiais, a fim de conhecer melhor os processos de recepção e mediação, engajar mais o seu público e produzir formatos e conteúdos capazes de envolvê-los com a proposta de empoderamento e de sua construção identitária.

Hoje, em língua portuguesa, dentro dos limites desta pesquisa, não foi encontrado referências a um guia para criar ou produzir conteúdo voltado para o público negro.

Para o público-alvo primário, esta pesquisa justifica-se relevante para que possam identificar e divulgar como pode se dar a construção das identidades e noções de cidadania dos jovens universitários negros. Essas informações podem auxiliar outros jovens a também encontrarem um repositório com influenciadores e produtores audiovisuais relacionados à identidade negra.

E, por fim, os resultados obtidos nesta pesquisa também podem auxiliar professores e instituições de ensino superior a encontrarem formas de abordar conteúdos

sobre diversidade racial e construção identitária para jovens negros em suas aulas e conteúdos institucionais, como as divulgações em canais oficiais da internet.

1.5 Delimitação do Estudo

O *lócus* dessa pesquisa é a Baixada Santista e os sujeitos são os jovens universitários, selecionados entre os estudantes do Centro Universitário São Judas Tadeu campus Unimonte, que estão cumprindo sua jornada acadêmica até a data prevista de encerramento desta pesquisa. São oito jovens negros de 18 a 24 anos, de quaisquer cursos ou semestres, moradores de uma das nove cidades que compõem a região.

1.6 A Inovação na Comunicação de Interesse Público

A Comunicação é essencial na vida do indivíduo e em sociedade. Quando nos comunicamos, expressamos ideias, consumimos conteúdos, interagimos com outras pessoas e nos posicionamos no mundo. Comumente confundida com a linguagem, para Sodré (2014, p.19) a palavra comunicação traz uma conhecida ambiguidade, pois é tratada, em dados momentos, como a troca social de mensagens, mas também é tida como uma combinação de fatores, como biológico, social, econômico, no qual haja a seleção e combinação de signos e sinais, e muitos outros significados. Para o autor, a comunicação tem um sentido maior do que sua etimologia, pois é mais do que apenas a “transmissão” ou difusão, mais que informação, seja no sentido de ideias ou palavras ou nos recursos tecnológicos que a suportam.

Os conceitos interdisciplinares que compõem a comunicação tornam sua definição e seus objetos de estudo complexos de serem definidos. Sintetizando os estudos de Sodré (*apud* BORGES, 2019, p. 17), a comunicação é uma prática do comum cujo objetivo é a criação e manutenção de vínculos.

Sob a ótica comunicacional desses autores e outros teóricos estudados, esta investigação se debruça sobre os vínculos de empoderamento e noções de cidadania que possibilitam a construção da identidade entre os jovens negros universitários e os conteúdos consumidos por eles nas mídias digitais.

A comunicação de interesse público, vínculo essencial para as pesquisas deste programa, opera na intersecção de várias formas de comunicação de diferentes atores sociais e pode utilizar uma variada gama de mídias e formatos em sua formulação (COSTA, 2006, p. 20).

Segundo o autor, pode-se definir comunicação de interesse público como:

...toda ação de comunicação que tem como objetivo primordial levar uma informação à população que traga resultados concretos para se viver e entender melhor o mundo. Na Comunicação de Interesse Público, os beneficiários diretos e primordiais da ação sempre serão a sociedade e o cidadão (COSTA, 2006, p. 20).

Considera-se, assim, que a prática de racismo e as suas consequências sociais como alto número de homicídios, desemprego, maiores índices de analfabetismo e muitos outros apontados em capítulos anteriores, e amplamente divulgados na mídia, são problemas que afetam direta ou indiretamente toda a sociedade, uma vez que a vida social é coletiva. Para melhor compreensão dessa problemática, todas as formas de comunicação que levem a combater o racismo são de interesse público, pois sua resolução traz significativo impacto na população como um todo, pois a missão da comunicação de interesse público “se traduz num esforço para difundir, influenciar ou mudar comportamentos individuais ou coletivos em prol do interesse geral” (COSTA, 2006, p. 20).

O processo de empoderamento de grupos discriminados é importante e gera transformações sociais e individuais que, por sua vez, age em ressonância em diversas camadas da sociedade. Assim, compreender as mediações dessa comunicação entre grupos negros da sociedade midiática digital contribui para o desenvolvimento da comunicação de interesse público e para a orientação das ações comunicacionais que permitam a gestão dessa comunicação.

Sobre inovação, pode-se conceituar a palavra como “o efeito ou o ato de inovar. Assim, pode ser pensada como substantivo (o novo) ou como verbo (inovar).” (ROSSETTI, 2013, p. 65). De acordo com a tabela de categorias de inovação para os estudos de inovação de Regina Rossetti (2013), este estudo alinha-se com a ideia de inovação substancial, tendo como resultado algo novo, inédito, original, sendo uma

inovação relativa, ou seja, criada a partir de algo existente (ROSSETTI, 2013, p.67-68), as vivências e experiências relatadas pelos universitários que participaram do estudo.

Quadro 1: Categorias de Inovação para os setores da Comunicação

Categorias aristotélicas	Atos de inovação	Efeitos da inovação	Termos semelhantes	Categorias de inovação
Substância	Criação Invenção	Inédito Original Novo	Renovação Recriação Cocriação Transubstanciação Experimentação Legítimo Genuíno Singular	Inovação substancial
Qualidade	Alteração Transformação Modificação	Novidade	Movimento Mutaçao Transmutação Transmutação Reformulação Deformação Metamorfose Transfiguração	Inovação qualitativa
Quantidade	Multiplicação	Múltiplos	Varição	Inovação quantitativa
Relação	Diversificação Diferenciação	Diverso Diferenciado Diferente	Dessemelhança Incomum Alteridade	Inovação relativa
Lugar	Salto Tradução Transposição		Transverter Adaptação Transportação	Inovação espacial
Tempo	Evolução Ruptura	Primeiro Primordial Matricial	Desenvolvimento Aprimoramento Aperfeiçoamento Progresso Incremento Corte	Inovação temporal
Ação	Sujeito inovador			Inovação ativa
Paixão		Objeto inovado		Inovação passiva

Fonte: Categorias de inovação para estudos em Comunicação. Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27:(63-72), 2013, Rossetti,

A inovação pode estar presente no sujeito (ROSSETTI, 2013, p. 65) e no ato de empoderar-se e trazer uma nova visão sobre si e sobre sua identidade e cidadania como uma inovação ativa nas pessoas envolvidas no processo, o que, no caso, é aqui representado pelos jovens universitários negros. O consumo, a assimilação de conteúdo e a reflexão sobre este conteúdo em sua vida provoca, hipoteticamente, uma mudança. E, segundo a autora, “mudança é o conceito fundamental para a compreensão da inovação, pois toda mudança traz a novidade” (ROSSETTI, 2013, p. 67).

A inovação ativa conceitua-se da seguinte forma:

É a inovação pensada como ato em que o processo faz surgir o novo e diz respeito à ação de inovar, a ação de tornar novo, renovar. Diz respeito

também ao agente inovador, isto é, o sujeito que inova e, neste sentido, a inovação está no sujeito como seu princípio. No campo da Comunicação, este sujeito inovador diz respeito aos agentes envolvidos no processo de comunicação (como o emissor e o receptor) e diz respeito também às novas visões teóricas da comunicação. (ROSSETTI, 2013, p. 70).

Diante do exposto, há de se considerar também que o conteúdo produzido por negros e para negros é inovador na categoria de “relação”, pois promove conteúdo diverso da maioria produzida e disponível. Segundo Rossetti (2013), ainda que a inovação por diversificação não seja tão significativa, é relevante.

De acordo com as pesquisas indicadas neste trabalho de investigação, este estudo é inovador ao levantar novos olhares sobre o problema da pesquisa, temas pouco estudados em intersecção no Brasil, segundo o estudo bibliográfico realizado, e também por proporcionar que tanto os jovens estudados, quanto os que podem se beneficiar do conhecimento gerado por esta pesquisa, possam promover mudanças em suas vidas, e na sociedade.

1.7 Estrutura da Dissertação

Para a apresentação deste trabalho, estruturou-se as questões metodológicas, os resultados da pesquisa e a aplicação do resultado numa comunicação de interesse público da seguinte maneira:

No capítulo intitulado ENTRE AS PEDRAS E AS FLORES DO CAMINHO apresenta-se o delineamento metodológico, a apresentação da proposta de oficinas de trabalho e apresentação dos participantes, bem como os conceitos-chave norteadores da mirada teórica escolhida.

Em seguida, no que se configura como terceiro capítulo nesta estrutura – intitulado JUVENTUDE NEGRA E NEGRITUDE MEDIADA estão apresentados os resultados e análises das oficinas, a partir de uma escrita que mescla a linguagem acadêmica e a literária. Trazemos também o suporte teórico que dá sustentação para responder aos objetivos traçados no primeiro capítulo, no qual apresentamos as proposições deste trabalho, abrindo a trilha que levará ao próximo capítulo: 4. GUIA DIGITAL DO EMPODERAMENTO NEGRO, que apresenta o produto de comunicação de interesse

público, seu trajeto de construção, conceito criativo e imagético, aplicando os resultados da pesquisa e possibilitando a criação do conteúdo audiovisual e eletrônico.

Por fim, o último capítulo deste Trabalho de Conclusão faz as considerações finais e as conclusões que demonstram a solução do problema de pesquisa e os objetivos atingidos e como o Guia Digital do Empoderamento Negro, produto de comunicação de interesse público que resulta desta pesquisa provoca impactos sociais na comunidade de jovens universitários negros, com reverberação em professores, instituições de ensino e produtores de conteúdo, bem como demonstra novas possibilidades de pesquisas e desdobramentos do produto.

II. ENTRE AS PEDRAS E AS FLORES DO CAMINHO

2.1 Tipologias da Pesquisa

O referencial epistemológico escolhido foi o interpretativista, que considera as subjetividades do sujeito para compreender os fenômenos que acontecem (GIL, 2008). Essa pesquisa também se alinha com a Fenomenologia, pois essa pesquisa - que tem como meta descrever o modo como as práticas midiáticas digitais possibilitam a construção da identidade social e o exercício da cidadania em jovens universitários negros - tem em seu objeto de conhecimento não o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito (GIL, 2008). Desse ponto de vista, a realidade não é tida como algo objetivo e passível de ser explicado como um conhecimento que privilegia explicações em termos de causa e efeito. A realidade é entendida como o que emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno. A realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado. (GIL, 2008, p.14)

A pesquisa será de abordagem qualitativa, tipo exploratória, com coleta de relatos pessoais, obtidos em oficinas com participação e ação dos jovens universitários negros. Devido à pandemia de COVID-19, a dinâmica das oficinas se realizaram no ambiente remoto, em plataformas digitais, para preservar a saúde dos participantes, respeitando as ordens de isolamento social.

O objetivo da oficina foi reunir os jovens e, por meio das ações desenvolvidas, possibilitar que expressassem, em relatos orais, como se identificaram como negros, quais experiências sobre negritude e cidadania já viveram dentro e fora das redes sociais, quais conteúdos consomem online, como escolhem estes conteúdos, o que chama atenção na hora de escolher, consumir e replicar (retuitar, compartilhar, postar ou repostar¹³) este material para os amigos, que aparecerão durante as atividades práticas. A pesquisa qualitativa é a mais indicada para essa proposta, pois foca nas experiências de vida desses sujeitos. Segundo John W. Cresswell (2010), uma das características da pesquisa qualitativa diz respeito ao significado dos participantes, uma vez que:

13 Práticas de compartilhamento de conteúdo nas redes sociais, na linguagem das próprias plataformas, sendo "retuitar" utilizado no Twitter, "compartilhar" no Instagram e Facebook, e postar e repostar em todas as plataformas.

Em todo o processo de pesquisa qualitativa, o pesquisador mantém o foco na aprendizagem do significado que os participantes dão ao problema ou questão, e não ao significado que os pesquisadores trazem para a pesquisa ou que os autores expressam na literatura. (CRESWELL, 2010, p. 209).

Desse modo, essa investigação proporcionou um entendimento geral sobre como os jovens negros universitários constroem suas identidades e noções de cidadania, vivendo numa sociedade midiaticizada. A pesquisa de natureza exploratória é a indicada quando o problema e os objetivos da pesquisa ainda são abrangentes e iniciais, pouco explorados e difíceis de formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008, p.27).

Durante as oficinas com os oito jovens negros selecionados para participarem como sujeitos dessa pesquisa, foi acionado o método das narrativas orais de história de vida, pois segundo Perazzo (2015, p. 122), “os relatos pessoais são vistos como narrativas dos sujeitos, artífices da própria história” e as narrativas orais permitem a expressão de lembranças dos acontecimentos e práticas culturais das nossas histórias de vida. Assim, esta pesquisa se concentra no processo de construção da identidade, diante de uma posição de inovação ativa da comunicação de interesse público, que envolve o passado e presente dos participantes. Para Perazzo (2015, p. 123), cada sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, se revela uma testemunha e um artífice da história. Este é um conceito importante a ser considerado quando tratamos de empoderamento e construção da identidade, pois coloca o jovem no centro de sua jornada, construindo-se enquanto se relaciona com o mundo, com a mídia digital e com o outro.

As relações entre comunicação, memória e cultura são transdisciplinares nessa abordagem, que considera o sujeito como um ser completo e complexo, constituído pelo que viveu e ainda vive. E suas relações de alteridade na sociedade, baseado no contexto cultural em que está inserido.

2.2 Estudos Culturais: alinhamento teórico-metodológico

Para esta pesquisa considera-se essencial o olhar sob a mirada dos Estudos Culturais, pois ele permite a inclusão de um importante conceito, como os efeitos da

cultura nos processos comunicacionais, tendo este aspecto relevância na análise dos resultados obtidos. Para uma melhor compreensão e proveito desta análise é importante compreender as premissas deste campo teórico-metodológico Para Caloca (2015), trata-se de uma nova forma de entender a cultura, sua significação e significado, codificação e decodificação.

Na América Latina, alguns dos precursores do movimento que conforma os Estudos Culturais foram Martín-Barbero (1987) e Canclini (1982) que buscaram outras direções de pesquisa, além dos estudos tradicionais. Incluíram outras visões no contexto da comunicação, como a perspectiva cultural e a produção cultural da sociedade, mudaram a cultura de foco, deixando de ser vista como expressões de erudição e/ou arte, conectando suas ideias aos conceitos propostos por Williams (1958) e Hoggart (1957).

Stuart Hall é outro dos expoentes dessa vertente teórica e seu pensamento do e para o culturalismo transcendeu temas prévios canônicos do estritamente cultural, tais como análise literária, crítica de arte, etnografia ou televisão, e entrou nos limites da construção da identidade, pós-colonialismo, estudos juniores e artefatos culturais (CALOCA, 2015, p. 3). Entre os elementos de discussão dos Estudos Culturais está a questão da identidade social. Hall (2019) aborda o conceito de identidades culturais, “que são aqueles aspectos da nossa identidade que surgem do pertencimento às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais” (HALL, 2019, p.9). Logo, para construir nossas identidades sociais é necessário considerar o contexto e sociedade no qual os sujeitos sociais estão inseridos.

Entendemo-nos das atuais que o sujeito pós-moderno, segundo Hall (2019), tem vivências internas e externas que fragmentam sua identidade, pois ele deixa de ser alguém centrado em seu interior e passa a ser alguém que interage com o mundo exterior, cada vez mais complexo e acelerado. O processo de identificação pelo qual “nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” e produz um sujeito social que não tem uma identidade fixa ou permanente. Assim, a “identidade torna-se uma “celebração móvel””: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados

nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2019, p.11-12).

A identidade do sujeito pós-moderno, categoria na qual inserimos os jovens negros universitários participantes deste estudo, se diferencia dos sujeitos sociais de séculos anteriores, quando podiam ser centrados e racionais, cuja identidade era adquirida ao nascer e pouco alterada ao longo de sua vida, como o sujeito nomeado como iluminista por Hall (2019), ou uma identidade formada na interação do sujeito com o mundo exterior, como o chamado sujeito sociológico da modernidade, definido pelo autor, que construía sua identidade na relação com pessoas com as quais convivia com suas experiências e os sentimentos de alteridade possíveis (HALL, 2019, 11-12).

Desse modo, conceber os descentramentos ou fragmentações da identidade fazem com que esta esteja em constante processo de construção e aprimoramento, como se viu nas narrativas e nos relatos dos jovens negros universitários. Hall (2019) também destaca a construção do “eu” de acordo com a interpretação do “outro”, ou seja, como o outro vê o sujeito afeta a visão que o sujeito tem de si. Sobre a influência do mundo exterior no jeito que o sujeito se enxerga, Hall (2019, p. 24-25) conceitua que

a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós, como indivíduos, mas de uma falta de inteireza, que é preenchida através do nosso exterior, pelas formas nas quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Trazendo a discussão da questão identitária para o ambiente escolar, entendendo que antes de ser universitário, o jovem foi estudante da educação básica, Jango (2011, p. 70) reflete que:

A educação impõe a si o papel de construção da identidade, de construção da autoestima, do reconhecimento do outro. Mas não é possível desempenhar tal papel se na instituição escolar já existe definido um parâmetro de “normalidade”, o qual já destacamos não ser plural e não comportar a diversidade étnica e sociocultural do nosso país. A escola, desse modo, tem apenas reproduzido o imaginário social brasileiro acerca do negro e do que ele representa.

É importante considerar a pluralidade e diversidade, especialmente a racial, no contexto escolar e acadêmico, criando novas significações sobre a normalidade do ser negro, para que os pertencentes a essa raça possam se entender e ver-se representados na sociedade. Pode-se tentar entender a construção da identidade negra sob a ótica da

identidade e memória quando aplicada a um grupo, como fizemos neste estudo, em conjunto com os jovens negros participantes. Nesse sentido, a complexidade de definição da identidade aumenta e o termo identidade pode se tornar impróprio:

O termo é então utilizado em um sentido menos restrito, próximo ao de semelhança ou de similitude, que satisfaz sempre uma inclinação natural do espírito. Se admitirmos esse uso pouco rigoroso, metafórico, a identidade (cultural ou coletiva) é certamente uma representação. (CANDAUI, 2014, p. 25-26)

Quando se lida com as questões de racismo e negritude, a construção identitária que passa pelo olhar do outro, e como o outro nos vê, pode se tornar nociva, pois se todas as representações e opiniões forem voltadas para a violência, seja ela verbal ou física, o significado das palavras relacionadas à negritude receberá a carga da dor, o que fará com que esse sujeito elimine ou tente eliminar esse fragmento de sua identidade.

2.3 Procedimentos e instrumentos de coleta

Entre os procedimentos de coleta de dados, foram realizadas oficinas que possibilitaram a expressão das narrativas dos jovens negros que participaram dessa pesquisa. As oficinas são práticas de encontro entre os jovens e se constituíram como instrumento de coleta de narrativas orais de histórias de vida.

Para desenvolver esta pesquisa e coletar narrativas orais de histórias de vida, como dados que satisfaçam a proposta metodológica, colocando os sujeitos de pesquisa no centro do processo, como participantes ativos da construção da pesquisa e resultados, foi escolhida a técnica da Oficina de Trabalho (OT).

Conforme conceituadas por Fonseca, Oliveira e Fornari (2017, p. 62), as Oficinas de Trabalho (OTs) são instrumentos importantes da pesquisa qualitativa. Surgiu na década de 1970 pelo movimento feminista, oferecendo para mulheres “um espaço de reflexão a respeito da matriz feminina e das relações de gênero a partir das suas experiências cotidianas.”

Trazendo essa proposta para o contexto desta investigação com jovens universitários negros da Baixada Santista, as OTs se configuraram uma boa escolha para

coleta de narrativas e relatos orais, pois permitiram a esses jovens atuar na construção de suas identidades, tanto individual, como coletividade do grupo.

De acordo com Knoeff, Baum e Marachim (2016), “as oficinas constituíram-se como instrumentos importantes de pesquisa ao criar um campo coletivo” que permite que os participantes da pesquisa interajam de forma não hierarquizada, compartilhando suas experiências e contribuindo coletivamente para produção de dados na construção das identidades.

Por conseguinte, foram realizadas quatro oficinas, entre julho e novembro de 2020, para coleta de dados e estruturação do produto. Devido à pandemia de COVID-19, seguindo as normas adotadas no estado e na região, as oficinas foram realizadas no ambiente online, pela plataforma *Google Meet*, e gravadas em vídeo, com duração média de 90 minutos, obedecendo ao roteiro proposto.

Os encontros virtuais seguiram o roteiro estabelecido em projeto de pesquisa. A proposta não foi amarrar e endurecer o momento com regras estritamente definidas, mas construir um fio condutor que trouxe as narrativas necessárias para a construção de identidades.

Participaram oito jovens negros universitários, entre 18 a 24 anos, que estejam cursando quaisquer cursos, em quaisquer semestres no Centro Universitário São Tadeu, campus Unimonte que sejam moradores de uma das nove cidades que compõem a região da Baixada Santista (Santos, Guarujá, Bertioga, São Vicente, Cubatão, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe). A seleção foi realizada por convite formal a esses estudantes, considerando que ainda estarão cumprindo sua jornada acadêmica até a data prevista de encerramento desta pesquisa.

Para localizar estes jovens na instituição de ensino, decidida a ter um grupo com a mesma quantidade de homens e mulheres, com cursos variados, busquei entre meus alunos e ex-alunos que preenchiam o requisito, e também entrei em contato com amigos que estudam ou dão aula em outros cursos além dos meus. Assim, encontrei estudantes de Publicidade e Propaganda, Cinema e Audiovisual, Design, Medicina Veterinária, Administração e Direito.

Após o contato inicial, prestes a iniciar as oficinas, a participante de Medicina Veterinária alegou que devido ao trabalho e faculdade não conseguiria conciliar a

participação no projeto. Então, recorri a uma amiga que estuda Psicologia, e encontrei a 8ª integrante do grupo. São eles:

Quadro 2: Lista de Participantes das Oficinas

Nome	Foto	Idade inicial	Gênero com o qual se identifica	Curso	Cidade
Thainá Rocha (Pesquisadora)		31 anos	Feminino	Professora/ Publicidade e Propaganda	Guarujá
Claudmila Oliveira (Participante 1)		21 anos	Feminino	Publicidade e Propaganda	Mongaguá
Gustavo Soares (Participante 2)		22 anos	Masculino	Publicidade e Propaganda	Santos
Esther Machado (Participante 3)		21 anos	Feminino	Design	Santos
Leonardo Percíncula (Participante 4)		21 anos	Masculino	Design	Guarujá
Elaine Aragão (Participante 5)		22 anos	Feminino	Administra- ção	São Vicente
Gabriel Melo (Participante 6)		23 anos	Masculino	Cinema e Audiovisual	Guarujá
Leticia Miguel (Participante 7)		21 anos	Feminino	Psicologia	São Vicente
Renan Farias (Participante 8)		22 anos	Masculino	Direito	Santos

Fonte: Da Autora (2020)

Após o convite aos participantes e seu devido aceite, criou-se o grupo no *Whatsapp* para comunicação e alinhamento de datas e horários. Algumas dificuldades foram encontradas para conciliar as agendas, pois durante a semana a maioria deles trabalhava durante o dia, e aos sábados se dedicavam a outras atividades, conforme imagens a seguir. Por isso, algumas oficinas ocorreram aos domingos ou feriados.

Figura 11: Agendamento de OT pelo *Whatsapp*



Fonte: da Autora (2021)

Cada oficina foi estruturada com um tema e um objetivo, que se relaciona aos objetivos propostos nesta pesquisa. Com isso, busca-se relacionar os temas abordados nas OTs com todo o arcabouço teórico levantado, e também com informações relevantes para responder à pergunta e criar o produto.

O detalhamento de cada oficina estará exposto no terceiro capítulo – JUVENTUDE NEGRA E NEGRITUDE MEDIADA, mas, para uma melhor compreensão e leitura deste documento, segue um breve resumo dos temas abordados em cada encontro.

- Na **OT 1**, focou-se na apresentação dos participantes. Por meio da identificação com as histórias e narrativas dos membros dos grupos, o objetivo era entender as noções que possuíam sobre negritude e como se constituem como negros, entendendo a jornada de cada um.
- NA **OT 2**, os participantes foram expostos a dados sobre hábitos de consumo de mídia digital, além de interagirem nas rodadas de conversas sobre conteúdo consumido. Também reagiram e expressaram seus sentimentos ao serem expostos a diversos conteúdos relativos à negritude

no ambiente digital. O objetivo é entender como se posicionam e se veem como negro na sociedade midiaticizada, e avançar um pouco mais na constituição de suas identidades.

- Na **OT 3** foram apresentados os conceitos de Cidadania, Negritude e Empoderamento, disponíveis no capítulo III da dissertação. O objetivo era compreender as noções que possuíam sobre estes temas, e o quanto se sentem empoderados no mundo.
- Na OT 4 deu-se a conclusão da coleta de dados com a apresentação de resultados. O objetivo era confirmar as informações coletadas e analisadas pela pesquisadora e apresentar a proposta de produto gerado com estes insumos, além de permitir a cocriação do conteúdo do Guia Digital.

Por fim, importante explicitar os termos éticos em que foram produzidos os dados desta pesquisa e as condições dos participantes nas OTs. Todos eles autorizam as informações, imagens e áudios gravados durante as OTs e permitiram a manutenção de seus nomes originais junto às suas imagens e relatos pois, entre outros resultados que serão apresentados a seguir, os jovens negros empoderaram-se de suas identidades ao contar suas experiências e histórias. Contudo, por decisão da própria pesquisadora, avaliou-se que poderíamos atribuir codinomes e avatares para minimizar a exposição destes jovens nas redes e nos ambientes virtuais, onde estarão publicados estes resultados, uma vez que tal atitude não impacta nos resultados obtidos e publicados. Os termos de cessão de direitos devidamente assinados pelos participantes estão apresentados nos Apêndices desta dissertação.

Quadro 3: Lista de nomes e avatares dos participantes

Nome Oficial	Nomes como aparecem nas oficinas	Avatar
Thainá Rocha	Professora, Thai, Thainá	
Claudmila Oliveira	Mila	

Gustavo Soares	Gu, Gustavo	
Esther Machado	Esther	
Leonardo Percíncula	Leo, Leonardo	
Elaine Aragão	Elaine, Laine	
Gabriel Melo	Gabriel, Biel, Gabs	
Leticia Miguel	Leticia, Lê	
Renan Farias	Renan	

Fonte: da autora (2021)

Os avatares foram desenhados pelas respectivas pessoas que os representam, ou por amigos que possuíam o aplicativo, orientados por eles. Logo, os avatares são representações de como os jovens se enxergam.

III. JUVENTUDE NEGRA E NEGRITUDE MEDIADA

A partir dos dados registrados com o desenvolvimento das OTs, apresentamos as análises das narrativas dos jovens participantes, com base no referencial teórico que proporciona as categorias de análise elencadas. Os dados serão expostos na sequência da realização das quatro OTs, conjugando-se os dados registrados o processo de produção, desenvolvimento e registro das OTs e as transcrições das narrativas dos jovens, gravadas durante as oficinas.

3.1 No primeiro encontro: raízes e ervas daninhas

A primeira oficina aconteceu num domingo, 23 de agosto de 2020¹⁴. Iniciamos nossa reunião virtual ao meio dia e ficamos juntos por uma hora, vinte e sete minutos e quarenta e quatro segundos, numa sala criada no *Google Meet*. Estávamos ali eu e os jovens Gustavo, Mila, Leo, Esther, Gabs e Elaine.

Figura 12: Registro da OT1, realizada no Google Meet e manipulada no Photoshop



Fonte: da Autora (2020)

¹⁴ Nota da autora: o vídeo completo da oficina foi disponibilizado em caráter privado, utilizando a tecnologia “não listado” do YouTube, e caso queira conferir, basta acessar: youtu.be/bcZ84KV9Tds.

A proposta deste primeiro encontro visava conhecer a história de cada um deles, a partir de seus próprios relatos de histórias de vida. Onde nasceram, a origem de suas famílias, como passaram a infância, como foram os estudos, quais eram suas atividades de lazer, como era seus cotidianos e vidas domésticas, relacionamentos, etc.

Em seguida, conduzi para que relatassem qual momento eles se reconheceram como negros e pudessem expressar como cada um deles se vê na sociedade, que espaços sociais ocupam, que exercícios de cidadania praticam, quais seus direitos e experiências de discriminação ou racismo vivenciadas.

Desse modo, o roteiro da oficina se deu conforme os tópicos a seguir:

- Apresentação da pesquisa;
- Apresentação da pesquisadora;
- Apresentação de cada participante, com nome, idade, cidade, curso, o que gosta de fazer nas horas vagas, e qual seu principal sonho;
- Segunda rodada de relatos: contar sobre suas origens, suas famílias, suas experiências passadas.
- Terceira rodada de relatos: contar sobre o momento em que se enxergaram como negros, e no que isso impactou em suas vidas e neles mesmos;
- Quarta rodada de relatos: experiências e sentimentos quanto à discriminação e racismo (ou não);
- Quinta rodada: Os participantes responderão a seguinte pergunta: eu me identifico com a história de “Fulano de tal (Outro participante do grupo)”, pois (...). A ideia dessa questão provocadora é instigar o relato que possibilite enxergar os pontos de semelhança entre as narrativas, construindo um painel semântico com as palavras e temas mais utilizados. E também responderão a seguinte pergunta: quando eu penso em mim, a imagem que me vem à cabeça é (...). A proposta dessa segunda questão provocadora é entender como o jovem se enxerga representado socialmente.

Ao iniciar a oficina percebo que todos estamos um pouco nervosos. Há uma inquietação na forma como todos se mexem, a todo momento, na cadeira. Há alguns risos de nervoso naquela tentativa de quebrar o gelo. Percebo que, apesar de terem

topado prontamente a participação, eles não sabiam exatamente do que se tratava o trabalho, ou como conduziríamos. Então expliquei detalhadamente o que era um mestrado, o que era uma pesquisa e o que faríamos nas oficinas. Acredito que o desconhecimento do tema e do procedimento, somados aos fatos de nem todos se conhecerem e estarmos no ambiente online causaram a situação de inquietação. O participante Renan não conseguiu entrar, pois teve problemas de saúde no dia e não estava se sentindo bem.

Após as duas primeiras rodadas, eles já começaram a se reconhecer nas histórias uns dos outros, e falas como “minha história é parecida com a dele/dela” passaram a ser frequentes nas falas de todas.

Muitas são as similaridades entre as famílias dos participantes. Dos 6 presentes, apenas 1 possui família de origem não nordestina. Essa participante (Esther), inclusive, é a única cujos genitores possuem ensino superior completo. Sua mãe é formada em Ciências Contábeis. Diversas falas na oficina trouxeram este assunto à tona, e selecionei as três seguintes¹⁵ para ilustrar a questão:

Meu pai, ele fez só até a 4ª série (do Ensino Fundamental), e a minha mãe, acho que ela parou no 2º ano do Ensino Médio. (...) O sonho dos dois é que eles tivessem filhos que fizessem uma faculdade, já que eles não conseguiram. Quando meu irmão se formou em Ciências da Computação, nossa... eu nunca tinha visto meu pai chorar, ele chorou, ficou orgulhoso. Quando eu passei no Vestibular também.
(Gabriel)

Os meus pais pararam a escola muito cedo. Minha mãe estudou até a quarta, terceira série, algo assim. O meu pai, se não me engano, ele terminou. Eles nunca fizeram nenhum outro curso, nunca fizeram uma faculdade, por ter que trabalhar muito cedo, enfim. Eu sou a única de cada que faço faculdade. Sou a única que me interessei em fazer. Tenho duas irmãs que pararam de estudar faltando 1 ano para terminar o ensino médio. (...) mas aí quando a minha mãe tinha uns 42 anos ela voltou a estudar, e isso

15 A partir daqui, utilizarei *itálico* para destacar a transcrição das falas dos jovens participantes, de modo que se diferenciem da minha narrativa em primeira pessoa. As falas também serão identificadas apenas como o primeiro nome dos jovens. Optei por não seguir as referências ABNT para citação de trechos de entrevistas, uma vez que não se tratam propriamente de entrevistas, mas de uma atividade em que nos relaciona, a mim e aos jovens, de modo mais próximo e afetivo. Desse modo, por optar também por um estilo literário de texto neste momento, tomo a liberdade de desamararrar-me das normas acadêmicas.

me deixou muito feliz. Ela fez aquele cursinho e tal, e conseguiu concluir.

(Elaine)

Minha mãe é formada no Ensino Superior aí na Unimonte. Formou em Ciências Contábeis. Meu pai concluiu o Ensino Médio depois, no supletivo, né? Porque ele não conseguiu fazer antes, porque trabalha com mecânica.

(Esther)

Falas como a do Gabriel, Esther, Elaine, e de cinco dos seis participantes desta oficina reforçam os dados contidos nas estatísticas sobre analfabetismo e sobre o acesso à Educação e o ingresso de negros no Ensino Superior (crescimento de 25% entre 2009 e 2015). Também mostram como o número que vem aumentando após implantação de políticas públicas e medidas legais, como as cotas raciais e o acesso a programas como Prouni e FIES (IPEA, 2020). Dos oito jovens participantes da pesquisa, cinco possuem algum tipo de incentivo financeiro, como bolsa ou desconto, seja da própria faculdade, seja do governo.

Na terceira rodada, abri as interações com uma frase da autora Joice Berth (2019), contida no livro *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamila Ribeiro (2019), que é “Não me descobri negra, fui acusada de sê-lo”. Motivados a contar suas experiências com a descoberta (ou acusação) da negritude, trago como recorte as seguintes falas:

Eu acho que eu vi que eu era negra logo muito cedo, logo na escola, no pré, que eu era uma das únicas na sala e... bullying, racismo, vindo de crianças. Nega do cabelo duro. Eu escutava essa música diariamente. Eu lembro até o nome da menina, era Isabele. Queria muito ver ela hoje. Nossa, eu nunca esqueço isso. Eu tinha o que? Uns 4 anos? Por aí... então a gente já cresce com essa cabeça 'eu sou diferente', né? Não é todo mundo que tá na minha sala, tipo, a maioria é branco. Então, mas eu acho que se descobrir mesmo foi depois do ensino médio. Acho que a gente consegue meio que abrir a cabeça. Mesmo na faculdade, a gente vê que a gente é minoria ali.”

(Mila)

Eu descobri também na escola, no pré também. Era bullying dos meninos bagunceiros.

(Esther)

Aqui, podemos ver a primeira diferença entre eles, pois os meninos se viram ou se descobriram como negros já no momento da adolescência, principalmente com as vivências da faculdade e frequentando outros lugares. Em dados momentos, todos citam o racismo velado, como o fato de serem seguidos em lojas e mercados. Já as meninas retratam o racismo logo no ambiente escolar, pois é na escola que a criança negra aprende “a não aceitar a cor de sua pele, os seus traços físicos, a história do seu povo, a não querer ser negra” e para que ela possa “vencer na escola, tem de fazer-se à imagem do branco, adaptar-se aos valores brancos” (SILVA; MONTEIRO, *apud* JANGO, 2011). Este excerto pode ser revisitado nas falas de Leo e de Gabriel, sobre as manifestações de racismo vivenciadas na infância:

Por eu ser de uma família miscigenada, eu sempre fui o moreno, o clarinho pra família da minha mãe. Eu via a minha mãe falando sobre racismo com meu irmão que tem a pele retinta, mas ela nunca falou pra mim. Eu fui perceber mais que eu era negro em ambientes de trabalho e de relacionamento, por causa do cabelo diferente, e de olhares diferentes.

(Leo)

Conforme ressalta Ribeiro (2019, p. 37), a maioria das pessoas admite que há o racismo no Brasil, mas quase ninguém se assume como racista. Compreender o problema e enxergar-se dentro da estrutura de dominação político-social segregadora é essencial para combatê-la.

É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade. Portanto, frases como “eu não vejo cor”, não ajudam. O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa de segregar e oprimir. (RIBEIRO, 2019, p. 30)

É isso que se percebe na fala de Leo, quando se deu conta que sua mãe se preocupava muito mais com seu irmão, cuja cor da pele era mais escura em relação a sua.

Até entrar na faculdade, eu era moreno. Minha mãe sempre falou que eu era moreninho. Ela nunca falou negro, porque agora ela está se desconstruindo, então ela sempre teve uma visão muito negativa da palavra, até porque ela sofreu muito quando criança. Poderia soar ofensivo, então ela sempre me ensinou a me chamar de moreno. (...) eu não me via mais como negro porque eu sei que não

passei por algumas coisas por causa dos meus pais, nunca passamos as necessidades.

(Gabriel)

O regime de escravidão vivido pelos negros no Brasil, a dificuldade de se desvencilhar dele, as consequências para impulsionar a desigualdade social brasileira são fatores históricos que explicam a presença do racismo. Crianças sofrem racismo na escola, jovens e adultos também o sofrem em sua vida cotidiana, conforme retomado várias vezes ao longo da OT1. A falta de representação social aproxima conceitos negativos associados à imagem do homem e da mulher negra e afasta o sentimento de pertencimento à raça, como negação de algo visto e representado como “ruim”.

Figura 13: Registro dos participantes ao serem questionados sobre racismo na OT 1



Fonte: da Autora (2020)

As missões colonizadoras esforçavam-se para “tirar o negro da condição de selvagem”, pois este era visto como algo próximo dos animais (JANGO, 2011, p. 16), sendo atribuído a eles características negativas, como maléficos, feios, e outros adjetivos tidos como ruins. Ribeiro (2019, p. 36) destaca que, na tentativa de “domesticá-los”, os povos negros existiam como etnias, culturas e idiomas diversos – isso até serem tratados como “o negro”. Podemos identificar na oficina esta fala quando Gabriel traz a situação de que sua mãe o chamava de moreno por ter sofrido muito com a palavra negro na infância. Tal ponto histórico é reforçado no texto de Carolina Jango que considera que a

... desvalorização e a alienação do negro ocorrem de maneira ampliada, ou seja, tudo aquilo que faz referência a ele, como o continente, aos países, as instituições, a cultura, a religião, bem como seu corpo, língua, música, e arte são alvos da degradação e inferiorização por parte do branco europeu. (JANGO, 2011, p. 17)

Ao responder à pergunta, o participante Gustavo introduz dois novos fatos que são de extrema relevância para o tema: a violência policial ou maior abordagem de homens negros pela polícia (até este momento, o assassinato de João Alberto, no supermercado Carrefour, ainda não tinha acontecido, mas o movimento *Black Lives Matter* e a morte de George Floyd, nos Estados Unidos, ainda eram repercutidas na imprensa). Segundo uma pesquisa realizada pela Central Única das Favelas (CUFA) e Instituto Locomotiva, apresentada no fórum promovido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e replicada no site da revista *Carta Capital* em julho de 2020¹⁶, 50% dos homens negros ouvidos pela pesquisa sofreram algum tipo de constrangimento em abordagens policiais, e 60% dos que foram abordados garantem sentir medo em interagir com a polícia, seja qual for o contexto após os ocorridos.

Ainda sobre o tema da violência policial contra negros e o caso citado por Gustavo e corroborado, principalmente, pelos meninos do grupo nessa e em outras OTs, podemos analisar sob o prisma do racismo institucional, como coloca o professor e jurista Silvio Luiz de Almeida (2020):

O racismo institucional é muito menos evidente, muito mais sutil e menos identificável (...), porém, não é menos destrutivo à vida humana. (...) o racismo é um dos modos pelos quais o Estado e as demais instituições estendem o seu poder sobre toda a sociedade. (ALMEIDA, 2020, p. 43 – 45)

Sendo a polícia uma força institucional dos governos, os dados trazidos pela pesquisa tanto nos parágrafos anteriores quanto no primeiro capítulo da dissertação, os relatos dos jovens na OT, suportados pela teoria apresentada, pode-se assumir que são casos de racismo institucional sofridos pelos cidadãos negros, sobretudo os homens.

Outro ponto que Gustavo traz em sua fala é a importância da representatividade de cantores e artistas para a descoberta da negritude e empoderamento. Ao citar a

16 Matéria disponibilizada no site da revista Carta Capital em 8 de julho de 2020. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/50-dos-negros-no-brasil-ja-foram-constrangidos-pela-policia-diz-pesquisa>. Acessada em 02 de maio de 2021.

cantora americana Beyoncé Knowles e o lançamento do álbum *Lemonade* (2016), todos os jovens se manifestaram positivamente ao nome da cantora, que apareceria diversas vezes nas oficinas posteriormente.

Eu descobri que eu era negro com a música. Pode parecer "zueira", mas sabe quando a Beyoncé lançou Lemonade? Então, foi aí que eu descobri a negritude, o negro. (...) ali abriu meu olho, e então eu comecei a perceber no meu dia a dia as coisas que aconteciam naturalmente, tipo segurança me seguir. Eu tenho um estilo assim, de usar só roupa preta. Eu sei que não posso andar de moletom e capuz na rua, eu sinto essa coisa que acontece, eu já fui parado várias vezes pela polícia.

(Gustavo)

Ao utilizar a arte para tratar da negritude e de sua jornada enquanto mulher negra na indústria fonográfica americana, Beyoncé apresentou ao público uma série de situações e características que negros de diversas partes do planeta compartilham e vivem, trazendo este assunto para discussão, impactando, por exemplos, jovens no Brasil. Sobre o álbum e a cantora, Dalla Vecchia (2017) considera que:

Outro aspecto fundamental para o sucesso do álbum visual se dá pelo fato de que ele é um grande manifesto político da cantora ao se “descobrir” mulher e negra, inserida em uma sociedade cuja indústria é comandada por uma hegemonia branca e machista. Beyoncé trouxe inúmeros elementos sonoros característicos da negritude, enquanto que no aspecto visual explora com amplitude o feminismo através de planos, enquadramentos, fusões, elementos, personagens, atrizes, cores e referências históricas às mulheres negras e a sua importância no cenário político contemporâneo. (DALLA VECCHIA, 2017, p.9).

O racismo é algo presente na sociedade. O preconceito ou segregação por causa da raça ou cor da pele é prática antiga e costumeira em diversos países. Para entender como se dá esse processo e como ele surgiu no Brasil, é necessário entender que essa manifestação intersecciona aspectos sociais, históricos, ideológicos e político-legislativos. Para fugir de análises superficiais das relações raciais deve-se resgatar e analisar tais aspectos no sentido de compreender o imbricamento entre esses aspectos (JANGO, 2011, p. 15):

Para desvelar as relações raciais no Brasil, se faz necessário, portanto, compreender a construção dos mitos e ideologias que configuram, em parte, as representações sociais acerca dos negros. Devemos

compreender os mecanismos de discriminação racial, aos quais os negros foram submetidos desde o período colonial; entender o processo histórico de negação e desvalorização gradual de sua cultural, estética e valores; desvelar elementos que (de) formaram a identidade do negro; distinguir os aspectos das imagens que foram estruturadas e transmitidas acerca desse sujeito social e identificar os espaços sociais que a ele foram destinados. (JANGO, 2011, p. 15)

Neste momento da OT, eles já estavam mais à vontade, tanto por se verem tão semelhantes, quanto por compartilharem histórias de suas vidas em um ambiente por onde todos já haviam passado. Na próxima questão motivadora, os jovens foram perguntados sobre situações de racismo que sofreram ao longo da vida e convidados a contar sobre isso. Percebo que neste exato momento, todos ficam mais pensativos e aqui trago alguns trechos das respostas:

Desde criança eu sempre tive aquele 'lance' que eu achei que era normal, quando entra numa loja sempre tem um segurança me seguindo, tipo, de qualquer jeito que eu vá, sempre tem alguém me seguindo. No começo não me incomodava, mas depois começou a incomodar quando eu comecei a sair comos meus amigos e os seguros só me seguiam, não seguiam os meus amigos. Era só eu. (...) Comecei a fazer uma coisa que hoje em dia não faço mais, que é comprar alguma coisa só pra mostrar que eu estava com dinheiro, que estava ali pra comprar.
(Gabriel)

Além desse caso, várias outras histórias foram relatadas envolvendo ambientes como lojas, trabalho e mesmo na rua, como casos de pessoas “puxando” suas bolsas para perto. É notório que o racismo deixa marcas profundas. Todos eles conseguiram lembrar de mais de um caso em que tenham sofrido discriminações como estas.

Ao final da OT, todos eles apontaram com quem se identificavam no grupo e conseguiram encontrar identificação uns com os outros. Falaram sobre como se veem, como se definiriam. Foi interessante ver que eles se colocam como aprendizes, que estão aprendendo a ser quem são, e em constante evolução. Mostraram-se dispostos a aprender e desconstruir e a compartilhar esse conhecimento. Trago como evidências desse pensamento uma fala marcante do momento final:

Em casa, no sofá com a minha família e talz, minha irmã perguntou 'ai, quanto é isso dividido por isso aqui', e eu dei a resposta pra ela. Uma amiga da minha irmã falou "nossa, como ela é inteligente", e daí a minha irmã falou 'ela faz faculdade'. São detalhezinhas que a

gente vai pegando e trazendo para nós. Ainda estou me moldando, mas, enfim, com as raízes que eu tenho, com o meu passado, eu me vejo em evolução.
(Elaine)

Como exposto anteriormente, sabemos que o número de pessoas negras no ensino superior é baixo se comparado aos não-negros. Ter um exemplo, alguém a seguir, muitas vezes pode ser um motivador para que mais pessoas tentem também ingressar numa universidade. Ser a primeira pessoa da família a correr atrás de um diploma – e aqui peço licença para falar também de uma forma pessoal – pode ser tanto difícil quanto recompensador. Sabemos que a confiança e esperança depositadas em nossos ombros, e sabemos o quanto podemos inspirar nossos familiares a conquistar este espaço também. Recordo-me de quando a minha prima caçula, então com 22 anos, foi para Portugal estudar Criminologia na Universidade de Aveiro, em 2019, após conquistar uma bolsa parcial. Ela me disse que sempre me viu estudando muito, correndo atrás e isso a incentivou a correr atrás também. Ela será a terceira pessoa de nossa família a conquistar uma graduação.

Leonardo trouxe uma visão muito bonita sobre si, sobre ser um catalisador de mudanças ou, como ele mesmo disse, um portal:

Eu me vejo como alguém questionador e diplomático. (...) Eu sou alguém que gosta de estudar e pesquisar muito. (...) Muitos preconceitos e questões culturais, enraizadas, eu tento desconstruir e levar para a minha família, que é uma família que já passou por muita coisa, mas que às vezes não vê que existe preconceito. Eu me vejo como um portal de informação para a minha família e para as pessoas que entram na minha vida.
(Léo)

Essa fala vai ao encontro dos dados sobre o crescimento da autodeclaração de negritude, trazidas no primeiro capítulo, principalmente entre os jovens e mostra uma disponibilidade em continuar em evolução, aprendendo e auxiliando outras pessoas a enxergarem novos horizontes e terem outras vivências.

Finalizando a OT1, como síntese, eles foram convidados a falar sobre pessoas que os inspiravam, e os nomes que surgiram foram unânimes: os pais, a avó e a cantora Beyoncé. Em todas as falas eles trouxeram o quanto essas pessoas representam inspirações pelo que realizaram, o quanto os inspiram a lutar pelos seus sonhos. São

pessoas que representam ascensão social. Chamou-me atenção o fato de que a família tem uma forte ligação com a negritude, seja quando eles ajudam a construir uma identidade positiva, seja para repelir algumas atitudes, com nas falas abordadas. Dessa forma, a família é como se fosse uma raiz, algo forte e estrutural para o desenvolvimento da identidade negra para estes jovens.

Assim, conforme destaca Djamila Ribeiro (2019, p. 32), em seu *Pequeno Manual Antirracista*, “se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante”. A autora também afirma que “não é realista esperar que um grupo racial domine toda a produção do saber e seja a única referência estética. (2019, p. 27). O brasileiro, nascido e criado numa sociedade em que produz e reproduz o racismo desde a sua época colonial, muitas vezes não consegue enxergar suas próprias ações racistas, como quando puxa-se uma bolsa contra o corpo quando um negro passa ao seu lado, ou toca-se ou fala-se do cabelo *black* de alguém. Nem sempre tal violência será explícita. O racismo “à brasileira” se esconde também nas ações cotidianas e de invisibilização de grupos. Há quem seja notadamente racista, mas há de se notar também a falta de representatividade de negros no cinema, em papéis de destaque nas novelas, no teatro, na moda, na ciência, na produção acadêmica e muito mais. É algo tão presente em nossa sociedade que, muitas vezes, passa despercebido (RIBEIRO, 2019), mas contribui para a construção ou não construção de uma identidade negra em sua população.

Figura 14: Recorte da conversa no Whatsapp após a 1ª oficina



Fonte: da Autora (2020)

OT1 – Eu, Thainá, à bordo: (auto)descoberta e (auto)análise de resultados

Agora, peço “licença” à liturgia acadêmica que recomenda uma certa distância analítica e textual de meu objeto de estudo e preconiza uma linguagem adequada à norma culta, com colocações bem típicas da construção do saber acadêmico, para redigir meus diários de bordo em primeira pessoa, utilizando, entre outros recursos, do “pretoguês”, cunhado por Lélia Gonzalez (1988), como base destes registros, para, quem sabe, diminuir as diásporas criadas entre nós, negros, e nossa “Mãe África”.

A bordo deste diário tento, humildemente, refazer a rota realizada pelos navios negreiros que trouxeram nossos ancestrais, para encontrar, então, a origem, a raiz que nos sustenta e nos dá base para um crescimento empoderado. Este retorno às raízes será, porém, em sentido metafórico, pois não pretendo rastrear o DNA de meus companheiros de pesquisa – jovens negros universitários participantes as OTs - e nem

o meu próprio. Mas, ao propor esse caminho de volta, me refiro a encontrar o que nos forma, para assim entender quem somos, construindo juntos nossa identidade.

Nestes entrecapítulos escreverei sobre as minhas próprias observações e reflexões pré e pós-oficinas, e os sentimentos em mim despertados durante este processo. Em todo este período de construção do meu mestrado, consigo perceber que as leituras, estudos e escritas moldam e moldaram também a mim e esta é uma maneira de colocar no mundo o efervescer que hoje me borbulha por dentro.

Penso que esses registros em primeira pessoa são parte indissociáveis deste estudo e tentarei dialogar com as inquietações que tenho nestas poucas páginas escritas entre os textos de análise de dados, para que você, que lê essa dissertação, seja para avaliá-la, conhecê-la ou utilizá-la de base em seu próprio trabalho, possa entender o olhar sensível que lancei sobre as questões pessoais dos jovens e o crivo analítico ao que me impus, ao ouvir e reouvir todas as oficinas, relacionando-as aos escritos de embasamento teórico, sem perder de minha mente a sensação de que esta não deveria ser uma mirada dicotômica, pois ao prestar atenção à fala dos universitários e de todo o exposto teórico e metodológico escolhidos, tenho convicção de que há as mais variadas nuances de abordagens.

A primeira oficina foi realizada num domingo, 23 de agosto, e eu escrevo este relato há menos de 48 horas após a sua realização, ainda com a sensação de que a minha cabeça está prestes a explodir de tanta informação e ansiedade. Domingo foi o único dia que conseguimos conciliar a nossa agenda, num horário próximo do almoço. Apesar de não ser um grupo de muitas pessoas, as obrigações do trabalho e da vida universitária, além de projetos pessoais, tomam a maior parte dos dias de meus jovens. Chamo-os assim, “meus jovens”, não num sentido de posse, mas com o sentimento de pertencimento ao grupo, apesar de não ser mais tão jovem quanto eles (estou beirando os 31 anos). Senti-me frustrada ao ter que realizá-la no ambiente digital, mas jamais nos colocaria em risco em plena pandemia da COVID-19. Acompanhei a evolução dos casos e mortes, e agora em agosto [2020] ainda estamos com tendência de alta nos casos, sem nenhuma previsão de melhora, pois passamos das 115 mil mortes no país¹⁷.

¹⁷ Dados disponibilizados pelo consórcio de veículos de imprensa em 25 de agosto de 2020, acessado no dia 25 de agosto no site G1, disponível em <https://glo.bo/34MKn7z>.

Um contratempo surgiu dias antes da realização da primeira oficina: uma das participantes parou de responder aos meus contatos. Fiquei receosa de que desistisse de participar da pesquisa. Infelizmente, ela acabou não entrando no dia de nosso primeiro encontro e me comunicou sobre a desistência alguns dias depois, o que comentarei mais à diante neste texto.

Confesso que eu estava muito nervosa e ansiosa para começar as oficinas e com muito receio sobre sua efetividade no mundo virtual, pois foram pensadas num mundo “pré-pandemia”, e eu não possuía nenhum indicador ou mesmo termômetro de sua ação online, mas, fiz todas as alterações cabíveis e me preparei para recebê-los.

O grupo, tímido e com dois desfalques, começou a se apresentar. Olho bem aquelas carinhas um pouco tensas e sorridentes e penso com ternura e um “quentinho” no coração, que é a primeira vez que estou diante de tantos negros universitários de uma única vez. Mesmo que hoje o meu papel não seja o de professora – embora muitos deles estejam me chamando assim – estar nessa sala virtual com estes jovens me fez pensar que eu nunca estive na posição inversa, a de ter um docente negro comigo. Em dado momento eles falam sobre a importância da universidade no seu processo de empoderamento e reconhecimento enquanto cidadãos negros e eu fui transportada para as minhas lembranças da primeira colação de grau como professora, alguns meses após iniciar o meu primeiro semestre docente, quando um aluno negro me abraçou e me agradeceu, confidenciando-me ter orgulho de ter tido a oportunidade de ter aulas comigo, a primeira professora negra que ele teve durante a sua graduação. Alguns meses depois eu estive presente novamente na vida desse aluno querido sem que ele soubesse: por obra do acaso, ou seja lá o nome que você dê para os meandros que nossa vida se encaminha. Eu fui a docente responsável pela correção da redação do processo de pleito dele para uma bolsa de estudos na pós-graduação e ali ele me citava como uma pessoa importante em sua jornada profissional. Tive a convicção de que as oficinas seriam parte importantíssimas da minha própria autodescoberta enquanto pessoa negra e extremamente emocionantes para mim. Percebi ali a teoria de Stuart Hall na prática: nós, sujeitos pós-modernos, não temos uma identidade fixa, essencial ou permanente. Ela é uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados. (HALL, 2019, p. 11). A falta de “inteireza” apontada

por Hall (2019, p. 24-25), e já antes mencionada nesta dissertação, passou a ser preenchida nessa relação de alteridade em que vivo no ambiente acadêmico; e que eles também tiveram e têm a chance de viver. Penso então na representação social do professor. Penso que ocupar espaços, que antes não eram “nossos”, é importante para formar e transformar a vida desses jovens profissionais. Fico emocionada, mas seguro as lágrimas para chorar depois.

Outros dois pontos me chamaram muita atenção. Apesar de já se intitulem como negros e estarem caminhando nessa jornada do empoderamento, eles não seguem tantos influenciadores negros nas redes sociais, ou não conseguem lembrar de imediato de nomes de perfis. Percebo que não tinham notado este fato até então. Veremos se este assunto aparecerá novamente nas próximas oficinas e se passarão a comentar mais sobre estes influenciadores.

3.2. Cultivando flores e colhendo frutos

Nosso segundo encontro aconteceu no dia 8 de setembro de 2020, terça-feira, às 20h30, e durou duas horas, treze minutos e cinquenta e oito segundos¹⁸. Só foi possível nos encontrarmos durante a semana pois nesta data é feriado na cidade de Santos, onde fica o Centro Universitário. Eles tiveram aula, e nem eu ministrei minhas aulas.

Nesta oficina o objetivo era entender quais os hábitos de consumo de conteúdo nas mídias digitais dos jovens, destacando, especialmente, o conteúdo produzido por e para negros. Identificar quais assuntos lhes interessam, dentro e fora da temática da negritude. Registrar as reações a vídeos e textos com fortes referências à negritude. Quando se pensa na influência da mídia na formação da opinião pública, e novas construções e significações na sociedade, não se pode afastá-la do contexto do jovem, tema central dessa pesquisa. Os meios de comunicação digital, como a internet, e as suas múltiplas formas de interação, como as mídias sociais, são muito presentes no cotidiano deste público, como aponta o relatório da pesquisa Social Media Trends 2018,

¹⁸ Nota da autora: o vídeo completo da oficina foi disponibilizado em caráter privado, utilizando a tecnologia “não listado” do YouTube, e caso queira conferir, basta acessar: youtu.be/hFkL8AXP248.

realizada pela área de inteligência da Rock Content¹⁹, na qual mais de 40% das pessoas, até 24 anos, entrevistadas, assumem passar entre 3 e 4 horas por dia em alguma rede social²⁰, sendo a segunda maior quantidade de horas online dentre os respondentes da pesquisa, conforme gráfico abaixo:

Figura 15: Quantidade de horas conectadas

	 HOMENS	 MULHERES	 ATÉ 24 ANOS	 DE 25 A 29 ANOS	 DE 30 A 39 ANOS	 40 ANOS OU MAIS
MENOS DE 1 HORA	3,5%	3,6%	1,5%	2,7%	4,0%	8,6%
MAIS DE 1 E MENOS DE 2 HORAS	21,8%	11,6%	13,3%	14,9%	16,7%	25,7%
MAIS DE 2 E MENOS DE 3 HORAS	21,4%	21,6%	17,8%	18,9%	25,4%	27,1%
MAIS DE 3 E MENOS DE 4 HORAS	18,3%	20,4%	25,9%	15,5%	16,7%	20,0%
MAIS DE 3 E MENOS DE 4 HORAS	34,9%	42,8%	41,5%	48,0%	37,3%	18,6%

Fonte: Rock Content, 2018. Disponível em <https://cdn2.hubspot.net/hubfs/355484/Ebooks%20MKTC/Social%20Media.pdf> – Acessado em 29 de abril de 2020.

Entre todos os encontros, este possuiu um maior roteiro. Todos os participantes estavam presentes e isto foi muito importante. Terminada a primeira OT, consegui o contato da nova integrante para substituir a aluna de Medicina Veterinária que desistira, e então a Letícia se juntou ao grupo, sendo devidamente apresentada. Renan, que tivera problemas na OT anterior também participou.

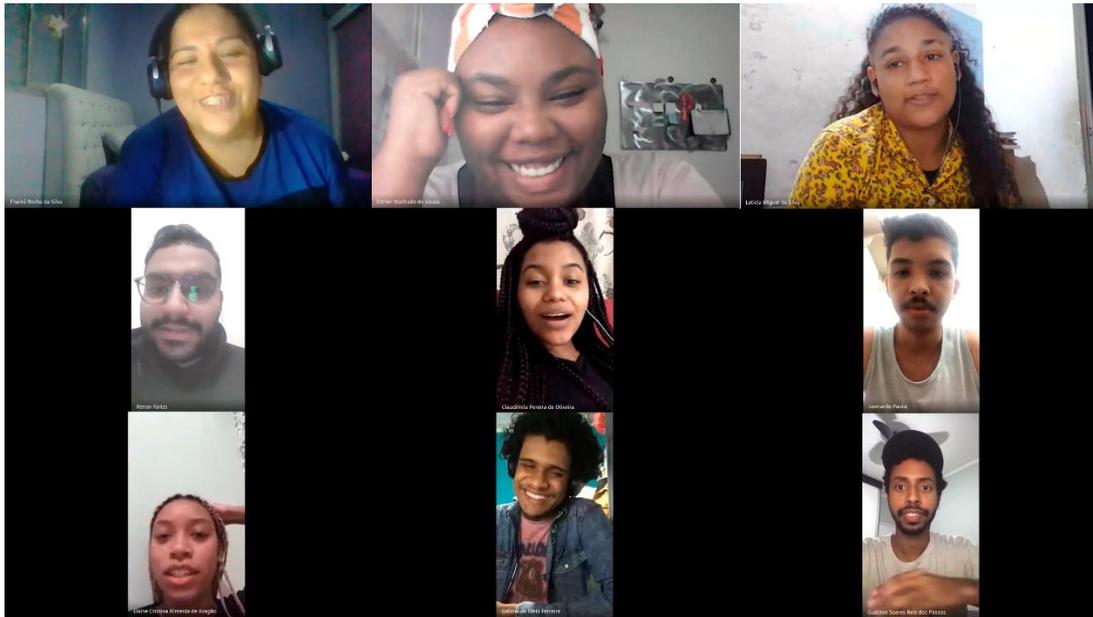
O roteiro proposto foi:

¹⁹ Pesquisa realizada pela empresa Rock Content em 2018, com 1730 participantes brasileiros. Disponível em <https://cdn2.hubspot.net/hubfs/355484/Ebooks%20MKTC/Social%20Media.pdf> e acessada em 29 de abril de 2020.

²⁰ Dado disponível na página 74 da pesquisa.

- Exposição do tema: conceitos de consumo de mídia digital realizado por jovens, feito pela pesquisadora, com abertura dos participantes para comentários dos dados apresentados;
- Rodada de relatos sobre quais temas costumam consumir na internet;
- Segunda rodada de relatos: quais sites, blogs, canais e perfis voltados ao público negro eles visitam e com qual frequência;
- Terceira rodada de relatos: como eles chegam a esses veículos;
- Quarta rodada de relatos: os jovens devem responder à questão provocadora “se eu pudesse escolher um tema para gravar um vídeo para outros jovens negros, seria...”
- Compartilhamento de vídeos que exibam elementos da cultura negra, mostrando dificuldades e situações difíceis enfrentadas pela população negra;
- Quinta rodada de relatos: expressar os sentimentos e sensações foram evocadas com os vídeos;
- Compartilhamento de vídeos e textos exibam elementos da cultura negra, mostrando negros em posições privilegiadas e de poder;
- Sexta rodada de relatos: expressar sentimentos e sensações que foram evocadas com os vídeos;
- Sétima rodada de relatos: os jovens devem responder à questão provocadora: você já sofreu alguma discriminação ou preconceito online?
- Proposta de escrita: como a internet e as mídias sociais fazem você se sentir, sendo uma pessoa negra?

Figura 16: Registro da OT2, realizada no Google Meet e manipulado no Photoshop



Fonte: da Autora (2020)

Na segunda OT contamos com a participação de todos, incluindo o Renan Farias, já recuperado de seu problema na coluna, e a nova integrante Letícia Miguel. Após um breve panorama sobre o que foi conversado na primeira, ambos se apresentaram à turma. Uma observação relevante que será retomada ao longo dessa e das demais oficinas e que Renan é filho de um casal birracial, com mãe branca e pai negro, e a Letícia foi adotada por um casal branco.

Começamos a falar sobre o conteúdo consumido na internet e as estatísticas de produtores de conteúdo negro na internet. Os principais temas que eles consomem de conteúdo, seja no Instagram, TikTok ou YouTube são: música, dança, cabelo, maquiagem e entretenimento. Percebe-se aqui uma baixa adesão a publicações no Facebook e ao consumo de sites ou blogs. Outros meios como a TV ou rádio, por exemplo, são ainda menos citados. Estas informações estão em consonância com os dados divulgados sobre a pesquisa *Inside Video* pelo Instituto Kantar Ibope Media sobre o consumo de vídeos no Brasil e no mundo, com 80% do público brasileiro consumindo

vídeos de forma geral, e 72% consumindo vídeos em redes sociais, como o YouTube, por exemplo, em 2020²¹.

Nota-se que há um amplo cenário para a participação em mídias sociais para este público, pois uma boa parcela dele encontra-se online por um longo período diário. A possibilidade de interação e criação de conteúdo próprio permitiu o surgimento e crescimento de um fenômeno comunicacional, os influenciadores digitais:

O termo influenciador digital (e antes dele, sua versão em língua inglesa; *digital influencer*) passou a ser usado mais comumente, no Brasil, a partir de 2015. Um dos principais motivos pode estar atrelado à entrada de novos aplicativos na esfera de produção desses profissionais que deixaram de se restringir a apenas uma plataforma – só o YouTube, no caso dos *vlogueiros*; ou só o blog, no caso dos *blogueiros*. (KARHAWI, 2017, p. 53)

Em contato com seu público por meio das plataformas digitais, pode-se entender, sob a perspectiva de autora, que esses influenciadores digitais são formadores de opinião junto ao público, pois possuem grande audiência, mesmo sem possuir profundidade sobre o tema (KARHAWI, 2017, p. 51). A aproximação com seu público e a construção de uma base de fãs ou seguidores, além da constância na publicação do conteúdo atingem seu público, que é composto por pessoas que têm interesse no assunto ou no influenciador, de forma direta.

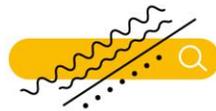
Sobre os temas mais consumidos, podemos identificar que há uma forte relação com os gostos pessoais e hábitos de vida. O Gustavo, por exemplo, assiste a muitos vídeos sobre coreografias e dança, por gostar muito de dançar e ter um perfil no Instagram para mostrar suas coreografias. Leonardo, que é *poledancer* também gosta de consumir conteúdos de música e dança. O Gabriel, apaixonado por cinema e estudante de cinema e audiovisual, prefere conteúdos voltados à sétima arte e à moda, já que pretende se especializar em figurino e cenário. Renan gosta bastante de música e filosofia, e por lecionar esta disciplina em um curso comunitário, consome bastante material online.

21 Informações sobre a pesquisa *Inside Video*, do Instituto Kantar Ibope Media disponível em <https://www.kantaribopemedia.com/consumo-de-video-bate-recorde-no-brasil/>. Acessado em 18 de maio de 2021.

As meninas, de forma geral, além de entretenimento, buscam conteúdos voltados à beleza e estética. Seja para buscar inspirações em cuidados com a pele negra ou maquiagem, por exemplo, seja para entender melhor sobre produtos ou mesmo identificar sua pele e cabelo. Estas informações vão ao encontro do estudo *Pele Negra*, promovido pela marca de cosméticos Avon e divulgado na plataforma *Think with Google*²², que mostra que o crescimento nas buscas por produtos afro cresceu em 3 vezes entre 2015 e 2019. Este volume, considerando a busca padrão do Google e YouTube está 80% ligado às questões dos cabelos, como aponta o gráfico abaixo:

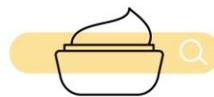
Figura 17: Crescimento das buscas por diversidade no setor de beleza

O crescimento das buscas por diversidade no setor da beleza



80%

das buscas por diversidade
estão relacionadas
ao cabelo



15%

de crescimento YoY nas buscas
por maquiagem e skincare
para diferentes tipos de pele

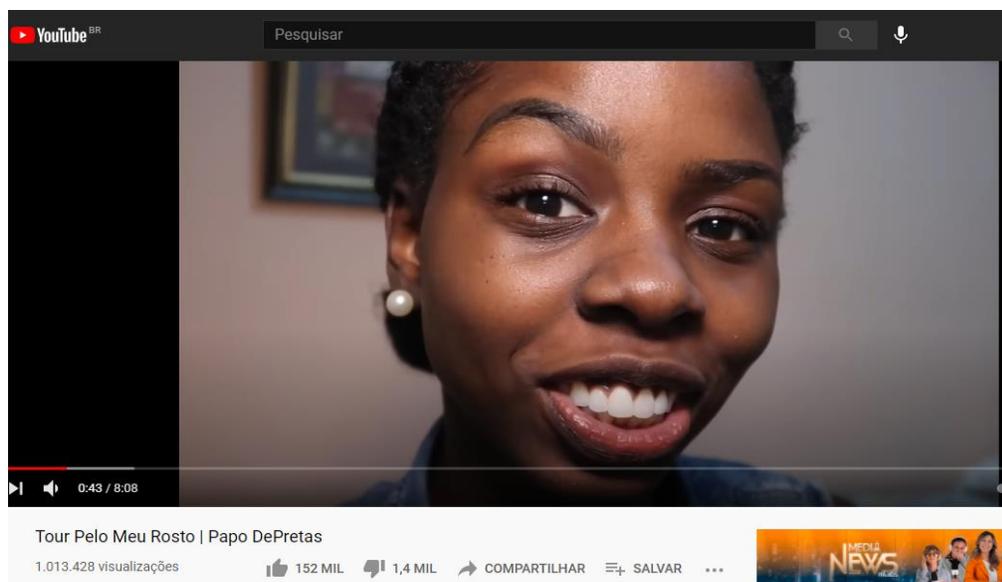
Fonte: Google + YouTube Internal Data, last 12m, Global

Fonte: <https://bit.ly/3hLfw2r> - Acessado em 16 de maio de 2021.

Posteriormente, foram apresentados alguns vídeos disponíveis na internet (YouTube) a fim de identificar quais emoções e sensações eles provocavam nos participantes. Foram eles:

²² Dados sobre o estudo *Pele Negra* na plataforma *Think with Google*: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/tendencias-de-comportamento/mais-que-um-nicho-o-que-as-buscas-por-maquiagem-feitas-por-mulheres-negras-nos-mostram/>. Acessado em 16 de maio de 2021.

Figura 18: Imagem do vídeo Tour Pelo Meu Rosto, publicado no canal Papo DePretas



Fonte: Canal Papo de Pretas. Disponível em: youtu.be/CEOvcHPvvis – Acessado em 08/09/2020

Este vídeo foi escolhido por retratar o processo de racismo sofrido pelos negros que atinge diretamente a sua autoestima. Não raro podemos ver mulheres alisando seus cabelos, tingindo-os ou recorrendo aos procedimentos estéticos como a rinoplastia para fugir da carga de dor trazida pelas ofensas aos traços negróides, que surgem desde a infância. Sobre essa afirmação, as participantes Mila, Esther e Elaine trouxeram em suas falas na OT anterior, e Jango (2017) considera que:

Tendo em vista que a criança pode construir seu autoconceito devido aos julgamentos e comparações aos quais é submetida, novamente percebemos o quanto o ambiente escolar está criando barreiras na construção identitária da criança negra, fazendo com que ela não se reconheça enquanto sujeito, enquanto cidadão com direitos e deveres, igual a todos os outros perante a lei, independente de suas características físicas e culturais, que são diversas, porém não inferiores. (JANGO, 2017, p. 72-73)

As vivências e narrativas criadas em plataformas de redes sociais, permite, em certa medida, a expressão de identidade e empoderamento, seja pelo compartilhamento de conteúdo, seja pelo consumo deste. Sobre comunidades virtuais e grupos em redes sociais, a pesquisadora Bianca Santana (2014, p. 142) destaca os grupos voltados aos

cabelos afro na rede social Facebook e sua importância para o empoderamento de meninas negras. Após análise de páginas e seu conteúdo, como postagens e comentários, destacam-se trechos como este:

As postagens e os comentários valorizam a beleza de cabelos e penteados naturais, compartilham dicas de cuidados e tratamentos e declaram uma identidade. Imagens acompanhadas de frases de efeito mobilizam bastante interação na rede, como por exemplo: “Meu crespo, minha identidade, minha raiz”, “Não é só cabelo, é minha identidade”.

Aqui retoma-se o fato do racismo que acontece, principalmente, na escola e nos círculos sociais com as falas apontadas na OT1, com trechos que podem ser facilmente identificados no vídeo, e também na fala de Gabriel:

*(...) eu achei ele bem legal, principalmente a parte do nariz, porque eu sempre tive muito problema com o nariz, sempre quis fazer rinoplastia, até que na faculdade as minhas amigas que são pretas falaram 'por que que você quer fazer rinoplastia?' daí eu 'ah, porque eu não acho muito bonito'. Daí elas 'ah, mas seu nariz está encaixando no seu rosto'. Daí eu fui começar a entender que meu nariz não é feio.
(Gabriel)*

Sobre tal tema e o posicionamento de Gabi Oliveira no vídeo Papo De Pretas, ressaltando e exaltando os “traços da dor”, como ela mesma fala, Patricia Hill Collins declara que:

Uma afirmação da importância da autodefinição e da autoavaliação das mulheres negras é o primeiro tema chave que permeia declarações históricas e contemporâneas do pensamento feminista negro. Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (COLLINS, 2016, p. 102).

Relacionando a teoria apresentada com as falas dos jovens ao longo da pesquisa e também com os dados divulgados, pode-se entender que aceitar seus traços negroides e a estética negra é um processo empoderador, empoderar-se de si, sua história e negritude, enxergando a beleza representada em novos padrões disponíveis na internet, por exemplo.

Figura 19: Imagem do vídeo 'Como sobreviver a uma abordagem indevida? | Spartakus feat. AD Junior e Edu Carvalho'



Fonte: Canal Spartakus. Disponível em youtu.be/eBdSBmTFR5g – Acessado em 08/09/2020.

O segundo vídeo apresentado viralizou quando postado no Youtube. O contexto do momento eram as invasões e operações realizadas em favelas e comunidades em 2018. Este vídeo traz uma série de falas que causam também desconforto e isso ficou nítido nas feições e semblantes dos participantes, pois o roteiro traz questões comumente vividas por pessoas negras, relacionando a casos que aconteceram no Brasil, como o do homem morto com um tiro de fuzil proferido por um cabo do BOPE em 2010,²³ após ter uma furadeira que segurava confundida com uma arma, e também de Rafael Braga, preso por portar um produto de limpeza durante os protestos de 2013.²⁴

Sobre este ponto, ressalto as falas de cinco participantes que são muito marcantes e início com a do Renan:

Toda a vez que eu vou pra Cubatão, vou visitar a minha avó, ela sempre fala 'filho, cuidado, porque tem polícia na rua'. Minha avó é branca, mas o neto dela é negro.

23 Notícia divulgada em <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/05/homem-e-morto-ao-ter-furadeira-confundida-com-arma.html>. Acessada em 10 de maio de 2021.

24 Caso Rafael Braga divulgado em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/23/rafael-braga-e-absolvido-do-crime-de-associacao-ao-traffic-de-drogas.ghtml>. Acessado em 10 de maio de 2021.

(Renan)

Eu me identifiquei com muita coisa, principalmente naquele que os caras falavam sobre instruções, porque é uma coisa que minha mãe falava quando criança, mas não tudo aquilo. Coisas como "nunca sair de casa sem RG". Por exemplo, sair com a cachorra e ter que levar. Nunca entendi o porquê desse medo dela, mas depois eu fui entendendo sim.

(Gabriel)

Eu também me identifiquei bastante com esse vídeo. Já fui abordado várias vezes pela polícia. Me identifiquei porque uma vez me ensinaram a andar sempre com o cupom fiscal das coisas que eu tinha, que era uma benção eu andar com o cupom fiscal. Não deveria ser necessário andar.

(Gustavo)

Esse segundo vídeo me lembrou muito a minha mãe falando com o meu irmão, porque ele tem a pele retinta, então ela falava 'ah, anda sempre com os documentos, anda sempre acompanhado', e comigo isso não acontecia, então quando eu era criança, eu não entendia. E hoje a gente, com um pouco mais de maturidade, acaba enxergando um pouco isso, infelizmente.

(Leo)

"Eu me identifico bastante com esse vídeo, até porque não é nem privilégio, mas nós meninas não costumamos ser tanto abordadas (...), mas já aconteceu um episódio onde eu estava atrasada pra ir pra autoescola e fui correndo, porque precisava colocar a digital, saí correndo porque eu precisava chegar lá, e aí eu tava passando perto de uma delegacia, e aí sabe aquele minuto que você para pra pensar... aquele segundinho onde você acha que é melhor parar de correr porque podem achar que você está fugindo de alguma coisa? Por que será que eu pensei isso naquele momento? Por que eu pensei daquele jeito? Eu também não estava bem arrumada, como se pode dizer, estava com roupa do dia a dia, eu também já tinha cortado o cabelo (ela usa um sidecut), aí eu fiquei meio sentida, de por um segundo assim de um pensamento errado, de alguma coisa mal calculada, e de repente um policial mesmo, e de repente você ser colocada numa situação irreversível.

(Leticia)

Analisar somente estas falas pode parecer que há um exagero ou zelo em excesso por parte dos jovens, ou mesmo dos produtores de conteúdo. Mas, ao analisar os dados de um relatório de segurança pública produzido pela Rede de Observatórios de

Segurança²⁵, sobre a violência nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará e Pernambuco observam-se as estatísticas de homicídios de pessoas negras pela Polícia, registrando-se que 75% dos mortos pela polícia são negros. Quando se olha para os dados gerais, a taxa de homicídios no Brasil é de 28 para cada 100 mil habitantes. Recortando para homens negros de 18 a 24 anos, este número ultrapassa 200, ou seja, mais de 700% superior.

Figura 20: Imagem do vídeo "Respondendo comentários racistas"



Fonte: Canal Capricho. Disponível em: youtu.be/JgtpEJ3ZvZE – Acessado em 08/09/2020.

O terceiro vídeo apresentado era um compilado de comentários racistas feito pelo Canal Capricho e lidos por influenciadoras negras. Aqui podemos ver como os ataques racistas continuam nas caixas de comentários das redes sociais, sendo proferidos, muitas vezes, por pessoas que se escondem atrás de um perfil *fake*, ou de uma conta não identificada. Sobre o racismo sofrido por mulheres negras online, Borges e Melo (2019 p.5) contextualizam que:

é pelo discurso que construímos as práticas sociais, legitimamos certas vidas, deslegitimamos outras, elegemos ou contestamos certas

25 Notícia publicada no site do jornal Estado de Minas: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/07/15/interna_nacional,1167234/negros-sao-75-dos-mortos-pela-policia-no-brasil-aponta-relatorio.shtml. Acessado em 10 de maio de 2021.

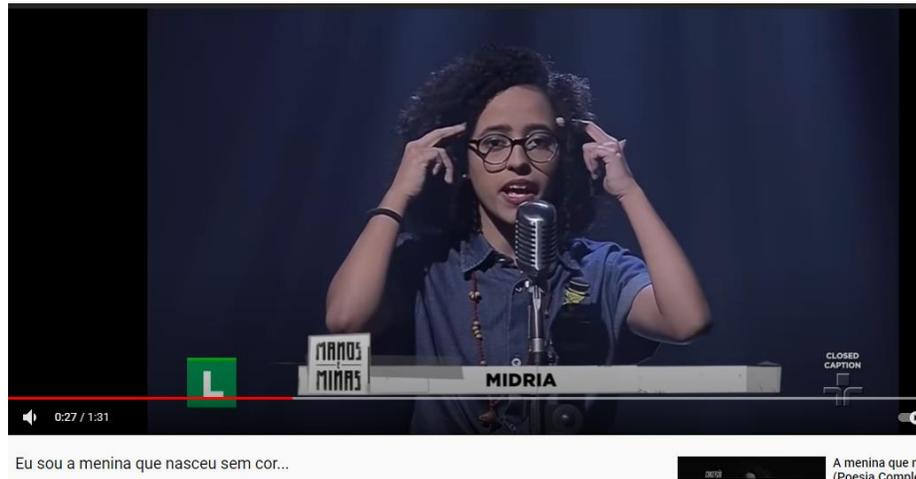
naturalizações da posição/colocação social de alguns corpos e de saberes hegemônicos, legitimamos certas existências de umas pessoas em detrimento às existências de outras.

Pelas expressões faciais ao longo do vídeo era possível notar que ele afetava bastante a todos, especialmente a participante Mila, que possui um perfil de criadora de conteúdo nas redes. Infelizmente, casos como os expostos no vídeo não são exclusividade nas redes sociais. Borges e Melo (2019, p. 9-10), inserem o racismo em rede que desumaniza, objetifica ou animaliza as mulheres negras como uma questão histórica, estrutural e estruturante em nossa sociedade. Apontam que:

Embora estejamos há séculos discutindo a questão racial brasileira, não é difícil nos depararmos com discursos, com valores e com memórias que sinalizam o quão estrutural e estruturante é o racismo. A desumanização de mulheres negras, fato que se repete na atualidade e, em especial, nas redes sociais, pode ser percebida nos atos de fala performativos (...) A linguagem como performance em seu processo de iterabilidade nos mostra que a repetição de valores, de crenças, de discursos e de memórias sobre as pessoas negras insistem em construir social, histórica, cultural, discursiva e performativamente os corpos de mulheres negras como 'inferiores' e 'animalescos'. (...) segundo essa lógica, difamados, agredidos e violentados de diversas formas, porque tais ações são 'naturais' e/ou 'inerentes' às pessoas descendentes de negras e negros trazidos(as) de países africanos para trabalhos escravos. (BORGES & MELO, 2019, p. 9-10)

Em termos práticos, é como se as mulheres negras ainda fossem uma propriedade das pessoas brancas, que as tomam como uma coisa ou um animal, como um inferior, e se sentem no direito de agredi-las de todas as formas.

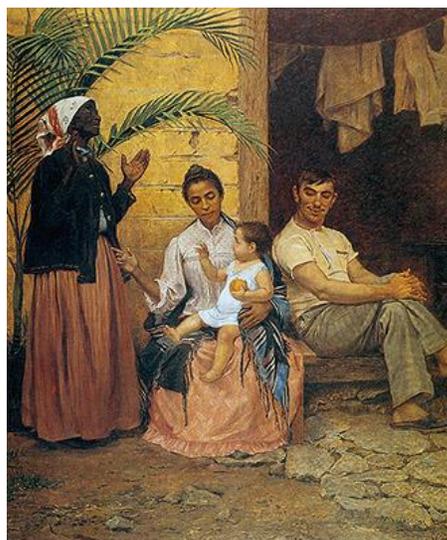
Figura 21: Imagem do vídeo "Eu sou a menina que nasceu sem cor..."



Fonte: Canal Manos e Minas. Disponível em: youtu.be/o6zEzP7pudQ – Acessado em 08/09/2020.

O quarto vídeo apresentado é um *slam*, um tipo de poesia falada, com forte crítica social. No vídeo a poetisa Midria apresenta sua vida de garota negra sob a perspectiva de uma pessoa de pele clara e que precisou lidar a vida inteira com a questão de não possuir a pele clara o suficiente. Em sua fala, Midria traz a questão da miscigenação e cita a obra de arte *A redenção de Cam*, Modesto Brocos (1985).

Figura 22: Quadro A Redenção de Cam, de Modesto Brocos, 1985



Fonte: site Itau Cultural, acessado em 3 de maio de 2020, disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>

No quadro é mostrado o processo de embranquecimento gradual provocado pela miscigenação de uma família por gerações. O apelo e incentivo ao embranquecimento gradual da raça, por exemplo, gera o mito da democracia racial que, ao “desracializar a sociedade por meio da apologética miscigenação que se presta historicamente [passa] a ocultar as desigualdades raciais” (CARNEIRO, 2011, p. 15). Ao eliminar ou reduzir os traços de negritude de um povo, tenta-se apagar também a sua história e ancestralidade.

As dúvidas sobre pertencimento à raça perpassam por todos os grupos sociais e idades. Fica nítido em diversas falas dos jovens, como a de Leonardo no vídeo 2, que negros de pele clara nem sempre se veem como negros, principalmente quando possuem familiares de pele retinta. Para os negros de pele clara, muitas vezes, a negritude não acontece tão cedo, como também apontou o mesmo participante, motivado por não sofrerem a mesma carga e frequência de atos racistas em suas vidas.

Em seu livro *Quando me descobri negra*, a jornalista e ativista Bianca Santana (2015 p.13) conta que apesar de ter 30 anos, há somente 10 é negra, pois antes era considerada morena. Logo nas primeiras páginas do livro a autora traz a questão da miscigenação e do mito da democracia racial revestida de discurso infantil, comum em muitas famílias inter-raciais:

Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras do colégio católico, para os coleguinhas – que talvez não tomassem tanto sol – e para toda a família que nunca gostou do assunto. “*Mas a vó não é descendente de escravos?*”, eu insistia em perguntar. “*E de índio e português também*”, era o máximo que respondiam. Eu até achava bonito ser tão brasileira.

Sejam por questões familiares e seus passados dolorosos que tentam esconder, seja pela negação da própria negritude numa tentativa de evitar o sofrimento, ou ainda por uma tentativa nacional de embranquecer sua população, é possível que a tonalidade de pele determine momentos diferentes da vida de cada negro que se descobrirá.

Figura 23: Imagem do vídeo "Ei, meu, e se Jesus fosse preto?"



Fonte: Canal Manos e Minas. Disponível em: youtu.be/6nRQWP0Wk18 – Acessado em 08/09/2020.

O quinto vídeo apresentado traz um questionamento acerca do Cristianismo e das religiões de matriz africana. O participante Renan, que é candomblecista, se identificou bastante com este vídeo, apesar de não ter expressado nenhuma situação específica a qual tenha passado por causa da religião. Infelizmente, muitas outras pessoas não tiveram o seu direito de expressar sua fé respeitado no Brasil.

Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos²⁶, no primeiro semestre de 2019, aponta um grande aumento de denúncias realizadas no período em relação aos anos anteriores. Das 354 denúncias recebidas (contra 211 no período em 2018), a maior parte das identificadas eram sobre religiões de matriz africana. O órgão responsável acredita que este número seja ainda maior, pois muitas injúrias e casos de racismo religioso não são denunciados.

O processo de colonização e valorização eurocêntrica está ligado a essa visão desumanizada e demonizada das religiões de matriz africana no Brasil e em diversos países. Como destaca Jango:

Assim, a desvalorização e alienação do negro ocorrem de maneira ampliada, ou seja, tudo aquilo que faz referência a ele, como o continente, os países, as instituições, a cultura, a religião, bem como seu corpo,

²⁶ Pesquisa disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>. Acessado em 10 de maio de 2021.

língua, música e arte são alvos de degradação e inferiorização por parte do branco europeu. (JANGO, 2017, p.17)

Vale ressaltar, porém, que apesar de ter se tornado “popular” por parte da Europa, Jesus Cristo não era Europeu, pois a cidade citada na Bíblia como local de seu nascimento fica na Ásia, e grande parte da história contada na Bíblia se passa na África, como a passagem sobre Moisés e o rio Nilo, e tantas outras.

Encerrando a primeira parte dos vídeos apresentados, repercutimos o caso do motoboy e entregador Mateus²⁷ que, em agosto de 2020, ao ingressar num condomínio no interior de São Paulo, foi ofendido por injúrias racistas pelo morador que havia feito o pedido que estava sendo entregue.

Para a segunda parte das análises, os seguintes vídeos foram apresentados, com comentários feitos ao final da exibição. O intuito destes vídeos é ir na contramão do que havia sido apresentado até então, tentando mostrar diversas situações em que pessoas negras no Brasil e no mundo, de diversas áreas distintas, estivessem em um momento de reconhecimento ou posição de destaque. Algumas dessas pessoas já haviam sido citadas pelos jovens, como as artistas Beyoncé e Iza.

Quadro 4: Vídeos apresentados na 2ª parte da OT:

Vídeo	Link
Djamila Ribeiro quebra a internet falando sobre lugar de fala Tema da Semana Saia Justa	https://www.youtube.com/watch?v=AINEmjM4Ki4
Roda Viva com Silvio Almeida 22/06/2020:	https://www.youtube.com/watch?v=L15AkiNm0lw
Barack Obama elogia sua mulher Michelle Obama em discurso	https://www.youtube.com/watch?v=lrLG2Xz6O1U
Estreia de Maria Júlia Coutinho, a Maju, no Jornal Nacional	https://www.youtube.com/watch?v=efsnb3VFirw
Dona de Mim + Ginga Iza Prêmio Multishow 2018	https://www.youtube.com/watch?v=wVn_n4LZ5w8
Videoclipe <i>Brown Skin Girl</i> - Beyoncé	https://www.youtube.com/watch?v=vRFS0MYTC1I

²⁷ Matéria e vídeo disponíveis em <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/08/07/entregador-registra-boletim-de-ocorrencia-apos-sofrer-ofensas-racistas-em-condominio-de-valinhos-video.ghtml>. Acessado em 10 de maio de 2021.

Fonte: da autora (2020)

A seguir apresento as falas sobre o que expuseram sobre esta segunda rodada dos vídeos. Na sequência, trago um recorte da pergunta feita no Whatsapp como parte dessa OT sobre representatividade nas mídias, com as suas respostas *ipsis litteris*:

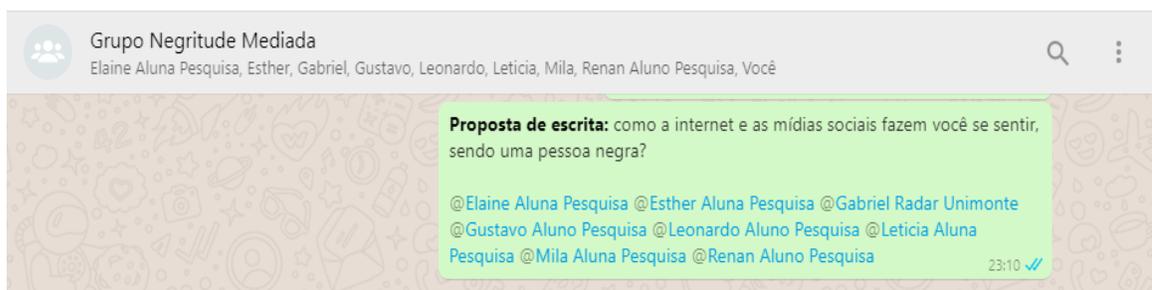
Representatividade. Grandes influências negras começaram a aparecer
(Gabs)

Pessoas negras no topo
(Gustavo)

Demais. A Iza, por exemplo, há muitos anos a gente tem a Beyoncé, mas aqui no Brasil a Iza ter surgido por assim, incrível. Pra mim, eu nunca tinha visto mais ninguém no pop.
(Letícia)

[sobre o vídeo que mais os tocou] *falando por mim, sem sombra de dúvidas o do Silvio Almeida. Olha, em filosofia do direito não se fala dele nas academias. Em filosofia, eu tenho o curso de filosofia trancado por causa da dedicação à academia do direito, não se fala da Djamila.*
(Renan)

Figura 24: Pergunta motivadora da OT2 a ser respondida no grupo do Whatsapp dos participantes



Fonte: da Autora (2020)

Hoje me sinto mais representada, por todos os lados... mas ainda sim, não é o suficiente para ser respeitada como mulher negra e isso é muito triste... mesmo assim vou continuar na luta contra o racismo e todas as outras lutas necessárias para criar um mundo melhor 🙌
(Esther)

Um pouco deixada de lado. Penso que a internet e as mídias justamente servem para aproximar e dar mais visibilidade a qualquer assunto/coisa, mas não sinto isso totalmente refletido no dia a dia quando se trata da minha identidade. Mesmo assim, acredito que que graças a tudo que tem acontecido ultimamente na luta contra o racismo e toda mobilização virtual envolvida, no mínimo, sinto que não estou sozinha nisso.

(Leticia)

Eu me sinto livre mas ao mesmo tempo com medo de errar, sinto que nossa luta contra o racismo está forte, principalmente quando algum crime racista viraliza, e me sinto completo em usar as redes sociais pra aprender MUITO sobre os negros e todo a nossa cultura-história.

(Gustavo)

Hoje em dia me sinto mais representada do que nunca. A internet teve um papel muito grande no meu processo de aceitação e acredito que as coisas mudaram quando passei a procurar o conteúdo de pessoas negras pra consumir. Acredito que seja uma ótima ferramenta para usar a nossa voz, não se calar de forma alguma e seguir lutando contra o racismo e pelo nosso espaço.

(Mila)

Não sei ao certo, mas no geral eu me sinto bem, pq comecei a conhecer alguns trabalhos de pessoas negras, que eu não conheceria se não fosse a Internet, isso faz com que eu me sinta representado, mas confesso que demorou pra aparecer mais criadores de conteúdo negros nos meus recomendados.

(Elaine)

Especificamente sobre a fala da Elaine, podemos trazer um recorte de racismo algorítmico, na visão de Silva (2019)

Os algoritmos tomam cada vez mais as decisões por nós, e nos mostram conteúdos de acordo com a sua programação, e o resultado disso impacta no cotidiano e na forma como nos comportamos no ambiente virtual, muitas vezes reproduzindo relações de opressão existentes na sociedade. (SILVA, 2019)

Sobre estes pontos levantados, podemos afirmar que a representatividade importa muito, principalmente quando tratamos de pessoas que estão construindo suas identidades e noções de mundo. Enxergar-se nestes lugares, populá-los é tão importante quanto fazê-lo nas mídias off-line. É importante que jovens negros saibam que também podem conquistar o seu espaço online, sendo o que quiserem ser.

OT2 – Eu, Thainá, navegando: (auto)descoberta e (auto)análise de resultados

Começo este segundo diário de bordo com misto de sensações. Estou em algum lugar entre a dor e o êxtase, o medo e a felicidade. Sinto-me completamente inundada de uma sensação que mal posso racionalizar, apenas deixo o sentimento vir.

Pouco mais de 30 minutos se passaram após a segunda oficina, e estou organizando as ideias para transcrevê-las. Hoje tivemos a “casa cheia”, com os oito participantes, todos prontos e dispostos a engajar e participar da pesquisa. Eu estava com certo receio de que não entrassem, afinal, é feriado em Santos, e eles não têm aula. Poderiam estar fazendo qualquer outra coisa (considerando que ainda estamos na pandemia, nem tão “qualquer assim”), mas estavam aqui, comigo, interessados em participar. Confesso que nesse momento notei o quanto estavam engajados mesmo para tirar este projeto do papel. A sensação de responsabilidade foi muito maior e a minha autocobrança foi a mil.

Começo apresentando a Leticia e o Renan ao time. Renan trouxe uma situação muito particular sobre a sua infância, que é o fato de ter mãe branca e por muitas vezes não achavam que eles eram mãe e filho. Lembrei das inúmeras vezes que passei por isso, e mesmo eu sendo exatamente a cópia “negra” da minha mãe, todo mundo achava que eu era filha da minha tia, que não é branca. Eu nunca entendi isso muito bem, porque não é o tipo de coisa que as pessoas falam explicitamente, que você não se parece sua mãe porque você é negra e ela é branca, mas senti a fala dele de uma forma intensa.

Percebo que todos parecem bem à vontade. Alguns falam um pouco mais, como a Mila, o Gustavo, o Gabriel, o Leo e o Renan, e outros são mais objetivos, como a Leticia, a Esther, a Elaine. Acredito que este é mesmo o jeito deles, não era uma questão de timidez, pois vi posteriormente que até na escrita das respostas eles eram mais sucintos.

Finalizadas as apresentações, quando começo a tratar dos conceitos de influenciadores, influência e consumo de internet, eles começam a se soltar mais, um puxando o outro. Percebo também que eles me olham como se estivessem em uma aula, e eu me sinto professora. Confesso que fiquei levemente assustada quando pergunto sobre o consumo de conteúdo de influenciadores e eles titubeiam. Penso se eles de fato não consomem conteúdos na internet, ou se não se dão conta de que estão consumindo conteúdo. As falas seguintes me mostram que abrir as redes sociais e ler, assistir e

interagir é tão fluído na vida deles, que eles não se dão conta de que estão, de fato, fazendo isso. É algo orgânico. Percebo que os temas e os gostos são variados. A Esther diz “tem muita coisa que eu consumo que eu nem sei mais, é muita página.”, corroborando as informações contidas na pesquisa Social Media Trends apresentada no tópico anterior.

As semelhanças entre o conteúdo consumido começam a surgir. Eles possuem várias páginas e perfis em comum – inclusive comigo, me sinto mais jovem com essa constatação – e percebo que apesar de possuírem vivências e histórias diferentes, aqui achamos mais diversas intersecções. Vários caminhos se cruzam na internet.

Outro ponto de convergência foi sobre o tempo que estão online agora na pandemia. Todos aumentaram o tempo na internet, seja por causa da falta de entretenimento off-line, seja pela migração de trabalho e aulas.

Quando pergunto sobre influenciadores negros e eles começam a me falar suas preferências, tenho um alerta: para as meninas, os conteúdos sobre estética, como cabelo e maquiagem, são extremamente relevantes. Elas trazem isso no discurso de uma forma muito presente e forte. Na hora relembro do artigo de Bianca Santana sobre o grupo de cabelos afro no Facebook. Quase como se eu conseguisse ouvir as engrenagens do meu cérebro funcionando, vêm à mente diversos flashes delas falando na OT anterior sobre o preconceito que sofriam na escola por causa do cabelo, e toda a jornada que passaram de alisamento desde a pré-adolescência até se encontrarem em sua negritude. Chego à conclusão de que para mulheres negras consumir conteúdos de influenciadoras que falam sobre cuidados com a pele, cabelo e produtos de beleza é essencial, pois assim conseguem se enxergar belas como são. Não só ver mulheres negras vivendo a sua beleza, mas aprender a como ser bonita também, visto que não se viam representadas nas mulheres da família, pois todas alisavam. Uau!

Para os meninos, essa influência existe também, mas eles não trazem isso de forma instantânea na fala, e nem tão unânime.

Nessa conversa estética, percebo que todos já estão bem à vontade, brincando, rindo e se divertindo. Isso foi muito engraçado e legal de ver. Eu me senti feliz em vê-los felizes. Eles começaram a se enturmar.

Próximo ao meio da oficina, a Elaine precisou sair pois teve um problema familiar com a avó. Todos ficaram preocupados. No final ficou tudo bem.

Estava tensa para a próxima rodada do roteiro, que eram os vídeos. Ao projetar os filmes que tratavam de casos de racismo, o silêncio imperou... era como se a dor fosse palpável. Muita identificação aconteceu ali, naquele momento, e acredito que ver a dor escancarada em tela, e se reconhecer nela fez abrir várias feridas – como abriu em mim. Foi difícil até conversar com eles depois. Todo aquele momento leve anterior foi embora, e aqui conseguimos captar várias outras similaridades nas histórias.

Quando apresentei os vídeos que mostravam o sucesso de pessoas negras em suas carreiras, uma palavra foi unânime no feedback: representatividade. Eles se viam representados ali, e se sentiam bem, inspirados em estar ali também. Fiquei pensando na força e na potência que tem a representação.

O Renan trouxe um ponto muito relevante e uma nova luz surgiu: me chamando de professora, ele me disse que nunca tinha estudado um jurista ou filósofo negro na faculdade. A Leticia disse que não conhecia outros psicólogos negros. Eu também nunca estudei um publicitário ou comunicólogo negro na graduação ou pós, e daí surgiu a ideia de trazer isso também para o produto. Ora, se as instituições ainda não trazem acadêmicos negros em seus currículos, eu, usando toda a força que a palavra Professora carrega e desperta em mim, incluirei essa seção no meu produto. Ainda não sei como... mas, estará lá.

Finalizamos a noite satisfeitos de estarmos entre amigos que se acolhem e se reconhecem um no outro. Devido ao horário, deixarei a pergunta final sobre representatividade em rede social para ser respondida no Whatsapp. Tomara que respondam.

P.S.: a avó da Elaine está bem.

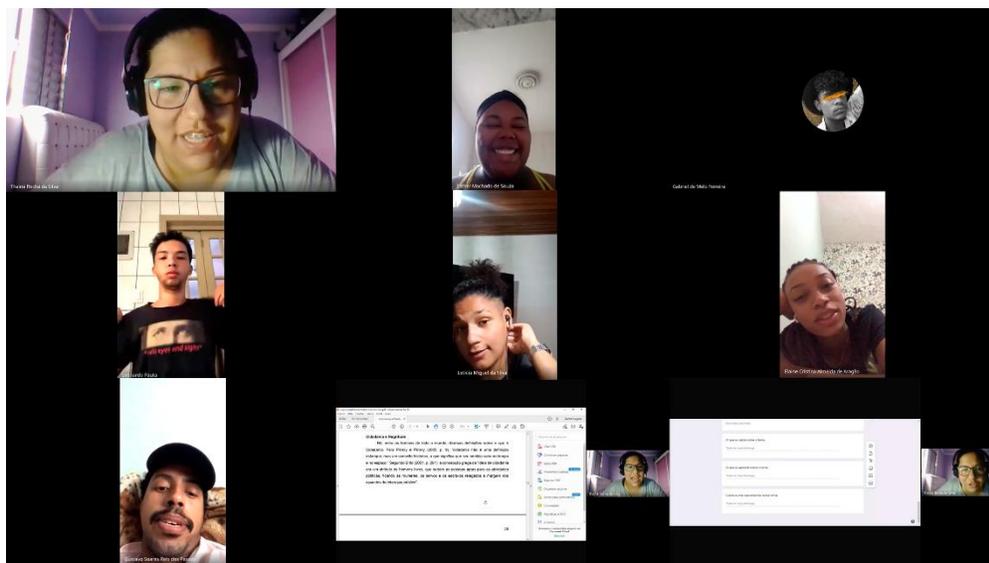
3.3 O terceiro encontro

O terceiro encontro aconteceu num domingo, quase 1 mês após o segundo, no dia 4 de outubro de 2020, iniciando às 11h30, com duração de uma hora, quarenta e nove

minutos e vinte e três segundos. Devido às provas e trabalhos, não está muito fácil conciliar as agendas²⁸.

Estavam presentes os participantes Léo, Esther, Gabriel, Gustavo, Letícia e Elaine. Mila havia avisado que não conseguiria participar pois tinha compromissos pessoais em outra cidade, e o Renan apresentou um novo problema de coluna e estava com muita dor.

Figura 25: Registro da OT3, realizada no Google Meet e manipulado no Photoshop



Fonte: da Autora (2020)

Como objetivo da ação em relação à pesquisa essa oficina visava apresentar conceitos e referenciais teóricos e checar o conhecimento dos jovens acerca destes elementos conceituais. Entender como se enxergam enquanto sujeitos negros e cidadãos, a partir desses referenciais teóricos, uma vez que são jovens universitários. Identificar o processo de empoderamento que viveram e como a mídia digital foi parte integrante (ou não) desse momento. Assim, o roteiro foi:

28 Nota da autora: o vídeo completo da oficina foi disponibilizado em caráter privado, utilizando a tecnologia “não listado” do YouTube, e caso queira conferir, basta acessar: youtu.be/aOiqayQZhBo.

- Apresentação breve dos três conceitos centrais da oficina: Cidadania, Negritude e Empoderamento;
- Preenchimento de ficha digital com três colunas para cada tema: O que eu sabia sobre o tema? O que eu aprendi sobre o tema? Como eu me vejo neste tema (modelo a seguir)?
- Compartilhamento de relatos e informações dos arquivos preenchidos, com debate sobre as respostas;
- Primeira rodada de relatos: a partir da questão provocadora “Quais pessoas negras que você considera empoderadas e porquê você as enxerga sob essa ótica?”;
- Segunda rodada de relatos: a partir da questão provocadora “Eu me sinto empoderado porque (...) / Eu não me sinto empoderado porque (...)?”;
- Terceira rodada de relatos: a partir da questão provocadora “A minha identidade negra é formada por estes elementos: (indicar os elementos)”;
- Quarta rodada de relatos: a partir da questão provocadora “Como eu gostaria que as pessoas negras fossem representadas nas mídias sociais e internet?”;
- Proposta de escrita: como eu posso me posicionar e ajudar outros jovens negros a se reconhecerem como negros e empoderados?

Figura 26: Modelo de arquivo a ser preenchido na OT 3

Nome: _____ Data: _____

	O que eu sabia sobre o tema	O que eu aprendi sobre o tema	Como eu me vejo inserido neste tema
Cidadania			
<u>Empoderamento</u>			
Negritude			

Fonte: da autora (2020)

Importante: devido à aplicação remota da oficina, o modelo do formulário foi adaptado para o ambiente virtual, com suporte do *Google Forms*²⁹. Todas as questões e proposta de interação permanecem iguais. Apenas foi transferido para o ambiente digital. As respostas estão disponíveis na íntegra no item “Anexo” desta dissertação.

Sendo essa a oficina mais densa em conteúdo, e por ser realizada em um domingo, eu imaginava que o engajamento podia não ser o mesmo das duas oficinas anteriores.

Após recebe-los e passarmos alguns minutos nas conversas triviais para garantir que todos nós estávamos bem, fiz a exposição visual e oral dos conceitos de Negritude e Cidadania disponíveis nesta pesquisa, e também o de Empoderamento, com a perspectiva de Joice Berth. Após isso, compartilhei o link do formulário para que respondessem ao questionário com as 3 perguntas sobre os temas, assimilando o que eles já sabiam previamente sobre o assunto, o que passaram a saber e como se viam inseridos nesse tema. As principais respostas estão disponíveis abaixo, separadas por questão:

Quadro 5: Respostas sobre o tema Empoderamento

O que eu sabia sobre o tema	<i>Tinha um conhecimento meio raso à respeito, praticamente uma ideia generalizada do tema. Que pra mim, dizia respeito à abraçar a sua causa e passar a ter voz ativa quando se diz respeito a isso. (Leticia)</i>	<i>Sabia que esse termo era utilizado para representar como uma pessoa se sente, sobre seu físico e/ou mental (Esther)</i>
O que eu aprendi sobre o tema	<i>Que pode prover bem estar emocional para o individuo, que é uma noção moderna que ajuda a direcionar o individuo no proprio entendimento de si mesmo e do que defende (Leticia)</i>	<i>Que empoderamento é uma palavra que já foi muito utilizada para diferentes causas, mas todas elas tem um mesmo contexto, buscar direitos igualitários a todos, ter orgulho e resistir. (Gabriel)</i>
Como eu me vejo inserido nesse tema	<i>Vejo a mim mesma, que de forma recente, tenho tentado entender questoes a respeito da minha própria cultura e aprender como defender e passar esses ideais. (Leticia)</i>	<i>Que cada vez mais eu posso me tornar uma pessoa com o domínio sobre a minha própria vida e as minhas escolhas, me empoderando do que eu tenho direito. (Gabriel)</i>

Fonte: da autora (2021)

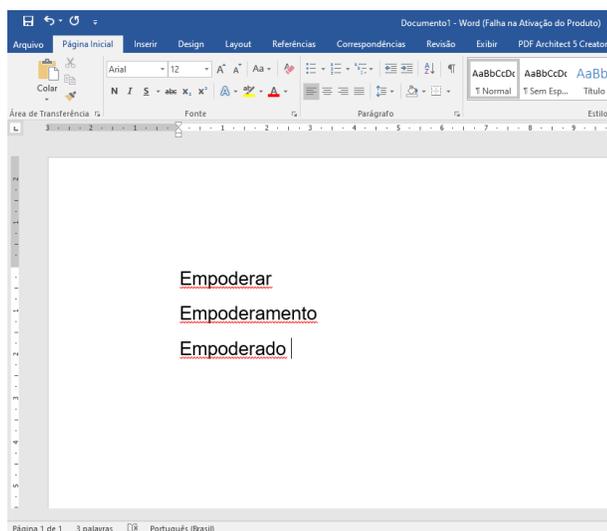
²⁹ Formulário online disponível em <https://forms.gle/VeyH89RzUz19WpCt7>.

Com vistas ao que aponta Joice Berth, 2019, sobre o conceito de Empoderamento em diálogo com diversas perspectivas, o conceito-chave que foi apresentado aos jovens, e que eles assimilaram, a seu modo, foi:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e. por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. (BERTH, 2019, p. 21)

Tal elucidação do conceito se faz necessária, pois ao partirmos de uma análise inicial simples que é: ao digitar o termo em programas de edição de texto, o mesmo aparece sublinhado, e é considerado um neologismo, o que, segundo o Dicionário Online Michaelis³⁰, é uma “palavra de criação recente com recursos da própria língua ou adaptada de outra”.

Figura 27: Imagem do Microsoft Word 2016 com palavras relativas a empoderamento sublinhadas em vermelho.

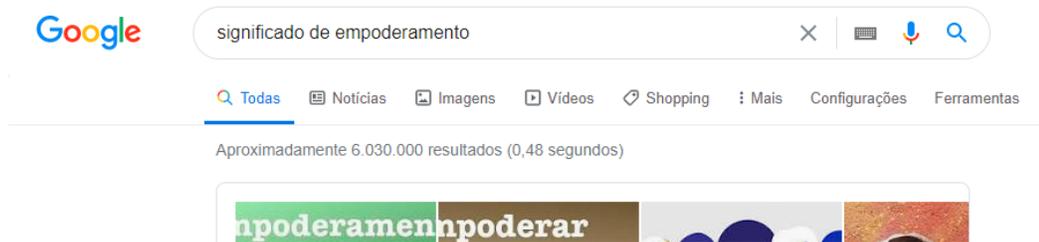


Fonte: da Autora (2020)

30 Consulta sobre o termo “neologismo” realizada ao Dicionário Online Michaelis no dia 08/11/2020, disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=neologismo>.

Mesmo que nem todos os mecanismos de escrita e dicionários reconheçam a palavra em nosso idioma, ao realizar uma simples busca no Google, a resposta instantânea traz aproximadamente 6.030.000 resultados:

Figura 28: Resultado de busca dos termos "significado de empoderamento" no Google



Fonte: google.com. Pesquisa realizada em 8/11/20, disponível em <https://bit.ly/35dkePP>.

Com esta vasta gama de resultados disponível, faz-se necessário concordar com a escritora supracitada, que diz que “é conveniente elucidar exatamente de que poder estamos falando quando utilizamos esse neologismo que significa, a grosso modo, “dar poder”.” (BERTH, 2019, p. 18). Há várias formas possíveis de se pensar no conceito de empoderamento, mas Berth começa seu livro intitulado Empoderamento trazendo a definição da filósofa alemã Hannah Arendt, que pensa em poder a partir da ação coletiva, que norteia o significado social e subjetivo de poder e que se aplica na compreensão do que se fala quando assumimos a necessidade de empoderar grupos minoritários porque:

(...) o poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir em conjunto. Poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. Quando dizemos que alguém está “no poder”, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome. (ARENDR, apud BERTH, 2019, p. 19.)

Olhando para o que foi compreendido, replicado e exposto pelos participantes, acredito que as noções de empoderamento e assimilações feitas giram em torno dessas duas citações conceituais sobre o tema, onde empoderar-se é estar e manifestar o poder, e levar consigo um grupo social minorizado.

Para uma melhor compreensão e assimilação dos temas principais da pesquisa, vale considerarmos o que foi exposto no segundo eixo do questionário, que é a Cidadania:

Quadro 6: Respostas sobre o tema Cidadania

O que eu sabia sobre o tema	<i>Cidadãos são todos aqueles que tem o direito do livre arbítrio, podendo tomar as suas decisões e ser julgado pelo órgão de maior poder caso cometa algum erro. (Gabriel)</i>	<i>Sabia os conceitos teóricos, sobre essa pluralidade de significados dependendo de cultura, espaço e etc. Sobre a necessidade de liberdade para poder ser cidadão. (Leticia)</i>
O que eu aprendi sobre o tema	<i>Acho que foi mais uma questão de lembrar coisas que eu já tinha esquecido, como o fato de que por muitos anos negros e mulheres não eram considerados cidadãos. (Gabriel)</i>	<i>aprendi que nao somente ser livre, mas ser ativo e participar do que lhe diz respeito, fazem um cidadão. (Leticia)</i>
Como eu me vejo inserido nesse tema	<i>Que sou um cidadão que deveria ter vários direitos, mas sou colocado em situações que eu não deveria estar, só pelo simples fato da cor da minha pele. (Gabriel)</i>	<i>Todos devemos ser cidadãos, mas uns acham que são melhor que outros e é esse o problema de nossa sociedade, eu me vejo inserido mas ao mesmo tempo não (Gustavo)</i>

Fonte: da autora (2021)

Há, entre os teóricos de todo o mundo, diversas definições sobre o que é Cidadania. Para Pinsky e Pinsky (2005, p. 9), “cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço.” Segundo Brito (2001, p. 291), a concepção grega da “ideia de cidadania era um atributo de homens livres, que seriam as pessoas aptas para as atividades políticas, ficando as mulheres, os servos e os escravos relegados à margem dos assuntos do interesse público”.

Com vistas ao desenvolvimento da cidadania no Brasil, José Murilo de Carvalho (2002) considera que a cidadania plena é a detenção dos três pilares: liberdade, participação na sociedade e igualdade para todos. Para ser um cidadão completo, isto é, alguém que alcança em plenitude os ideais ocidentais de cidadania, a pessoa precisa contemplar essas três dimensões, caso contrário, será um cidadão incompleto, ou ainda, um não-cidadão, quando houver a ausência de todas as dimensões expostas.

Tais dimensões, segundo o autor, são comumente desdobradas em direitos civis, políticos e sociais. Nesse sentido, para ser um cidadão pleno, é necessário possuir e exercer esses direitos em conjunto: a falta de qualquer uma dessas possibilidades altera a categoria na qual cada pessoa se enquadra. Para entender o que isso representa na vida de cada indivíduo, faz-se necessário conceituar o que está contemplado em cada categoria de direito. Sobre o direito civil, Carvalho (2002, p. 9) conceitua:

Direitos civis são os direitos fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei. Eles se desdobram na garantia de ir e vir, de escolher o trabalho, de manifestar o pensamento, de organizar-se, de ter respeitada a inviolabilidade do lar e da correspondência, de não ser preso a não ser pela autoridade competente e de acordo com as leis, de não ser condenado sem processo legal regular. São direitos cuja garantia se baseia na existência de uma justiça independente, eficiente, barata e acessível a todos.

Para além dos direitos civis e, reiterando que a plenitude da cidadania somente se alcança com a tríade dos direitos, vale explicitar o que são os direitos políticos: “estes se referem à participação do cidadão no governo da sociedade. Seu exercício é limitado a parcela da população e consiste na capacidade de fazer demonstrações políticas, de organizar partidos, de votar, de ser votado” (CARVALHO, 2001, p. 9). Encerrando a tríade, estão os direitos sociais:

Se os direitos civis garantem a vida em sociedade, se os direitos políticos garantem a participação no governo da sociedade, os direitos sociais garantem a participação na riqueza coletiva. Eles incluem o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, à aposentadoria. (CARVALHO, 2002, p. 10)

Apresentados os conceitos dos três direitos fundamentais que tecem a rede da cidadania, há de se notar a dificuldade de diversos grupos sociais em se adequar ao que se define como cidadão. De acordo com a classificação apresentada, situada em seu devido tempo e espaço, um analfabeto, por não poder exercer seus direitos políticos, dada à sua condição escolar, é considerado um cidadão incompleto. Uma pessoa em situação de rua, cujos direitos políticos, sociais e civis estão relegados, é um não-cidadão, ou um cidadão em negativo, termo utilizado por Carvalho (2002), mesmo sendo um ser humano completo. A construção de uma democracia cidadã passa por enxergar todas as lacunas existentes nessa identificação.

Com base nos autores citados, podemos perceber que o conceito de cidadania e, conseqüentemente, de quem é cidadão, encontra barreiras há muito construídas e remontam da herança colonial portuguesa (CARVALHO, 2002), que marginalizou e perpetuou a marginalização de grupos inteiros e numerosos. Quando Gabriel e Gustavo reiteram que o tom de sua pele não nos dá plenos direitos em muitos lugares, é este contexto social que marginalizou e invisibilizou pessoas por séculos que impede uma adequada leitura do ser negro enquanto cidadão pleno.

Essas três definições postas, devemos-nos lembrar que, no Brasil, a escravidão perdurou por quase quatro séculos, sendo um dos últimos países a libertar os negros escravizados, em 1888, após tensões políticas e econômicas com países importantes, como a Inglaterra, que fez pressão para que o tráfico de escravos deixasse de ocorrer (CARVALHO, 2002, p. 45-46). Correlacionando com as ideias de Pinsky e Pinsky, com as de Brito e de Carvalho, o conceito de cidadania acompanhou os momentos históricos do povo negro no país, que, por quase 400 anos não possuiu qualquer tipo de direito ou reconhecimento como cidadão, mesmo os nascidos em terras brasileiras, e que os reflexos dessa desigualdade no reconhecimento de quem era ou não era cidadão, podem ser observados continuamente ainda hoje em diversos índices de desenvolvimento humano e social, como as estatísticas de pesquisas como a PNAD Contínua do IBGE e os Estudo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, do mesmo instituto,³¹ dentre outros tantos. Segundo Sueli Carneiro (2011, p. 54) essas pesquisas são importantes pois têm sido a principal alavanca para o reconhecimento dos negros brasileiros como um segmento com características específicas e desvantajosas em termos de inserção social no país.

Apesar de um notável avanço nos séculos seguintes para a inclusão desses grupos, concedendo-lhes os direitos básicos supracitados, ainda há um longo caminho a percorrer.

Para refletir sobre a última questão apresentada no formulário, é importante revermos algumas colocações sobre negritude.

31 Compilado de informações sobre os índices de desigualdade racial organizado e publicado pela Agência Lupa no site do veículo nacional Folha de São Paulo como conteúdo especial para o Dia da Consciência Negra, publicado em 20 de novembro de 2019, e acessado em 1 de maio de 2020, disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil>.

A negritude também é um conceito amplo. Para além da afrodescendência, contempla conceitos culturais, ideológicos e políticos (DOMINGUES, 2005). Tratar sobre negritude é abordar empoderamento e racismo explícito, velado e estrutural, na prática.

Negritude passou a ser um conceito dinâmico, o qual tem um caráter político, ideológico e cultural. No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana (DOMINGUES, 2005, p. 25-26).

A própria origem do termo trata da ressignificação de algo nocivo e pejorativo como prática empoderadora: o termo *négre*, até então com conotação racista, foi usado por Aimé Cesáire como reconhecimento à luta das comunidades afrodescendentes pela primeira vez em 1939 (WESCHENFELDER; FABRIS, 2019).

Ainda segundo as autoras, podemos conceituar negritude da seguinte maneira:

um espaço que compreende as narrativas assumidas pelos indivíduos que se reconhecem como negros, as dinâmicas presentes nas práticas discriminatórias, as políticas antirracismo, os tensionamentos que atravessam as relações étnico-raciais e, de modo geral, todos os movimentos que envolvem as populações negras na Contemporaneidade. A negritude também pode produzir ideologias, construir mitos fundacionistas remetidos a uma única origem, com o intuito de reverter séculos de invisibilidade histórica e baixa estima. Tudo isso faz parte do jogo de relações que se tornam possíveis através do fortalecimento de uma identidade negra. A negritude, assim, funciona como um conjunto de discursos que operam em diferentes linhas de frente, produzindo regimes de verdade e processos de subjetivação. (WESCHENFELDER; FABRIS, 2019, p. 3)

Entender-se e situar-se como negro numa sociedade notadamente racista³² significa assumir o “ônus” que seu tom de pele traz, seja de forma direta, seja de forma estrutural. Fazer parte e viver sua negritude é também lutar para combater o racismo (DOMINGUES, 2005).

Ao tratar da cidadania no contexto de cidadão completo (CARVALHO, 2002), esbarra-se nos conceitos de direito social. Um amplo acesso à educação, saúde,

32 Matéria publicada no site do veículo Folha de São Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/brasil-e-o-pais-mais-racista-do-mundo-diz-ex-consulesa-francesa-na-flip.shtml> - Acessado em 9 de maio de 2020.

saneamento básico e emprego, por exemplo, são direitos de um cidadão e quem vive à margem da sociedade, sem acesso direitos básicos, torna-se um não-cidadão.

Considerando que aproximadamente 54% da população brasileira é negra, e que negros são maioria também entre os analfabetos, pobres ou miseráveis, ou desempregados e aparecem mais nos índices de homicídio³³, entende-se que o direito à cidadania para essa população não se dá de forma plena. Muitas são as miradas que pode-se ter para encarar esse fato. Uma das mais relevantes é trazida por Carvalho (2002), que aponta o processo de colonização brasileiro como criador e impulsionador desse abismo social. Sobre a escravidão negra e suas mazelas, o autor aponta:

Os escravos não eram cidadãos, não tinham os direitos civis básicos à integridade física (podiam ser espancados), à liberdade e, em casos extremos, à própria vida, já que a lei os considerava propriedade do senhor, equiparando-os a animais. Entre escravos e senhores, existia uma população legalmente livre, mas a que faltavam quase todas as condições para o exercício dos direitos civis, sobretudo a educação. (CARVALHO, 2002, p. 21)

De acordo com o exposto, abaixo apresenta-se o quadro com algumas das respostas inseridas no formulário:

Quadro 7: Respostas sobre o tema Negritude

O que eu sabia sobre o tema	<i>sabia pouco, tinha ideia do processo em si de abraçar as raízes negras e assumi-las, mas não muito mais do que isso (Leticia)</i>	<i>Negritude é a valorização da cultura de matriz africana, o que fez que acontecesse muitos debates ideológicos e filosóficos. (Leo)</i>
O que eu aprendi sobre o tema	<i>Aprendi que negritude abrange os direitos de ser negro, representa quem eu sou e mostra que devo ser respeitada e ter orgulho de ser uma mulher negra (Esther)</i>	<i>Aprendi que tem toda a representatividade e movimentos para mudar o reflexo do que aconteceu no passado, é ter mais pessoas negras no poder, não ter mortes de pessoas negras (do nada) e tentar mudar muitas outras coisas que acontece no mundo (Gustavo)</i>
Como eu me vejo inserido nesse tema	<i>me vejo tentando descobrir mais sobre uma coisa que me diz tanto a respeito, quanto a negritude. Que irá me cercar a minha vida toda. (Leticia)</i>	<i>Acho que o entendimento pessoal de quem eu sou e de como o racismo funciona para alguém negro de pele clara, ter empatia e analisar toda história. (Leo)</i>

Fonte: da autora (2021)

33 Matéria publicada no site da revista Exame: <https://bit.ly/3bUTXbV>. Acessado em 9 de maio de 2020.

Desfazer estereótipos racistas, fomentar práticas empoderadoras e inclusivas, a fim de promover a inclusão de grupos marginalizados na sociedade é uma tarefa essencial para atingir uma cidadania plena e igualitária.

Quando questionados sobre pessoas que consideram empoderadas, nomes como Beyoncé, Iza e Thaís Araújo aparecem com bastante frequência, além dos próprios pais. E os motivos também são similares:

O poder que é dado a esses indivíduos foge da esfera unicamente política ou jurídica, tampouco é unilateral. Os indivíduos em posição de produção de sentido passam a capacitar-se de si, municiando-se de ferramentas que permitem o compreender na sociedade enquanto grupo social e indivíduo.

Quem é empoderado aqui em casa é a minha mãe e minha avó, que lutaram para caramba para que a gente tenha tudo o que a gente tem hoje.
(Esther)

Eu vejo muito os meus pais. Eu amo muito eles, e eu quero ser pelo menos um terço do que eles são. E toda vez que eu escuto essa palavra “empoderada”, eu lembro da Iza, e eu não sei o porquê.
(Gustavo)

Eu acho que minha mãe, aqui de casa só. E da mídia Beyoncé, Iza, Thaís Araújo, acho que elas representam muito.
(Elaine)

Em todas essas falas, e nas demais contidas nesta etapa da oficina, todas as respostas giravam em torno do conceito de empoderamento como uma pessoa que exerce o poder e leva outras consigo. Relacionando os excertos à teoria de Berth:

(...) o empoderamento tem a contestação e o novo em seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro. (...) Empoderamos a nós mesmos e amparamos os outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual e coletivo. (BERTH, 2019, p. 153)

E, como fato relevante, acrescento à citação as falas de quando eles se sentem empoderados, entendendo que esse processo simbiótico empoderador citado por Berth é semelhante ao que propõe Hall (2019) e a construção da identidade por relações de alteridade, conforme vimos anteriormente no tópico sobre identidade.

Destaco os seguintes trechos da síntese que reforçam os elementos que formam a identidade negra de todos eles:

Acho que o cabelo representa muito. A trança. É muito difícil você ver uma pessoa branca de trança. E acho que o jeito também da pessoa. O jeito que a pessoa leva a vida, as coisas. Se você comparar, colocar uma pessoa branca do lado de uma negra, você vai reparar. E acho que o cabelo ajuda bastante.
(Elaine)

Eu concordo também. O meu cabelo é muito volumoso. Não parece agora, mas ele é. (...) É uma coisa que eu demorei pra assumir, os meus cachos. Acredito que isso forma também a minha identidade. Quando era mais nova, tinha feito (escova) progressiva. Mas agora conseguir assumir os meus cachos, não ligar que ele pareça volumoso, ou parecer bagunçado, enfim, eu me sinto que eu tô assumindo a minha identidade negra.
(Leticia)

Para as meninas negras, como vimos nas oficinas anteriores, o ponto da estética e do cabelo é altamente relevante, pois muitas delas se submetem aos procedimentos estéticos desde a adolescência, e também por sofrerem *bullying* muito cedo em decorrência de seus cabelos naturais:

Deixar o cabelo na sua naturalidade passou a ser um dos sinônimos de negritude, não utilizar de meios artificiais para assumir outra identidade a partir do cabelo, foi à maneira que negras (os) encontraram para dar suporte à luta por seus direitos, enquanto sujeitos plenos de uma ancestralidade cultural. Deixar a estética branca e assumir uma estética negra é uma tarefa das mais difíceis em uma sociedade racista, cujo cabelo de pessoas negras é sinônimo de cabelos “ruins”, em contraposição ao cabelo das pessoas brancas, considerado cabelo “bom”. (CARVALHO, 2015, p. 32)

O conceito de bom = liso e ruim = crespo é apresentado desde muito cedo às crianças, e pode ter consequências que perduram por toda a vida, como é possível identificar nas falas trazidas na primeira oficina sobre quando as meninas se descobriram negras. Para os rapazes, apesar de não ser uma questão unânime, a estética também é algo presente, e se apresenta também de forma latente no cabelo:

Eu acho que a minha cor. O meu cabelo cacheado, que eu nunca consegui... eu sempre cortava baixinho, nunca deixava crescer, estou deixando crescer agora. Os meus traços.
(Gustavo)

Eu acho que no meu caso, esteticamente falando, a boca, o cabelo...

(Léo)

É comum encontrar homens negros que raspam as suas cabeças e andam sempre com o cabelo raspado, ou baixo. Sobre este assunto, Santos (2018) fala sobre a tentativa de embranquecimento causada pela busca pela afetividade:

Quando cresci, acabei sendo vencido pelo racismo e comecei a passar maquina no meu cabelo, deixando-o bem baixo. A decisão em passar a maquina ocorreu pelas tentativas de me relacionar com alguém, sempre que me descrevia ou enviava uma foto, logo era bloqueado ou ignorado pela pessoa com quem conversava. Acreditava que raspando o cabelo estaria mais “apresentável” e que seria mais fácil conseguir um relacionamento. Mesmo não querendo assumir, essa era uma tentativa de me embranquecer, de chegar a uma estética branca que agradasse o outro. (SANTOS, 2018, p. 8).

Vale ressaltar um outro ponto importante dessa oficina: todos citaram conteúdos de audiovisual que consomem, além das relações interpessoais com outras pessoas negras, para a formação de sua identidade negra. Nesta oficina eles citaram diversos filmes, séries, artistas e pessoas de referência a quem recorrem para saber mais sobre ser negro.

Minha conclusão sobre esta oficina, é que além do denso conteúdo apresentado, todos os participantes interagiram, fizeram boas reflexões e assimilaram o conteúdo contextualizando com as suas vidas, o que possibilitou em boas associações sobre o seu papel enquanto negro e negra.

OT3 – Eu, Thainá, o adubo: (auto)descoberta e (auto)análise de resultados

Domingo de manhã e nos reunimos mais uma vez para dar seguimento às oficinas desta pesquisa. Sei que esta terceira oficina pode ter sido a mais maçante, pois a proposta era apresentar conceitos teóricos e conversar sobre ela.

Mais uma vez, Esther está na cozinha, preparando o almoço, e todos estão com aquela cara amassada de sono. Muito bom ver que mesmo no dia de folga e pela manhã eles não abandonaram a pesquisa.

Começo apresentando os conceitos com base no que havia escrito previamente na dissertação, tento simplificar alguns termos, para prender a atenção. Eles

acompanham e fazem algumas poucas perguntas. Percebo que mesmo que tenham interesse, não formulam muitas perguntas. Sinceramente não sei se o problema é o sono ou o assunto.

Veza ou outra, enquanto leio, olho para a tela para verificar se eles estão prestando atenção, e estão, então fico mais tranquila, mas, começo a me questionar se essa forma de apresentar os conceitos foi a melhor. Compartilho o formulário adaptado para o digital, na esperança de que desenvolvam melhor os conceitos por escrito.

Finalizado o período destinado para respostas, eles retornam e passamos à próxima rodada. Fico tocada e emocionada com o quanto a família é admirada e respeitada. Eles veem a luta da família, principalmente das mães, como empoderadoras.

Quando falamos sobre quando se sentem empoderados, a cidadania plena de José Murilo de Carvalho (2002) é o destaque. Eles atribuem bastante importância à conquista de direitos e o exercício deles, assim como se aprofundar em suas próprias histórias e de seu povo, como movimento de conquista de poder. Neste momento lembro da Beyoncé, em Formation, música que compõe o álbum Lemonade, de 2016, em que um dos versos diz: “ok, ladies, now let’s get in formation” (ok, senhoras, agora vamos entrar em formação), e muito foi se discutido em blogs, vlogs e sites sobre a sonoridade de “in formation” (em formação) e “information” (informação), devido ao teor da letra da música falar sobre ganhar poder e sentir orgulho de quem você é. Penso, então, naquele aforismo de Francis Bacon de que “conhecimento é poder”. De acordo com os jovens, esta afirmação procede.

Por falar em Beyoncé, quando pergunto quem são outras pessoas além da família que eles consideram empoderadas, nomes como Beyoncé, Rihanna, Iza, Thaís Araújo, Lizo e Lázaro Ramos vêm à tona, e eu fico pensando no impacto das artes no processo de formação de identidade. A cultura estrangeira, neste caso, a música, além da dramaturgia e música brasileiras proporcionam uma visão de empoderamento comum a eles.

E então todos nós recebemos aquele soco no estômago que não esperávamos: a Esther compartilha um episódio de racismo que sofreu no dia anterior. Acompanho ela contando com naturalidade, naquele sentimento de resignação, conformismo e espanto sobre como o racismo estrutural esteve presente em sua vida enquanto ia simplesmente

comprar remédios para sua avó na farmácia. Percebo, com uma amargura no estômago, que esta não é a primeira vez que ela passa por isso, e nem é a primeira vez que nenhum deles escuta um amigo passar por isso. Há aquele sentimento tácito de concordância, reconhecimento e consolo nas interjeições e palavras balbuciadas. É triste, dói.

Após este momento de dor compartilhada, eles falam sobre o que constituem as suas identidades, e aí voltamos à questão de beleza, estética e cabelo. O quanto a reafirmação da identidade passa por assumir e aceitar seus próprios traços. Lembro nesse momento do vídeo da Gabi Oliveira que vimos na segunda oficina, e o quanto ele é marcante quando ela faz o tour pelos traços negroides. Todos nós – eles e eu – já tentamos esconder esses traços em algum momento. Seja alisando o cabelo, querendo fazer rinoplastia, ou raspando a cabeça, no caso dos meninos, como se quiséssemos apagar de nós todas as marcas da dor do racismo. Isso vai ao encontro com que eles trazem sobre pessoas empoderadas: quando peço para que eles me falem de pessoas que não sejam negras e eles as vejam como empoderadas, todos elas não sabem me responder prontamente, pois já estão mais focados em suas próprias questões, e em pessoas que os identifiquem. Empoderar-se enquanto negro, na visão deles, passa, além do exercício de direitos e da cidadania plena, por poder expressar em seu corpo as marcas de seu povo, sejam tranças, cachos, roupas coloridas, narizes largos ou lábios grossos. E tudo isso é lindo demais! Mas, confesso, ainda estou pensando no racismo que a Esther sofreu na farmácia.

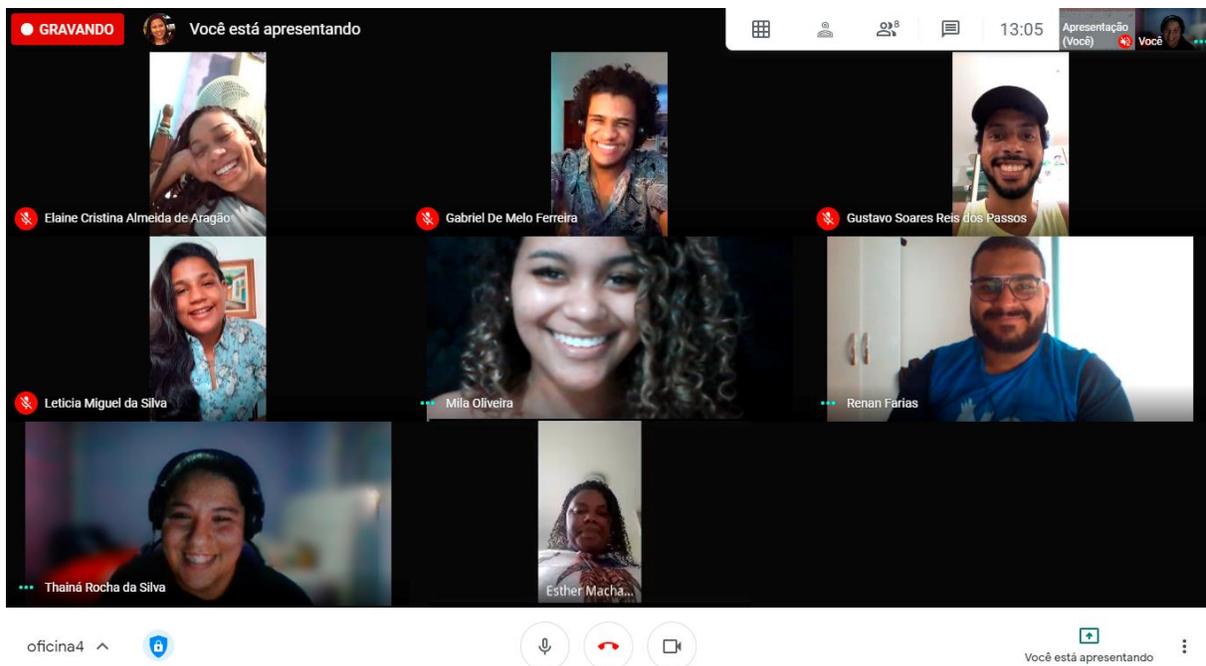
3.4 Replante

O quarto e último encontro aconteceu no dia 14 de novembro de 2020, um sábado de sol e calor na Baixada Santista. Iniciamos às 11h30, e ficamos juntos por uma hora e cinquenta e quatro minutos, em que fizemos as reflexões e apontamentos que levariam ao produto deste mestrado profissional³⁴.

³⁴ Nota da autora: o vídeo completo da oficina foi disponibilizado em caráter privado, utilizando a tecnologia “não listado” do YouTube, e caso queira conferir, basta acessar: youtu.be/GonxqkcokEA

Estavam presentes os participantes Mila, Esther, Elaine, Leticia, Renan, Gustavo e Gabriel. O Léo, sempre tão participativo e confiante em suas contribuições, teve uma questão pessoal que precisou ser resolvida no mesmo horário da oficina.

Figura 29: Registro da OT4, realizada no Google Meet e manipulado no Photoshop



Fonte: da Autora (2020)

Esta oficina teve como objetivo o compartilhamento do material produzido ao longo das oficinas; reflexão sobre os referenciais simbólicos de negritude apresentados nos relatos e falas (análise dos discursos). Proposição de um produto de comunicação de interesse público para o público de jovens negros universitários.

O roteiro desta OT foi:

- Lembrar o processo realizado nas oficinas;
- Resgatar os referenciais teóricos apresentados;
- Apresentar painel semântico construído;
- Primeira rodada de relatos: o que os participantes acharam da pesquisa;
- Segunda rodada de relatos: qual o sentimento em participar da oficina;

- Brainstorming: sugestão de alterações no produto que podem surgir com os dados coletados, frente à relevância do tema e impacto em suas vidas. Seleção das propostas viáveis de produção.

Nesta oficina o clima era de fim de ano na escola, quando professores e alunos mal encerraram um ciclo e sentiam saudade. Estava um calorão, era sábado, e mesmo com as restrições impostas pela pandemia, eles ficaram aqui comigo na oficina e resistiram à possibilidade de irem à praia, por exemplo. Iniciei agradecendo a participação de todos, e expondo que as oficinas me trouxeram um material muito rico de análise, e que mesmo de forma remota foi interessante de analisar e montar algo que fosse relevante.

Pedi que comentassem sobre a experiência de participarem da pesquisa por meio das oficinas e as respostas foram muito positivas, as quais destaco:

*No meu caso, eu não tenho exatamente uma conexão com a minha ancestralidade, porque eu não sei de onde ela saiu (Leticia é adotada), mas eu tentar, agora na idade adulta, me aproximar disso, das minhas raízes negras e tudo o mais, é uma coisa muito importante. Então ver esses links, falar sobre isso, mesmo que eu não tenha pais, por exemplo, negros, tem sido interessante e enriquecedor para mim
(Leticia)*

*No meu caso, eu até falei na primeira oficina, que eu não conhecia muito a história do meu pai, daí depois eu fui falar com ele, e a gente conversando, daí ele me falou que o irmão dele era filho de índio, e eu tenho uma sobrinha que também é filha de índio, então eu fiquei 'caraca, como é que pode?! Vinte e dois anos aqui e eu não sabia disso. Então, se não fosse a oficina, eu não ia procurar saber.
(Elaine)*

Estas duas falas mostram e reforçam o caráter transformador que as OT's proporcionaram enquanto instrumentos de coleta, sendo agentes de inovação ativa, de acordo com as categorias aristotélicas de Rosseti, pois, conforme o exposto no capítulo I, promoveram a mudança nos sujeitos.

Então trouxe três questões em que pedi que apresentassem argumentos validando ou invalidando a minha percepção. A primeira foi:

As mídias funcionam de forma tão orgânica que quando eu pedi para vocês falarem dos influenciadores que vocês seguem, vocês não conseguem lembrar de bate-pronto, porque não é uma coisa que vocês precisam pensar para fazer.
(Thainá)

Obtendo as seguintes respostas:

Normalmente eu não procuro, mas depois das oficinas eu já comecei a procurar um pouco mais.
(Elaine)

Eu comecei a seguir essas duas (influenciadoras) e mais outras vocês foram falando também comecei a seguir as pessoas que vocês estavam comentando né, aí eu achei interessante também.
(Gustavo)

Neste sentido, a conclusão que chego, dentre todo o exposto, é que por estarem tão imersos no mundo digital, que agem de forma orgânica, buscando e consumindo conteúdo. O fato de priorizarem *influencers* negros, à despeito do algoritmo do YouTube, pode ser visto como uma tentativa de estar próximo a alguém com o qual se identifica. Que usa a base no mesmo tom de pele que o seu, e pode te dar dicas, que passou por transição capilar e pode falar com propriedade de como cuidar do cabelo, ou que somente passa pelas mesmas situações que você no dia a dia.

Levantei então outro ponto, que é sobre o consumo de outros conteúdos que não propriamente de redes sociais para a construção identitária, como as séries e filmes falados na OT 3, e uma resposta que sintetiza bem o pensamento do grupo é:

Não, não mas eu acho que é geralzão (sic) né, tipo, tem das mídias mas também pega muito da cultura geral né, tipo de arte principalmente, apresentação artística acho que ela que a gente mais pega assim.
(Elaine)

Contrapondo aos dados de acesso e tempo de permanência dos jovens na internet expostos nesta pesquisa, apesar de passarem uma grande quantidade de tempo online, este tempo é dividido entre diversas formas de interação e consumo que não apenas redes sociais com fins de socialização, mas também para assistir a vídeos e outros formatos de mídia em plataformas de *streaming*, por exemplo.

Antes de mostrar a proposta de produto, fiz um último questionamento:

Na OT2, ao mostrar os vídeos de pessoas negras sofrendo racismo vocês praticamente não interagiram. Já quando mostrei os vídeos relacionados às premiações e congratulações vocês conseguiriam se expressar melhor.

(Thainá)

Obtendo como síntese de resposta:

Ver o negro ou a negra numa posição mais elevada de poder, numa condição elevada socialmente, acaba nos chocando positivamente mais do que quando nós vemos uma notícia do negro sendo morto na periferia. (...) Isso acaba sendo quase uma normativa, o negro ser escrachado na rua. Então, vê-lo numa posição de poder é UAU, essa pessoa chegou lá, mesmo num país extremamente racista.

(Renan)

Para entender melhor o que o Renan expressou em sua fala, recorreremos à Berth (2019) que diz que “os indivíduos em posição de produção de sentido passam a capacitar-se de si, municiando-se de ferramentas que permitem o compreender na sociedade enquanto grupo social e indivíduo.” Neste sentido, as associações feitas pelo grupo para as imagens positivas produziam sentido e efeitos positivos neles, enquanto as imagens de racismo e injúria racial produziam dor.

Então partimos para o momento mais esperado: a apresentação do produto. Expliquei o conceito de árvore, e fomos lendo, seção a seção. Foi incrível acompanhar as interjeições e feições de concordância.

Ao chegar na seção da frutificação, onde falaríamos da estética e sua importância para o empoderamento, precisávamos de uma palavra que reforçasse o sentido de árvore construído para o produto, e então, a Leticia apresentou uma proposta:

“Flores e galhos. Ou, tem alguma coisa que seja o contrário de poda? Desabrochar.

(Leticia)

Ao fazer uma alusão da estética com o desabrochar da negritude, Leticia resumiu muito bem o que falamos em oficina sobre a importância da estética natural dos negros para o empoderamento dos jovens. Em uma analogia com a poda, ao ser impulsionado a alisar os cabelos, considerar mudar seus traços para se adequar a um padrão, o jovem negro se sente podado, tolhido de seu direito de ser ele mesmo. Aqui fazemos um resgate ao que propõe Bianca Santana (2014) ao analisar o grupo Meu Crespo, Minha Raiz no

Facebook, que diz que “imagens acompanhadas de frases de efeito mobilizam bastante interação na rede, como por exemplo: “Meu crespo, minha identidade, minha raiz”, “Não é só cabelo, é minha identidade” (SANTANA, 2014).

Ao finalizarmos a estrutura e várias sugestões de conteúdo surgirem na oficina, finalizamos nosso encontro com um sentimento de satisfação e alegria. Eles todos completamente felizes em ter participado, e eu, incrivelmente grata pela generosidade de todos em compartilharem tantas histórias e segredos comigo e com todos os que nos lerão.

OT4 – Eu, Thainá, a semente: (auto)descoberta e (auto)análise de resultados

Chegou o grande dia!

O dia de mostrar aos jovens o que captei durante as oficinas, e como estruturei nosso produto. Estou ansiosa, como sempre, pensando em todos os pontos que precisam ser ajustados, e pensando se eles assimilam e concordarão com tudo o que preparei. Estou ávida para colher as percepções.

Preparo o arquivo em que montei o esqueleto do e-book e as considerações que formularei sobre as oficinas anteriores. Percebo que apesar da ansiedade há uma certa calma. Eu acredito realmente que eu entendi e assimilei todas as horas de oficina e tudo o que falamos. Os vídeos viraram quase a minha playlist diária. Ouvi a todos dezenas de vezes, tentando entender, captar nuances, enxergar algo que eu não havia enxergado ainda.

Apresento os achados da oficina. Tudo o que eu concluí com base nas falas deles, oficina a oficina. Percebo que eles acompanham e compreendem com atenção, como uma aula, mesmo. Quando questionados sobre o motivo de falarem pouco sobre os vídeos que trazem ações racistas, afirmam o que eu suspeitava e senti: não se sentem bem ver vídeos de pessoas passando por situações que também podem passar ou já passaram.

Quando apresento a estrutura do e-book e peço que contribuam com o conteúdo, me sinto como se estivéssemos presencialmente, com cartolinas, canetinhas e lápis de cor, criando algo em conjunto. As validações dadas por eles, mais as contribuições fazem com que o produto tome corpo, tome forma. É como vê-lo nascer.

Finalizo a oficina agradecendo a participação de todos e de cada um. Eles me dizem várias palavras de carinho e apoio. Sinto que nos tornamos um grupo único. Percebo que as dores deles são as mesmas que eu passei. Sinto que compartilhamos muito mais do que a cor da pele. Compartilhamos um passado de muita luta. Raízes cortadas. Mas compartilhamos também uma vontade imensa de vencer, e de fazer a diferença no mundo, empoderando-se e empoderando.

Dever cumprido. Semeiei.

IV. GUIA DIGITAL DO EMPODERAMENTO NEGRO

Esta investigação tratou de públicos que estão conectados na maior parte do tempo, seja quando se fala dos produtores culturais digitais ou dos jovens estudados.

Os influenciadores digitais, bem como os jovens que participaram dessa pesquisa podem ser nativos digitais e seus dispositivos são, praticamente, uma extensão de seu corpo (MONTEIRO, 2015). Para além de canais e perfis, identificou-se nesta pesquisa que a cultura pop de modo geral, com filmes e séries disponíveis em plataformas digitais, e também a música (e seus videoclipes), tudo consumido principalmente via internet, são fortes balizadores da construção identitária destes jovens. Pensando nisso, e no consumo crescente de conteúdos digitais, a proposta de intervenção construída- em formato digital, a partir dos resultados das oficinas, em parceria com os jovens universitários negros, gerou um produto válido para este público, muito próprio à construção identitária deles. Produziu-se um e-book interativo, intitulado **Guia Digital do Empoderamento Negro**, como material digital construído em parceria com os estudantes para contar histórias e indicar conteúdos para jovens que estão em processo de empoderamento ou passaram por isto. Apresentamos os conteúdos digitais que consomem, onde podem encontrar dicas de transição capilar, os canais de cultura negra, livros, séries, filmes e tudo o mais voltado para a negritude e juventude.

Neste mesmo Guia, haverá links para acesso ao resultado desta investigação, e ainda orientação para produtores de conteúdo negro sobre abordagens e temáticas indicadas na produção, apontadas durante a pesquisa. Também há a possibilidade de

disponibilização de técnicas a serem desenvolvidas por professores e instituições de ensino sobre os assuntos aqui contidos, como racismo, identidade e empoderamento negro, bem como indicações de intelectuais e acadêmicos negros que podem constituir a bibliografia dos cursos universitários. A escolha de um conteúdo em formato digital desse processo de comunicação de interesse público se dá pelas possibilidades de indexação e compartilhamento desse material na internet, além da ampla possibilidade de inclusões de material de forma simplificada. Por ser colaborativo e acreditar-se em sua relevância e potencial inovador, por estar em um ambiente dinâmico e de rápidas mudanças, a constante atualização e inclusão de materiais será essencial. Da mesma forma que é um rico produto de base e referência para consultas a todo momento, é digital. Ou seja, pode ser armazenado ou acessado de qualquer dispositivo eletrônico que tenha conexão com a internet. O formato *e-book* permite ainda que outras versões e atualizações surjam com o tempo, se houver necessidade.

4.1 Conceito

Ao longo das oficinas foi possível perceber que os conceitos apresentados, e a evolução na jornada pessoal de cada um crescia como árvore: saindo das raízes familiares, partindo para uma base sólida e tronco reforçado, ao florescer e desabrochar do sentir-se negro. O processo de empoderamento para esses jovens foi como adubo e água: essenciais para o seu desenvolvimento.

Pensando nas características apresentadas e na busca por uma ancestralidade há muito perdida, deparei-me com a imagem de um Baobá, a árvore da vida para as religiões de matrizes africanas. Para Waldman (2012, p. 224), o Baobá é:

Verdadeiro símbolo do continente, a sociedade tradicional africana reserva carinho apologético para esta árvore. Certo é que as características do Baobá justificam as emoções que desperta: seu porte magnífico (30 metros de altura e 7 de circunferência), longevidade (séculos ou milênios), capacidade de resistir a longos períodos de seca (concentra 120.000 litros de água) e sua galhada fenomenal (formada por uma ramificação peculiar de galhos e ramos), seduzem qualquer um.

Tendo essa importância histórica e cultural, escolhi o Baobá como metáfora para montar a estrutura do e-book, considerando sua simbologia envolvida nessa escolha e

nesse projeto. A árvore milenar representa o desejo de que, ao empoderar-se de sua negritude, este poder transformador construído perpetue-se por gerações.

Figura 30: Árvore de Baobá africano sob céu ensolarado e arco-íris



Fonte: site Geledés. Disponível em <https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-fundamental-das-culturas-africanas-tradicionais>. Acessado em 01 de maio de 2021.

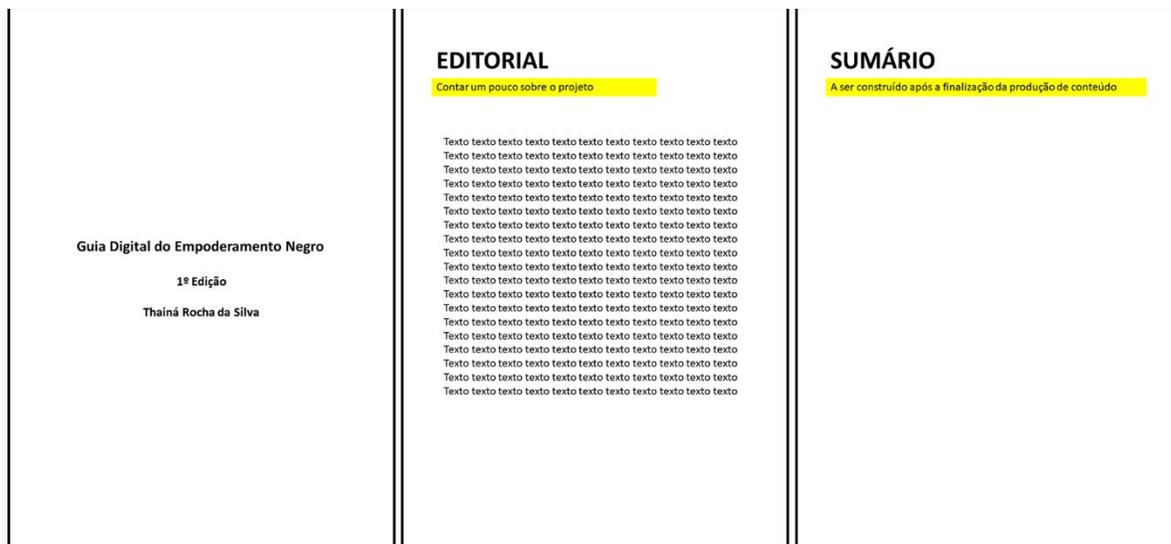
A padronização de cores faz uma alusão à parte da árvore ou do processo que se executa naquela seção, e mesmo a escolha dos nomes das seções são referentes ao cultivo de uma árvore.

4.2 Estrutura e Conteúdo do E-book

Seguindo a estrutura de plantio e crescimento de uma árvore, relacionando com as etapas encontradas nas oficinas, a estrutura do e-book será demonstrada a seguir:

A) **Capa, Editorial e Sumário:** as primeiras páginas contarão sobre a parte técnica do projeto editorial, apresentando visual e conceitualmente o *e-book*. O sumário é a catalogação das demais seções.

Figura 31: Páginas iniciais do e-book



Fonte: da autora (2021).

B) Capítulo 1 - Sementes: nesta seção constará uma apresentação dos 8 participantes da pesquisa, escrita por eles mesmos, e revisadas pela autora, com detalhes em marrom claro, alusivo a uma semente pronta para o plantio. Para ilustrar os personagens foi escolhido um avatar, algo próprio da linguagem jovem e muito utilizado na comunicação digital. Escolhemos este formato, pois notei que os próprios jovens se identificam dessa forma. Todos os participantes criaram os seus próprios avatares ou validaram as “carinhas” utilizadas.

O avatar é uma derivação do “emoji”, que, por sua vez, é uma linguagem própria da internet e relativamente recente, do fim da década de 1990:

O primeiro sistema de símbolos oficialmente reconhecido como emoji, da empresa NTT DoCoMo, foi desenvolvido pelo designer de interfaces Shigetake Kurita. Seu objetivo era criar um conjunto de imagens que facilitasse a comunicação digital e se tornasse uma funcionalidade distinta dos celulares da época. (KLAFKE, 2019, p.54)

Dessa forma, utilizar um emoji – ou uma derivação dele – facilita a comunicação digital, além de gerar reconhecimento e engajamento. Segundo PAIVA (2016 p;397) “as práticas sociais de linguagem acontecem de forma complexa devido à interrelação dos vários agentes e modos de produção de sentido e das tecnologias que medeiam essas práticas”. Usar uma imagem com tom de pele igual ao seu representa a presença naquele ambiente digital, tal como se é. É uma forma de existir também online, gerando identificação.

Figura 32: Seção Sementes



Fonte: da autora (2021).

C) Capítulo 2 - Nossas raízes: aqui trataremos das nossas famílias, pensadas como a raiz que dá sustentação ao crescimento. Em todas as oficinas os jovens falaram e se referiram à família como ponto de apoio e sustentação em sua jornada. Então, pensando em uma árvore que precisa de um começo forte, que dê segurança, aqui serão apresentadas fotos das famílias dos participantes, com trechos de falas deles sobre suas famílias durante as oficinas.

Figura 33: Seção Nossas Raízes



Fonte: da autora (2021).

D) Capítulo 3 - Ervas Daninhas: aqui colocaremos áudios retirados das oficinas nos quais os participantes contaram sobre o sofrimento com as manifestações de racismo. A erva daninha é aquilo que mata o vigor das plantas, pode se espalhar se não for contida e o que impede de crescer e florescer. Numa interpretação livre, a erva daninha causa dor – e danos – às plantas. Desse modo, esta metáfora representa bastante bem o mal que o racismo pode provocar nestes jovens. Escolhemos os próprios áudios gravados durante as oficinas para essa representar esta seção, pois estas falam carregam a emoção contida na entonação e nas reações de seus interlocutores, capazes de transportar o ouvinte-leitor para àquele momento nefasto em que se viveu as discriminações e os preconceitos raciais. Para fins de registro, foi escolhido apenas um caso de cada participante.

Figura 34: Seção Ervas Daninhas



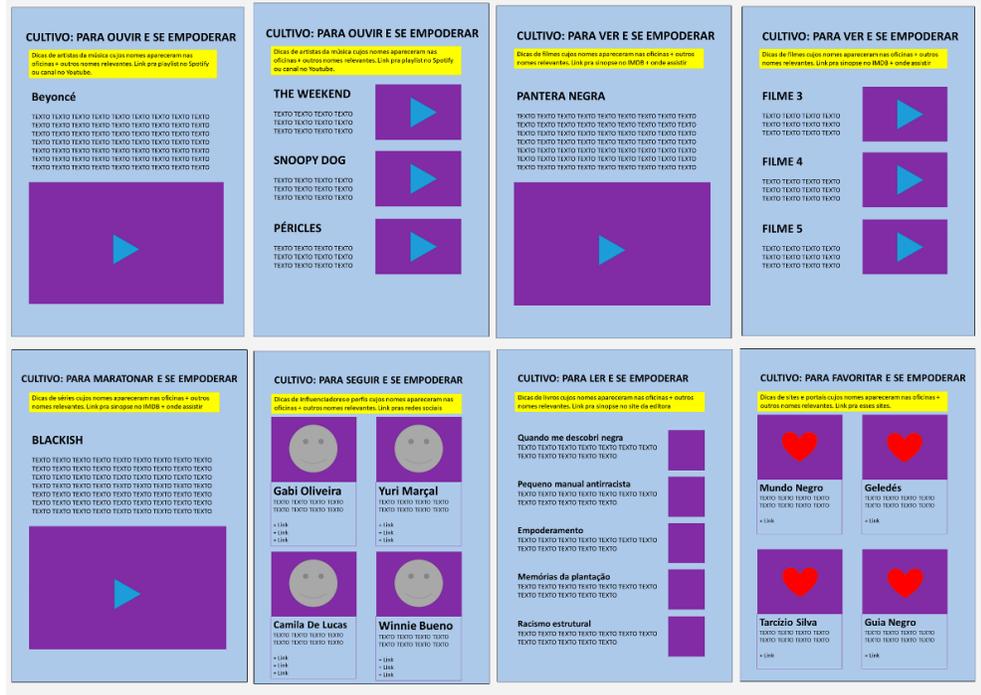
Fonte: da autora (2021).

E) Capítulo 4 - Cultivo: ao longo das oficinas percebi que não eram apenas os influenciadores digitais que agiam diretamente no processo de empoderamento dos participantes, mas também as séries, filmes, música, videoclipes e livros. Ícones da comunidade negra como as cantoras Beyoncé Knowles e Iza foram mencionadas em mais de uma oficina, assim como filmes e séries com protagonistas negros, como Pantera Negra e *Blackish*. O intuito dessa categoria, marcada pela cor azul, com alusão à água que usamos para regar e cultivar uma árvore, é trazer elementos da cultura pop ou da internet que ajudam neste processo de empoderamento. A seção foi subdividida em:

- Para ouvir e se empoderar: indicações de artistas e bandas citadas nas oficinas, bem como listas disponibilizadas em plataformas digitais com artistas negros.
- Para ver e se empoderar: indicações de filmes com protagonistas ou temática de negritude citados nas oficinas, bem como listas divulgadas em portais específicos de cinema, voltado para o público negro. Também aparecem nessa seção artistas e diretores negros para acompanhar o trabalho.

- Para maratona e se empoderar: séries e minisséries que surgiram nas oficinas e retratam temas do povo negro. Também é possível trazer listas divulgadas em sites especializados.
- Para seguir e se empoderar: influenciadores digitais negros no Brasil, em diversas plataformas, com links de suas redes sociais, para que as pessoas possam segui-los e consumir seus conteúdos. Esses nomes surgiram nas oficinas, mas também podemos completar com os participantes do projeto #FundoVozesNegras e outras iniciativas.
- Para ler e se empoderar: livros e autores que foram citados nas oficinas, com complementação de listas especializadas. Aqui a ideia é aproximar os jovens da leitura de autores negros, tão pouco retratados na escola, mas que trazem (ou não) a temática da negritude em suas obras. A intenção é trazer autores de diversas épocas e movimentos literários.
- Para favoritar e se empoderar: listas de sites voltados para o público negro, com conteúdo produzido por e para negros de todas as idades, e não apenas jovens.
- Para estudar e se empoderar: um ponto muito importante que surgiu nas oficinas é que os jovens, principalmente os que não são da área da Comunicação, relataram que em suas bibliografias, ou mesmo em palestras, nunca estudaram ou viram outros profissionais negros em suas áreas de atuação. Pensando nisso, busquei autores e estudiosos de referência que são negros, para os leitores do e-book possam buscar por estes autores, desde leitores estudantes, até professores, coordenadores e dirigentes de instituições de ensino, para incluí-los em relações bibliográficas dos cursos e demais materiais didáticos. É importante trazer para este cenário outros acadêmicos e profissionais negros, introduzindo mais diversidade em nossos currículos escolares.

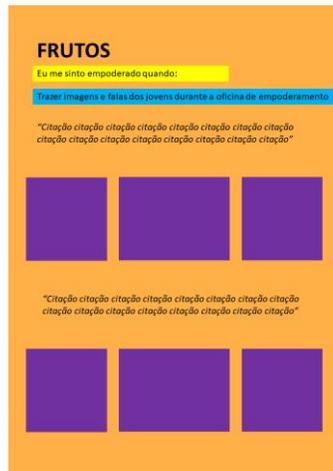
Figura 35: Exemplos da seção Cultivo



Fonte: da autora (2021)

F) Capítulo 5 - Frutos: esta seção será uma coletânea de relatos e imagens nos quais os participantes contam e mostram quando se sentem empoderados, de acordo com as respostas obtidas nas oficinas. Possui tons alaranjados e lembra que o empoderamento, tal como fruto, vem de um processo de maturação.

Figura 36: Seção Frutos



Fonte: da autora (2021).

J) Capítulo 9 - Solo fértil: encerrando o e-book, a última página antes da capa de encerramento traz alguns dados do conteúdo da pesquisa e da pesquisadora.

Figura 40: Seção Solo fértil



Fonte: da autora (2021).

K) Última página ou 4ª capa: informações gerais sobre o e-book, dados de contato e *link de download* da pesquisa.

Figura 41: Última página



Fonte: da autora (2021).

4.3. Conceitos visuais

O conceito visual e layout do e-book, bem como sua diagramação, foram elaborados pela participante Esther Machado, aluna do curso de Design, com base em conteúdo, estudos prévios e suas vivências.

Ao ser procurada para realizar o projeto gráfico do Guia, mostrou grande interesse e alegria. A construção de todo o projeto visual é baseada nas vivências das OTs e também em imagens relevantes para o povo negro e jovem. A previsão de finalização do conteúdo e diagramação é no mês de julho de 2021.

Figura 42: Primeiro esboço da capa do E-book



Fonte: Esther Machado e autora (2021)

4.4. Publicação e divulgação do produto

Para que o e-book chegue a diversas pessoas que possam se beneficiar dele, será disponibilizado no site de produtos do Programa de Mestrado em Comunicação de Interesse Público da USCS e outras ferramentas de difusão online, como e-mail e site da pesquisa, que poderá ser criado.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final desta pesquisa, uma série de apontamentos e considerações podem ser feitas. E aqui, novamente peço licença para retomar a escrita em primeira pessoa. Com as inúmeras inquietações que ocupavam minha cabeça desde o momento em que me descobri negra e passei a frequentar o ambiente acadêmico, tenha sido como colaboradora do setor de Comunicação e também como docente, não pude deixar de notar como os corredores e salas de aula que eu frequentava eram vazios de jovens como eu: negros.

Com base nesta inquietação que formulei a seguinte pergunta problema: *“Como as práticas midiáticas digitais possibilitam a construção da identidade social e noções de cidadania em jovens universitários negros?”*

Ao estar pela primeira vez em uma sala de aula como professora, pude notar como é dinâmica a rotina e a troca de informações, e como os jovens utilizam hoje as redes sociais e as plataformas digitais como mais do que um ambiente de exposição e troca de mensagens, mas também para o que eu chamarei de “exercício de si”. Suas ideias, pensamentos, imagem e construção. Tudo isso em seus perfis na internet, nas mais variadas plataformas de acesso.

Confrontando essa percepção da realidade com os dados de pesquisas, pude perceber que para os jovens negros que possuem acesso ao ensino superior, as redes são espaços de convivências, mas também de consumo de materiais afirmativos. Seja com vídeos no YouTube sobre como trançar o cabelo, ou vídeos da Beyoncé, as noções de negritude, estão presentes e ajudam a construir a sua identidade enquanto negros.

Para além das mídias sociais, essa identidade é alimentada pelo consumo de outras mídias, como séries, filmes, música, literatura. A internet é uma porta de entrada para um mundo com mais conhecimento, mas também entretenimento. Eles a utilizam para aprender mais sobre sua ancestralidade, seus ídolos, amigos, sobre o mundo.

Exercem e reafirmam a sua identidade negra com o uso de avatares e emojis com tons de pele iguais aos seus. É comum ver, seja no *Whatsapp*, seja em outra rede, o quanto usam figuras que se parecem com eles. Vale lembrar que esta é uma atualização recente. Há aproximadamente 3 anos, não era possível utilizar emojis, *stickers* e

figurinhas de outro tom de pele além do “padrão” caucasiano de fábrica. Desde 2018, porém, tais recursos ficaram disponíveis, sendo mais um recurso para a ação afirmativa do exercício de si.

A escolha das oficinas de trabalho, apesar de terem sido modificadas pela pandemia, permitiu uma aproximação com os participantes e a criação de um grupo de trabalho que não só subsidiou a pesquisa com ricos insumos de conteúdo, como produziu todo um ambiente para que o produto nascesse naturalmente, como síntese do processo, como um fruto que nasce após seu plantio e cultivo.

Por falar em plantio e cultivo, a semelhança do processo de empoderamento, que é uma inovação ativa, com o crescimento de uma árvore, é uma alusão que permitiu trazer mais leveza e ludicidade ao produto, que é construído todo neste conceito de resgate à ancestralidade diaspORIZADA entre os jovens negros e suas mais profundas raízes, para que floresçam.

Como parte do processo de inovação ativa, que, segundo Rossetti (2013), promove uma mudança no sujeito, o *Guia Digital do Empoderamento Negro* pode promover uma mudança seja pelo consumo do conteúdo pelo próprio jovem, seja pela utilização por criadores de conteúdo e professores para ministrarem suas aulas, por exemplo. Durante a pesquisa ficou evidente que tanto os produtores de conteúdo na internet quanto professores e as instituições de ensino são partes importantes para o desabrochar da negritude e luta antirracista.

Nota-se que o acesso à internet e a busca pelo “algo a mais” os faz ter uma visão ampla de onde podem chegar, buscando conquistar direitos e papéis além dos reproduzidos pela grande mídia. Por já possuírem acesso aos direitos básicos e serem cidadãos plenos (CARVALHO, 2020), enxergam-se mais representados nos conteúdos que mostram pessoas bem-sucedidas na sociedade, evitando consumir conteúdos que tratam da dor causada por problemas referentes ao racismo. Tais afirmações puderam ser observadas na OT2, em que se sentiram mais motivados a ver os vídeos e tramas sobre o sucesso de artistas e pessoas negras, do que em assistir ou reassistir casos de racismo.

Os dados desta pesquisa também nos levam a considerar sobre o papel da universidade na construção identitária dos jovens e também na jornada de

empoderamento. Eles veem na universidade e na vida universitária uma ponte para empoderar-se e construir conhecimento. A universidade deixa de ser objeto de desejo e se transforma em uma via para a vida que desejam viver, além de trazer orgulho e motivação para os demais.

O convívio familiar é de extrema importância para a autodescoberta deles como cidadãos negros. É na família que eles buscam forças para se afirmarem, ou buscam consolo quando sofrem casos de racismo. Muitos desejam que mais familiares também se vejam como negros e passem pelo processo de autoafirmação e empoderamento.

Sua identidade está em constante transformação, uma corroboração prática do que conceitua Hall (2019). A todo o momento reforçam que ainda estão em processo de desconstrução e aprendendo a se verem ou viverem como negros na sociedade, e manifestam o desejo de que mais pessoas possam passar pelo mesmo processo de autodescoberta pelo qual passaram.

Por fim, podemos concluir que as práticas midiáticas digitais contribuem, mas não são a única fonte de empoderamento dos jovens negros universitários para a sua construção identitária e noções de cidadania. Eles utilizam a internet para se entreter e buscam consumir cada vez mais conteúdo produzido por e para negros, além de conhecerem mais sobre suas raízes negras, buscar referências estéticas, ligar-se, de alguma forma, às suas origens. A música, o cinema e a cultura pop de forma geral o ajudam a entender-se como cidadãos negros na sociedade.

Ao final, posso concluir que um importante processo de empoderamento e inovação ativa aconteceu também comigo, reafirmando-me como mulher negra, professora e pesquisadora ao longo do processo. Talvez, se as oficinas fossem feitas em ambiente presencial, o que não foi possível devido à pandemia de COVID-19, tivéssemos dados mais precisos sobre o comportamento e como reagiriam aos assuntos abordados, porém, dadas às circunstâncias, as oficinas em ambiente online se mostraram eficazes para a realização desta pesquisa.

Portanto, este trabalho abre precedentes para que novas pesquisas sejam realizadas e novos produtos surjam, contemplando outros momentos da vida, como a infância, ou mesmo a vida adulta.

O voo da borboleta: (auto)descoberta e (auto)análise nas considerações finais

Começo este texto com os olhos marejados e a mão trêmula. A cabeça pesa o peso do mundo, ou talvez anos e anos de responsabilidade que culminam no aqui e agora. Estas são muito mais do que simples palavras grafadas eletronicamente numa folha em branco, que dependendo de como você está lendo pode ser feito de celulose, ou de bits e bytes. São palavras feitas de esforço, cunhadas na ferocidade de uma intensa tempestade interna.

Para quem vê só um número, são pouco mais de 100 páginas escritas, alguns milhares de palavras e pouco mais de 2 anos de estudo.

No entanto, para mim, é a história de uma vida. De várias vidas. É a história de um povo, que por centenas de anos foi invisibilizado e silenciado. Para mim são alguns milhares de reais, que eu poderia ter empenhado em comprar uma casa, um carro, viajar ou fazer qualquer outra coisa, mas eu decidi investir em mim, na minha formação e na minha aposta para o futuro. São as horas sem dormir, trabalhando em dois empregos para bancar um sonho, estando, em um único dia, em quatro cidades, com mais de 6 horas de viagem no meio disso, para chegar até aqui.

Foram noites e noites de incerteza, dias e dias de olheira e sono, e lágrimas... litros de lágrimas. Em alguns momentos, de desespero, em outros, de dor; alguns momentos (não muitos, confesso) de alegria, mas que hoje são de alívio e orgulho.

Neste momento, permito-me me admirar com os números, enxergar quão grandes eles são, porque eles registram e dão corpo a uma jornada imensa, maior do que eu, e maior do que eu conseguiria explicar.

Eu sofri duros e fortes golpes pelo caminho. Seja no meu corpo físico, na minha mente ou na minha alma. Eu achei por muitas vezes que eu não iria conseguir. Eu tive laudo médico comprovando a minha dificuldade momentânea. Eu tive que viver dois lutos inimagináveis enquanto este sonho se materializava. A passagem da nossa querida amiga Milena me abalou profundamente, e a partida repentina e dolorosa do meu afilhado, de apenas 12 anos, exatamente um mês após a partida da Mih me quebrou de um jeito que eu não consigo acreditar que eu fique inteira novamente um dia. Eu o sinto todos os dias, e eu sei que ele acompanha e me dá forças, mesmo nos momentos em que a dor fica insuportável.

Eu enfrentei grandes desafios pessoais e profissionais. Eu cresci. Eu lutei como nunca, trabalhei como nunca, aceitei propostas, disse muitos “sim”, quando pela minha saúde era melhor ter dito “não”. Eu não me arrependo.

Chego até aqui com um choro entalado na garganta, deixo a mente guiar meus dedos pelo teclado e tirar de mim tudo o que eu queria dizer esse tempo todo, tudo o que eu incubei durante todo esse período. Eu pensei em desistir, pensei em trancar o curso, pensei em fingir que nada disso aconteceu. Além dos meus problemas pessoais, enfrentamos uma pandemia com uma figura lastimável no poder. Eu vejo pessoas adoecerem. Eu vejo amigos perdendo pessoas para a COVID. Eu perdi pessoas para a COVID. Eu tive COVID. Tive medo também.

Eu acompanhei a minha saúde mental andar numa corda bamba, tal e qual um equilibrista em início de carreira, ora caindo, ora se equilibrando. Eu enfrentei ansiedade, depressão, medicação, mais medicação, algumas crises e muitas incertezas. Retomo aqui o ponto da dor, que muitas vezes foi minha maior sensação.

Não foi fácil.

Não foi fácil.

Não gosto de romantizar o sofrimento ou ser o ponto fora da curva que vira exemplo de resiliência e obstinação, pois acredito que as coisas podem e devem ser mais leves para todos, mas esta pesquisa aponta que não é.

Quando penso em tudo o que escrevi e vivi, eu sinto um orgulho imenso, levemente maior do que toda a dor causada pelo processo. Penso que a pessoa que mais passou pelo processo de inovação ativa durante a realização dessa dissertação fui eu, e uma vez “mudada”, uma vez que nos tornamos algo novo, não há como retroceder.

Penso em muitas coisas para finalizar este texto, mas as lágrimas já tomam meus olhos, e a dor nas mãos aumentam (sim, tive tendinite também).

Finalizo refletindo que quando a borboleta se fecha em casulo, ela “toma essa decisão” por instinto. E deve doer. Deve doer ter seu corpo transformado, asas saírem de suas costas sem deixar cicatrizes. Mas penso também que deve ser muito melhor bater as asas do que viver rastejando.

O mestrado foi o meu casulo... e eu escolhi voar.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, CARLA. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro/ Polén, 2019.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; MELO, Glenda Cristina Valim de. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. **Estudos Feministas**. V27. Nº 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n254727>. Acessado em 30 de novembro de 2019.

BORGES, Rosane. “Mídia, racismos e outras formas de destituição: elementos para o reposicionamento do campo da comunicação”. In: **Vozes Negras na Comunicação – Mídia, racismo, resistências**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

BRITO, Maria Noemi Castilhos. Gênero e Cidadania: referenciais analíticos. **Estudos Feministas**. V9. Nº 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100017>. Acessado em 12 de janeiro de 2020.

CALOCA Lafont, Eloy. Significados, identidades y estudios culturales: Una introducción al pensamiento de Stuart Hall. In: **Razón y Palabra**, nº. 92, dezembro, 2015, pp. 1-32. Universidade dos Hemisférios, Quito, Equador. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/1995/199543036055.pdf>. Acessado em 03/08/2019.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, Elaine de Paula. **A Identidade Da Mulher Negra Através Do Cabelo**. Curitiba: UFPR, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2T9gv24>. Acessado em 19 de maio de 2021.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v.31, n1, Janeiro/Abril 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>. Acessado em 02/11/2020.

COSTA, João Roberto Viena da. **Comunicação de interesse público: ideias que movem pessoas a fazer um mundo melhor**. São Paulo: Jaboticaba, 2006.

CRESSWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DALLA VECCHIA, Leonam Casagrande. Expandindo as Fronteiras do Álbum Visual: O Caso Lemonade de Beyoncé Knowles. **XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda - RJ – INTERCOM - 2017**. Acessado em 10/05/2021. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/3812210/leonam-casagrande-dalla-vecchia>.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma Introdução aos Estudos Culturais. In: **FAMECOS**, v5, n.9, 1998. Acessado em 03/08/2019. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014/2292>.

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. **Direito e Práxis**, V9, N.2, 2018, p. 1080-1099. Rio de Janeiro. Acessado em 13/03/2020. Disponível em: https://bit.ly/2SunejQ_

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia científica**. v. 3. São Paulo: Atlas, 2002. GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Fonseca RMGS, Oliveira RNG, Fornari LF. Prática educativa em direitos sexuais e reprodutivos: a oficina de trabalho crítico-emancipatória de gênero. **Associação Brasileira de Enfermagem**; Kalinowski CE, Crozeta K, Costa MFBNA, organizadoras. PROENF Programa de Atualização em Enfermagem: Atenção Primária e Saúde da Família: Ciclo 6. Porto Alegre: Artmed Panamericana; 2017. p. 59–119. (Sistema de Educação Continuada a Distância, v. 1). Disponível em: <https://bit.ly/3oqSJdl>. Acessado em 05 de abril de 2020.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 12. ed. São Paulo. Lamparina, 2019.

HJARVARD, Stig. Miatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, ano 5, n. 2, páginas 53 – 91, jan-jun 2012, São Paulo – Brasil - acessado em 3 de maio de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3egUfsg>.

JANGO, Carolina F. **Aqui tem racismo**. Um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras na escola. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017. KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Comunicare**, Volume 17 – Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero,

São Paulo, 2017, pag 46 – 61, acessado em 5 de maio de 2020., Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-1-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>.

KLAFKE, Raquel Forma. **Não é só um emoji**: representações visuais de gênero em signos de mensageiros instantâneos entre 1996 e 2018. USP, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16140/tde-27112019-115404/publico/MERAQUELFORMAKLAFKE.pdf>. Acessado em 01 de maio de 2021.

KROEFF, R. F., BAUM, C. A., & MARASCHIN, C. Oficinas como estratégia metodológica de pesquisa-intervenção em processos envolvendo videogames. **Mnemosine**, Volume 12, Edição 1. Páginas 252 – 266, 2016. Disponível em: <http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/492/391>. Acessado em 24 de novembro de 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, volume 8, número 1, janeiro – junho de 2014, pp. 65-80. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143031143005.pdf>. Acessado em 23/07/2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los médios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonia**. 1ª Edição. Nezahualcóyotl. 1987.

MONTEIRO, Gilson. Ecosistemas comunicacionais: os dispositivos móveis como extensão do corpo humano. **Paulus** – Revista de Comunicação da FAPCOM, Volume 1, Número 1, 1º semestre 2017. Página 109. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/download/13/13>. Acessado em 20 de abril de 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A LINGUAGEM DOS EMOJIS. Trab. linguist. apl., Campinas , v. 55, n. 2, p. 379-401, Agosto de 2016 . Disponível em <https://doi.org/10.1590/010318134955176321>. Acessado em 1 de maio de 2021.

PERAZZO, Priscila F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, v. 16, n. 30 (121-131) janeiro – abril 2015. Disponível em: seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754/167. Acessado em 25/07/2019.

PINSKY, Jayme; PINSKY, Carla. **História da Cidadania**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

POPULAÇÃO jovem no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE – Departamento de população e indicadores Sociais, 1999. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6686.pdf>

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon** (MCB University Press). Volume 9 Número 5. Outubro de 2001. Disponível em <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acessado em 24 de abril de 2019 (texto publicado na sua primeira versão em 2001).

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSSETTI, Regina. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. **Comunicação & Inovação**, volume 14, número 27:(63-72) jul-dez 2013. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ci.vol14n27.2262>. Acessado em 26 de fevereiro de 2020.

SANTANA, Bianca. Mulher, cabelo e mídia. **Communicare**, v. 1, p. 132-144, 2014. São Paulo – SP. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Mulher-cabelo-e-m%C3%ADdia.pdf>. Acessado em 22 de maio de 2020.

SANTOS, Rhaul de Lemos. O corpo negro: a estética negra como forma de resistência. **COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. Uberlândia, 2018. Disponível em <https://bit.ly/3u5GvYT>. Acessado em 19 de maio de 2021.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista**. (Transcrição revisada da comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, promovido pelo NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acessado em 03/11/2020.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. Anais do **IV Simpósio Internacional LAVITS, Assimetrias, e (In)Visibilidades: vigilância, Gênero e Raça - Salvador – BA**, 2019. Acesso em 11 de maio de 2020. Disponível em: www.researchgate.net/publication/333700308.

SILVA, Tarcízio. Visão Computacional e Vieses Racializados: Branquitude como Padrão no Aprendizado de Máquina. Anais do **2º Congresso de Pesquisadores/as Negros/as do Nordeste - Epistemologias Negras e Lutas Antirracistas - UFPB - João Pessoa - PB**, 2019. Acesso em 11 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication>.

SILVA, Tatiana Dias. **Ação Afirmativa E População Negra Na Educação Superior: Acesso E Perfil Discente** – Texto para Discussão. Rio de Janeiro: IPEA, 2020. Acessado em 25 de março de 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/porta1/images/stories/PDFs/TDs/td_2569.pdf

SODRÉ, Muniz. **Ciência do comum (A) - Notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

WALDMAN, Mauricilia. O Baobá na paisagem africana. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, São Paulo, número especial 2012: 223-236. Disponível em: revistas.usp.br/africa/article/download/102638/100902/179329. Acessado em 01 de maio de 2021.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn. Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional. **Estudos Feministas**, V. 27. Nº 3, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n354025>. Acessado em 5 de janeiro de 2020.

APÊNDICES

Apêndice 1: Anexo 1: Respostas ao Formulário da OT 3

Figura 43: Formulário preenchido na OT3 - Leonardo Percíncula – Página 1

Conceitos

Nome

Leonardo Pauta Percíncula dos Santos

Empoderamento

O que eu sabia sobre o tema

A palavra "empoderamento" se tornou popular nos últimos anos principalmente entre alguns influenciadores, essa de acordo com as informações que eu obtive antes das oficinas, passavam uma mensagem de que as pessoas empoderadas possuíam o domínio sobre suas próprias vidas e não tinham mais o porque se envergonhar de suas raízes ou fingir ser alguém ou seguir um padrão que era fora dos padrões estipulados pela sociedade.

O que eu aprendi sobre o tema

O tema está atrelado à luta de classes menos desfavorecidas mediante a sociedade, onde o praticar os princípios do empoderamento é fundamental para construção de uma sociedade mais igualitária. Além disso o que mais me deixou curioso, foi que o termo em algumas aplicações aparece como incorreto mesmo depois de tantos anos sendo utilizados por uma porção de pessoas, nos mostrando que a desigualdade ainda é presente.

Como eu me vejo inserido nesse tema

Acho que o empoderamento é difícil de ser realizado, as coisas estão caminhando para algo mais positivo, mas ainda podemos perceber a grande diferença nas tratativas, muitas vezes se empoderar num grupo particular é uma tarefa árdua em que muitos preferem abrir mão, para não sofrer tanto.

Cidadania

Fonte: Google Formulários / Autora (2020)

Figura 44: Formulário preenchido na OT3 - Leonardo Percíncula - Página 2

O que eu sabia sobre o tema

Cidadania é o conjunto de direito e deveres que um indivíduo exerce mediante a sociedade, envolvendo os princípios de moralidade e ética.

O que eu aprendi sobre o tema

Que a cidadania nos assegura de muitas coisas, inclusive direitos a saúde, bem estar e moradia, e atualmente esse conjunto de coisas é algo que não vem acontecendo nas classes menos favorecidas, a gente percebe a desigualdade de forma exuberante.

Como eu me vejo inserido nesse tema

Acredito que mesmo pra mim, a segurança num emprego CLT é algo inviável atualmente, ou seja, o termo cidadania é ineficaz.

Negritude

O que eu sabia sobre o tema

Negritude é a valorização da cultura de matriz africana, o que fez que acontecesse muitos debates ideológicos e filosóficos.

O que eu aprendi sobre o tema

A valorização da cultura negra ela está em pequenas atitudes, cultura, jeito de vestir, resistir diariamente. E que a negritude está sim atrelada a debates ideológicos.

Como eu me vejo inserido nesse tema

Acho que o entendimento pessoal de quem eu sou e de como o racismo funciona para alguém negro de pele clara, ter empatia e analisar toda história.

Este formulário foi criado em São Judas Universidade.

Google Formulários

Fonte: Google Formulários / Autora (2020)

Figura 45: Formulário preenchido na OT3 - Gustavo Soares - Página 1

Conceitos

Nome

Gustavo Soares

Empoderamento

O que eu sabia sobre o tema

Eu sabia que empoderamento seria algo relacionado a acreditar em si mesmo e ter forças pra nada deixar te derrubar

O que eu aprendi sobre o tema

Vejo que vai além de tudo isso, não sabia que empoderamento era relacionado aos negros, e achava que o termo era mais pra mulheres

Como eu me vejo inserido nesse tema

Eu me vejo inserido sim nesse conceito, tem muitos obstáculos mas me sinto uma pessoa extremamente empoderada

Cidadania

O que eu sabia sobre o tema

Somente pensava no coração que é livre em uma sociedade

Figura 46: Formulário preenchido na OT3 - Gustavo Soares - Página 2

O que eu aprendi sobre o tema

Vejo que não é só isso e sim igualdade e participação na sociedade

Como eu me vejo inserido nesse tema

Todos devemos ser cidadãos, mas uns acham que são melhor que outros e é esse o problema de nossa sociedade, eu me vejo inserido mas ao mesmo tempo não

Negritude

O que eu sabia sobre o tema

Eu sabia que era algo relacionado a negros

O que eu aprendi sobre o tema

Aprendi que tem toda a representatividade e movimentos para mudar o reflexo do que aconteceu no passado, é ter mais pessoas negras no poder, não ter mortes de pessoas negras (do nada) e tentar mudar muitas outras coisas que acontece no mundo

Como eu me vejo inserido nesse tema

Me vejo totalmente inserido sim, tudo o que eu puder fazer para tentar mudar algo pra melhor no mundo, eu farei!

Este formulário foi criado em São Judas Universidade.

Google Formulários

Fonte: Google Formulários / Autora (2020)

Figura 47: Formulário preenchido na OT3 - Gabriel de Melo - Página 1

Conceitos

Nome

Gabriel

Empoderamento

O que eu sabia sobre o tema

Não muito

O que eu aprendi sobre o tema

Que empoderamento é uma palavra que já foi muito utilizada para diferentes causas, mas todas elas tem um mesmo contexto, buscar direitos iguais a todos, ter orgulho e resistir.

Como eu me vejo inserido nesse tema

Que cada vez mais eu posso me tornar uma pessoa com o domínio sobre a minha própria vida e as minhas escolhas, me empoderando do que eu tenho direito.

Cidadania

O que eu sabia sobre o tema

Cidadãos são todos aqueles que tem o direito do livre arbítrio, podendo tomar as suas decisões e ser julgado pelo órgão de maior poder caso cometa algum erro.

Figura 48: Formulário preenchido na OT3 - Gabriel de Melo - Página 2

O que eu aprendi sobre o tema

Acho que foi mais uma questão de relembrar coisas que eu já tinha esquecido, como o fato de que por muitos anos negros e mulheres não eram considerados cidadãos.

Como eu me vejo inserido nesse tema

Que sou um cidadão que deveria ter vários direitos, mas sou colocado em situações que eu não deveria estar, só pelo simples fato da cor da minha pele.

Negritude

O que eu sabia sobre o tema

Orgulho de ser negro

O que eu aprendi sobre o tema

Que é basicamente conhecer a cultura afrodescendentes, e usar e se apropriar de palavras que muitas vezes eram consideradas pejorativas, como por exemplo se auto intitular preto com orgulho.

Como eu me vejo inserido nesse tema

Cada vez mais tenho orgulho de ser negro e da história de luta que o meu povo viveu, mostrando o quão forte somos.

Este formulário foi criado em São Judas Universidade.

Google Formulários

Fonte: Google Formulários / Autora (2020)

Figura 49: Formulário preenchido na OT3 - Esther Machado - Página 1

Conceitos

Nome

Esther

Empoderamento

O que eu sabia sobre o tema

Sabia que esse termo era utilizado para representar como uma pessoa se sente, sobre seu físico e/ou mental

O que eu aprendi sobre o tema

Aprendi que se sentir empoderada e mostrar isso para os outros ajuda com que eles se sintam representados e motiva a todos... mostrando que é possível ser do seu jeito e que deve sentir orgulho de ser assim

Como eu me vejo inserido nesse tema

Sou uma pessoa que se expressa de forma aberta e sempre que possível incentiva os outros a terem orgulho do que faz, de quem é e que deve também incentivar as outras pessoas ao seu redor

Cidadania

O que eu sabia sobre o tema

Que é um termo utilizado para representar nossos direitos e deveres

Figura 50: Formulário preenchido na OT3 - Esther Machado - Página 2

O que eu aprendi sobre o tema

Que sem a cidadania não teríamos o direito de ir e vir, direito ao voto, não ser mais escravos da sociedade e ter voz ativa como cidadão

Como eu me vejo inserido nesse tema

Exerço minha cidadania todos os dias, mostrando que todos temos direitos e que eles devem ser respeitados

Negritude

O que eu sabia sobre o tema

Sabia que esse termo era utilizado para representar o negros

O que eu aprendi sobre o tema

Aprendi que negritude abrange os direitos de ser negro, representa quem eu sou e mostra que devo ser respeitada e ter orgulho de ser uma mulher negra

Como eu me vejo inserido nesse tema

Não sou melhor que ninguém, não devo me achar melhor que ninguém, devo sim pedir respeito e respeitar a opinião, o jeito de ser e quem as pessoas são, assim dando equilíbrio na sociedade em que vivemos

Este formulário foi criado em São Judas Universidade.

Google Formulários

Fonte: Google Formulários / Autora (2020)

Figura 51: Formulário preenchido na OT3 - Leticia Miguel - Página 1

Conceitos

Nome

Letícia Miguel da Silva

Empoderamento

O que eu sabia sobre o tema

Tinha um conhecimento meio raso à respeito, praticamente uma ideia generalizada do tema. Que pra mim, dizia respeito à abraçar a sua causa e passar a ter voz ativa quando se diz respeito a isso.

O que eu aprendi sobre o tema

Que pode prover bem estar emocional para o indivíduo, que é uma noção moderna que ajuda a direcionar o indivíduo no próprio entendimento de si mesmo e do que defende

Como eu me vejo inserido nesse tema

Vejo a mim mesma, que de forma recente, tenho tentado entender questões a respeito da minha própria cultura e aprender como defender e passar esses ideais.

Cidadania

O que eu sabia sobre o tema

Sabia os conceitos teóricos, sobre essa pluralidade de significados dependendo de cultura, espaço e etc. Sobre a necessidade de liberdade para poder ser cidadão.

Figura 52: Formulário preenchido na OT3 - Leticia Miguel- Página 2

O que eu aprendi sobre o tema

aprendi que nao somente ser livre, mas ser ativo e participar do que lhe diz respeito, fazem um cidadão.

Como eu me vejo inserido nesse tema

vejo que apesar de agora saber de todos os conceitos, ainda não participo da forma como gostaria e não me vejo como cidadã além so direito que eu tenho de ser.

Negritude

O que eu sabia sobre o tema

sabia pouco, tinha ideia do processo em si de abraçar as raizes negras e assumi-las, mas não muito mais do que isso.

O que eu aprendi sobre o tema

aprendi considerações diferentes e parecidas com o que o pouco que eu sabia a respeito.

Como eu me vejo inserido nesse tema

me vejo tentando descobrir mais sobre uma coisa que me diz tanto a respeito, quanto a negritude. Que irá me cercear a minha vida toda.

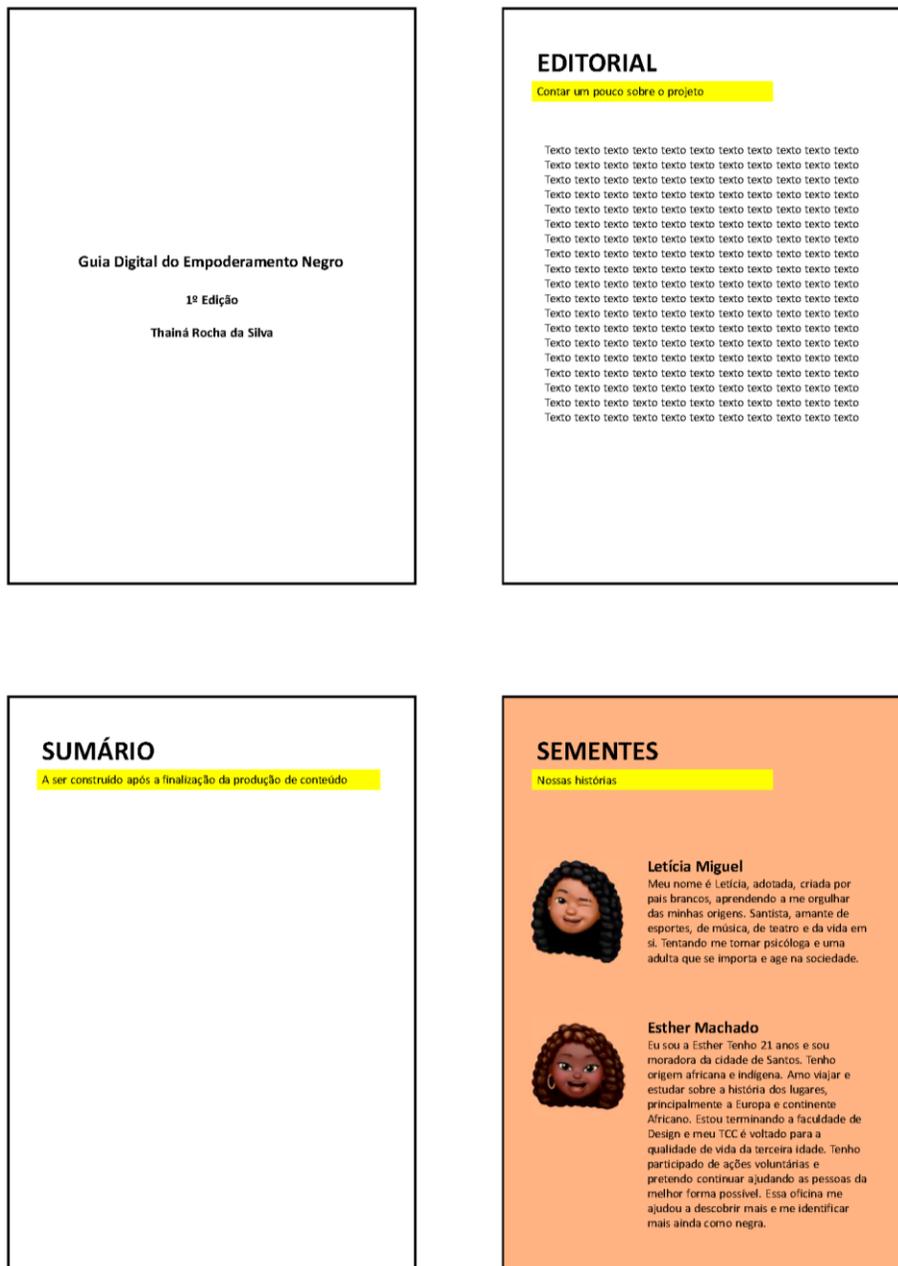
Este formulário foi criado em São Judas Universidade.

Google Formulários

Fonte: Google Formulários / Autora (2020)

Apêndice 2: Wireframe do Produto

Figura 53: Estrutura do E-book



Fonte: da Autora (2021)

Figura 54: Estrutura do E-book

SEMENTES

Nossas histórias

Mila Oliveira
Sou a Claudimila, mais conhecida e preferivelmente chamada de Mila. Tenho 21 anos, sou filha de mãe preta e pai branco, nordestinos que tentaram a vida em São Paulo e lá eu nasci, em Guarulhos e hoje vivo em Mongaguá. Estou na reta final do curso de Publicidade e Propaganda e em 2021 me torno oficialmente uma publicitária de formação. Amo viajar, amo conversar, conhecer novas pessoas e culturas, sou fascinada por música, amo futebol, sou são paulina apaixonada e as vezes decepcionada. Tenho florescido constantemente quanto a negritude, conhecendo minhas raízes e aprendendo sobre mim.

Leonardo Percinula
Sou o Leonardo, mas todos me chamam de Léo, tenho 22 anos e sou filho da Eliana e do Alexandre, minha mãe é uma mulher negra cuja a família descende da região de Sergipe e meu pai um homem branco e sua família é da região de Maceió. Estou no meu último semestre de Design e meus pais sempre me influenciaram constantemente em relação a educação.

SEMENTES

Nossas histórias

Elaine Aragão
Meu nome é Elaine Cristina tenho 22 anos, curso administração trabalho em Ambulatório Médico de especialidade, tenho 5 irmãos sou a caçula das meninas, moro com a minha mãe, meus pais são negros, minha mãe é camareira e meu pai mecânico, gosto muito de viajar e muito saideira sou viciada em açaí, gosto de rap, pop, e sou fãzona do Emicida em apenas uma série sou viciada em grey anatomy. Leio um livro por mês, e sou uma pessoa bem tranquila..

Gabriel de Melo
Meu nome é Gabriel De Melo, nasci e cresci em Guarujá, atualmente tenho 23 anos, sou filho de nordestinos, minha mãe nasceu na cidade de Touros no Interior do Nordeste e meu pai em Boa Nova cidade do Interior da Bahia, pessoas pelo o qual eu sou muito agradecido por me darem a vida que eu tenho hoje e sempre me ensinaram sobre as suas histórias de vidas, trabalho como editor e Diretor de arte em uma agência publicitária, estou me graduando em Cinema e Audiovisual, curso que me trouxe grandes questionamentos sobre a minha vida e as minhas escolhas, já que eu sempre fui apaixonado por estudar vídeos de diversos países, principalmente da Coréia do Sul. Foi na faculdade que eu me identifiquei como negro, pois foi lá que eu conheci pessoas que sempre falaram sobre essa pauta nos seus trabalhos. Sou apaixonado pela área de criação, onde eu procuro formas diferentes de expressar meus sentimentos e ideias através das minhas obras.

SEMENTES

Nossas histórias

Renan Farias
Eu sou o Renan, Tenho 21 anos, santista de nascimento e cubatense de coração. Graduando em Filosofia e em Direito, com o TCC em Direitos Fundamentais e Direitos Humanos. Sou educador popular na área de humanidades e ética. Professor de Direito Processual em cursos gratuitos para concursos. Corinthiano roxo e mangueirense. Apaixonado pela vida, leitura, família e amigos. Escritor, poeta e crítico de cinema nas horas vagas. Pesquisador científico do CSJT. Sériô, mas gente boa.

Gustavo Soares
Olá eu sou Gustavo, tenho 22 anos, sou o filho único da minha mãe e o caçula do meu pai que são negros, eles são uma referência pra mim, que desde cedo trabalharam e lutaram bastante pra conseguir essa condição de vida que temos hoje, amo minha família e cada dia me inspiro mais e mais neles, sou estudante de publicidade e propaganda e com a graça de Deus vou formar em 2022. Eu gosto muito de conhecer pessoas novas principalmente se forem diferentes a mim, conhecendo essas pessoas "diferentes" consigo aprender um pouco do quanto tipo de gente existe e eu AMO, sou apaixonado por dança, não tem um lugar que toque uma música e eu fique parado rsrs, me deixa feliz saber que sempre vou estar aprendendo e sempre vou aprender sobre coisas novas e eu amo essa experiência.

NOSSAS RAÍZES

Histórias de nossos ancestrais

Texto + fotos enviados pelos alunos

Fonte: da Autora (2021)

Figura 55: Estrutura do E-book

The figure displays four panels representing the structure of an e-book. Each panel has a distinct background color and contains specific content:

- Top Left Panel (Dark Green):** Titled "ERVAS DANINHAS". It features a yellow box with the text "Casos de racismo que sofremos" and a blue box with "Link para ouvir a narrativa dos casos de racismo que eles sofreram". Below are two rows of four green speaker icons, each with a label: "Na farmácia", "Na loja", "No trabalho", and "No trânsito".
- Top Right Panel (Light Blue):** Titled "CULTIVO: PARA OUVIR E SE EMPODERAR". It has a yellow box with "Dicas de artistas da música cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra playlist no Spotify ou canal no Youtube." and a section for "Beyoncé" followed by ten lines of placeholder text and a purple video player with a play button.
- Bottom Left Panel (Light Blue):** Titled "CULTIVO: PARA OUVIR E SE EMPODERAR". It has a yellow box with the same tip text and a section for "EMICIDA" followed by ten lines of placeholder text and a purple video player with a play button.
- Bottom Right Panel (Light Blue):** Titled "CULTIVO: PARA OUVIR E SE EMPODERAR". It has a yellow box with the same tip text and a section for "IZA" followed by ten lines of placeholder text and a purple video player with a play button.

Fonte: da Autora (2021)

Figura 56: Estrutura do E-book

CULTIVO: PARA OUVIR E SE EMPODERAR

Dicas de artistas da música cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra playlist no Spotify ou canal no Youtube.

JAY-Z

TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

CULTIVO: PARA OUVIR E SE EMPODERAR

Dicas de artistas da música cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra playlist no Spotify ou canal no Youtube.

THE WEEKEND

TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

SNOOPY DOG

TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

PÉRICLES

TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

CULTIVO: PARA VER E SE EMPODERAR

Dicas de filmes cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra sinopse no IMDB + onde assistir

PANTERA NEGRA

TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

CULTIVO: PARA VER E SE EMPODERAR

Dicas de filmes cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra sinopse no IMDB + onde assistir

INFILTRADO NA KLAN

TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

Fonte: da Autora (2021)

Figura 57: Estrutura do E-book

CULTIVO: PARA MARATONAR E SE EMPODERAR

Dicas de séries cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra sinopse no IMDB + onde assistir

SÉRIE 3

TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO



SÉRIE 4

TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO



SÉRIE 5

TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO



CULTIVO: PARA SEGUIR E SE EMPODERAR

Dicas de influenciadores e perfis cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pras redes sociais



Gabi Oliveira
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link



Yuri Marçal
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link



Camila De Lucas
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link



Winnie Bueno
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link

CULTIVO: PARA SEGUIR E SE EMPODERAR

Dicas de influenciadores e perfis cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pras redes sociais



Spartakus Santiago
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link



Bianca Delafancy
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link



Alê Oliveira
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link



AD Junior
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link

CULTIVO: PARA SEGUIR E SE EMPODERAR

Dicas de influenciadores e perfis cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pras redes sociais



Nátaly Neri
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link



Nath Finanças
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link



Levi Kaike
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link



Thiago Amparo
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

- + Link
- + Link
- + Link

Figura 58: Estrutura do E-book

CULTIVO: PARA LER E SE EMPODERAR

Dicas de livros cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra sinopse no site da editora

- Quando me descobri negra**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
- Pequeno manual antirracista**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
- Empoderamento**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
- Memórias da plantação**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
- Racismo estrutural**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

CULTIVO: PARA LER E SE EMPODERAR

Dicas de livros cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra sinopse no site da editora

- Olhos D'água**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
- Quarto de despejo**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
- Americanah**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
- Quem tem medo do feminismo negro**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
- Mulher, raça e classe**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO

CULTIVO: PARA FAVORITAR E SE EMPODERAR

Dicas de sites e portais cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra esses sites.

- Mundo Negro**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
+ Link
- Geledés**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
+ Link
- Tarcízio Silva**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
+ Link
- Guia Negro**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
+ Link

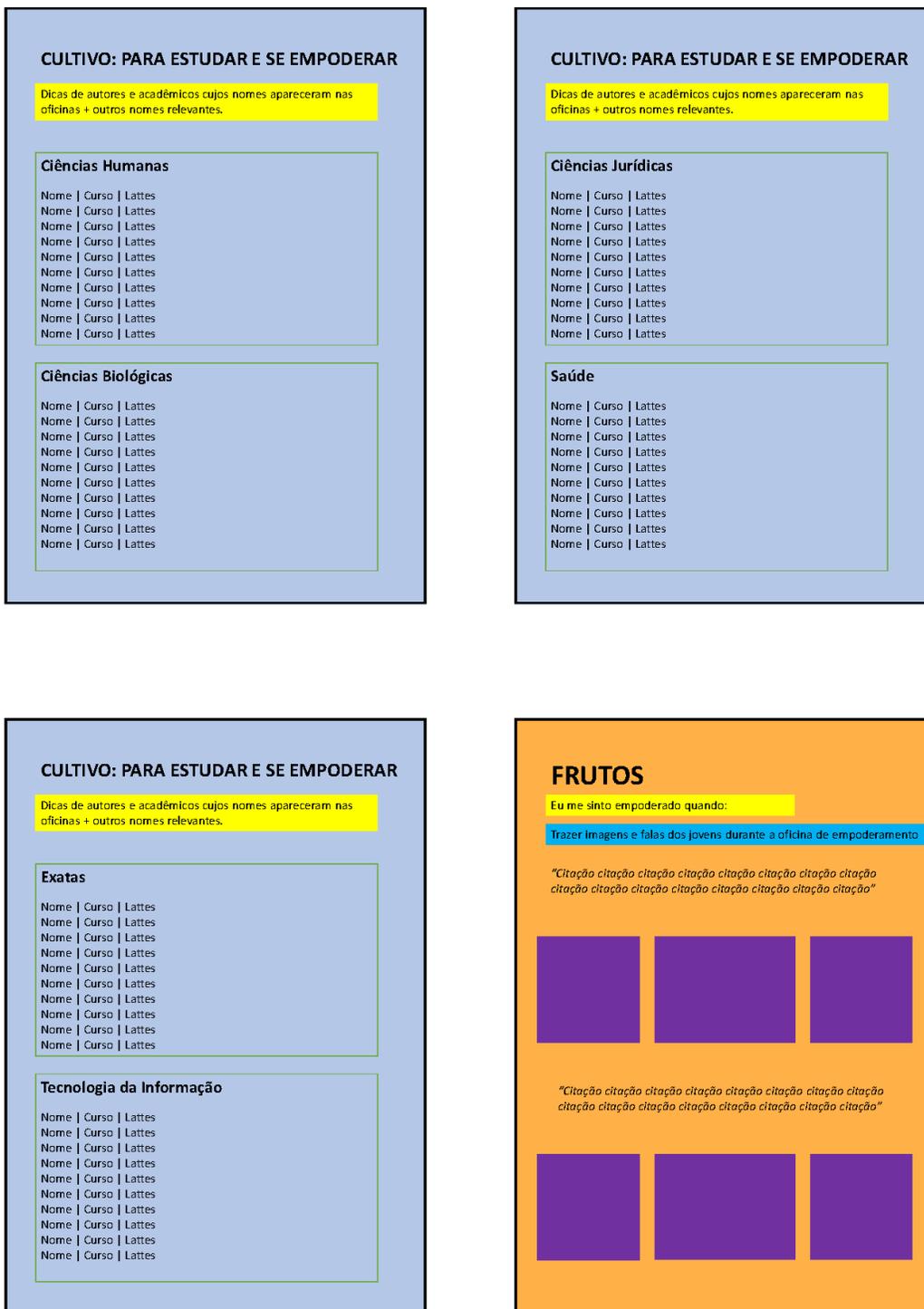
CULTIVO: PARA FAVORITAR E SE EMPODERAR

Dicas de sites e portais cujos nomes apareceram nas oficinas + outros nomes relevantes. Link pra esses sites.

- Alma Preta**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
+ Link
- Resistência Afroliterária**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
+ Link
- CEERT**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
+ Link
- Movimento Black Money**
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
+ Link

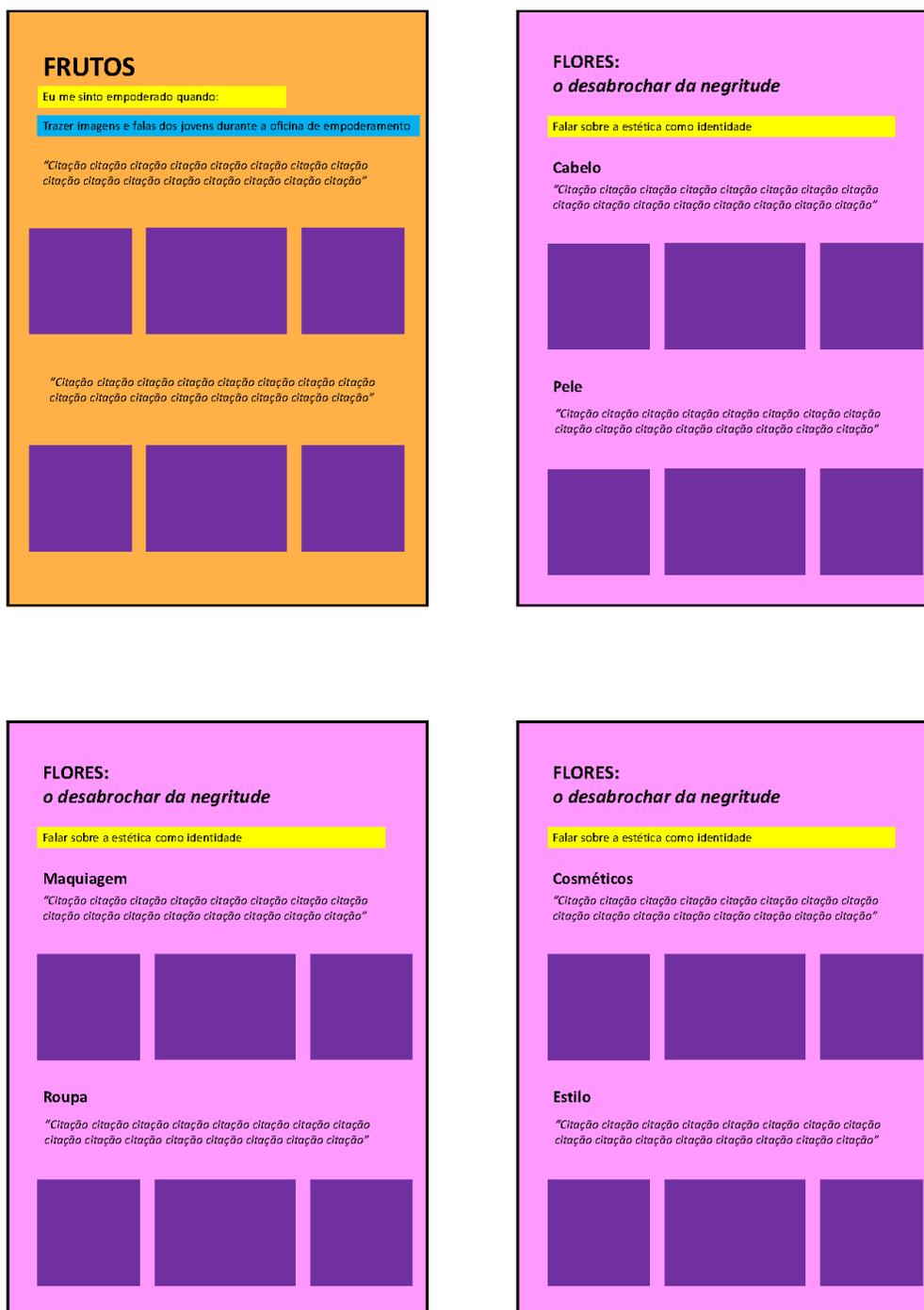
Fonte: da Autora (2021)

Figura 59: Estrutura do E-book



Fonte: da Autora (2021)

Figura 60: Estrutura do E-book



Fonte: da Autora (2021)

Apêndice 3: #FundoVozesNegras no YouTube

Quadro 8: #FundoVozesNegras no YouTube - Participantes

Canais participantes do #FundoVozesNegras do YouTube	
Nome do Canal	Descrição obtida na página do projeto
10ocupados	O grupo de humor começou brincando com o cotidiano e antigas brincadeiras de rua e hoje acumula mais de 4 milhões de inscritos na plataforma
AD Junior	Trabalha como especialista em Marketing Digital e em suas redes trata de assuntos ligados à representatividade, além de prestar consultoria em estratégia de diversidade e questões raciais para grandes empresas no Brasil.
Ana Paula Xongani	Seus trabalhos já a levaram para muitos lugares, entre eles para a TV, onde apresenta o programa Se Essa Roupa Fosse Minha, no GNT, sobre moda consciente. Nas redes, produz conteúdos próprios e para empresas. Realizou à convite da Obama Foundation o minidoc “Por que precisamos voltar à escola”, sobre educação de meninas negras.
Beleza Negra - Patrícia Avelino	Começou no YouTube em 2010, com conteúdo voltado à valorização da beleza da mulher negra, com vídeos sobre sobre cabelo crespo, maquiagem, resenhas e mais.
Camila Nunes	Formada em Maquiagem e Estética, mora em Niterói, e criou o canal em 2012 para ajudar mulheres de pele negra se auto maquiarem, além de compartilhar dicas de tudo relacionado ao universo feminino.
Débora Luz	Seu canal dedicado ao empoderamento da mulher através da valorização da diversidade da beleza. Moradora de São Paulo, publica vídeos sobre bem estar, empoderamento feminino, decoração e sua rotina em geral.
Dois Por Cento TV	Sidney Gabriel, também conhecido como DPC (Dois Por Cento), mora em Mauá - SP. Começou no YouTube em 2015, produzindo conteúdo totalmente voltado ao basquete. Graças à plataforma conseguiu viajar para a Polônia para representar o Brasil no mundial de basquete freestyle.
Nath Finanças	O objetivo do canal é tornar a educação financeira mais acessível, ensinando de uma maneira fácil e prática para quem nunca estudou ou não entende do assunto.
Gabi Oliveira	Gabi Oliveira é comunicadora social e criadora de conteúdo, atualmente reúne um público de seguidores virtuais em suas redes de aproximadamente 1 milhão de pessoas, sendo um dos canais participantes do programa Creators For Change do Google.
Guardei no Armário	Atua no mercado publicitário há mais de 10 anos. Negro, de origem periférica, gay e militante das causas negra e LGBT, Samuel palestra sobre diversidade sexual e raça por todo o país. Está entre os 20 criadores de conteúdo negro mais inovadores, segundo a Forbes em 2020.

Herdeira da Beleza	Maquiador profissional, Tássio Santos tem um canal focado em beleza negra, em que dá dicas de maquiagem e produtos para pessoas com esse tom de pele.
Jacy July	Encontrou nas redes sociais uma forma de se expressar, seja através do autocuidado com os cabelos e pele, autoestima, ou beleza. Seu canal é focado na valorização da autoestima e o empoderamento de pessoas negras.
LevviTalk	Leandro Vicente é apaixonado por trocas culturais e idiomas. Em seu canal cria conteúdos para ajudar pessoas a alcançarem seus objetivos pessoais e profissionais. Entre os temas abordados estão: como aprender Inglês, área de TI, dicas de carreira, estudos e viagens.
Luany Cristina	O canal foi criado para falar dos cuidados com o cabelo crespo, receitas caseiras, finalização, maquiagem e resenha de produtos, com o passar do tempo outros temas foram surgindo como empoderamento, auto estima e aceitação.
Lucy Gonçalves	Carioca, favelada, escritora e criadora de conteúdo, Luci aborda questões como negritude, bissexualidade, beleza e favela.
Monalisa Nunes	Médica baiana atuante na área de dermatologia com enfoque em pele negra e dermatologia natural. Começou no YouTube durante a faculdade de medicina e desde então produz vídeos motivacionais com dicas de estudo, entretenimento médico e dermatologia.
Muro Pequeno	Nascido na Bahia e vivendo hoje no Rio de Janeiro, Murilo Araújo é jornalista e pesquisador, bacharel em Comunicação Social e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Viçosa/MG. É ativista ligado às causas anti-racista e anti-LGBTfobia.
Nátaly Neri/ Afros & Afins	Nátaly Neri mora em São Paulo e cria vídeos para o YouTube desde 2015. Fala sobre moda, sustentabilidade, veganismo, negritude e feminismo.
Neggata	Neggata é um alter ego de puro empoderamento. Cria vídeos desde 2014 com a intenção de trazer mais conscientização e cultura pro mundo.
PhCôrtes	Com 18 anos, fala do protagonismo negro na história do Brasil, na atualidade, cultura pop e entretenimento, além de trazer convidados para falar sobre diversos assuntos.
Papo de Preta	O canal existe para dar vez e voz a mulher negra com vídeos sobre cultura pop, cotidiano, beleza, e sociedade, tudo comentado com o olhar de duas mulheres negras.
Preta Araújo	Nascida e criada em São Paulo, mais precisamente na Zona Leste, começou no YouTube sem pretensão, em busca de ensinar amarrações de turbantes. Hoje, com 6 anos de plataforma, fala sobre tudo e sempre de uma forma bem humorada.
Rafaela Lima	Nascida e criada na favela da Maré, no Rio de Janeiro, viu na educação uma forma de mudar o rumo da sua família. A professora criou o seu canal como um espaço para quem ama ciências, com aulas para ensino fundamental, dicas e curiosidades.

Ramana Borba	Com mais de 1 milhão de inscritos, Ramana ensina diversas coreografias, sejam as mais complexas ou as virais, e outros passos de dança no seu canal.
Soul Vaidosa	Musicoterapeuta por formação, a criação de conteúdo chegou na sua vida inspirada pela filha Jade e o quanto representatividade e narrativas diversas são importantes para construção da identidade negra.
Spartakus Santiago	YouTuber negro e gay que usa a cultura pop para discutir sobre questões sociais como saúde mental, racismo e LGTBfobia. Com mais de 80 milhões de views somando todas as plataformas, seu canal o levou a ter vídeos expostos no MASP e a ser eleito um dos 20 criadores negros mais inovadores pela Forbes.
Thelminha	A médica e influenciadora ganhou destaque nacional ao vencer a edição 2020 do Big Brother Brasil. Produz conteúdo sobre medicina, lifestyle e empoderamento no YouTube desde 2017.
Tô de crespas	Começou no YouTube em 2016 compartilhando os processos da transição capilar. Fala sobre a valorização da beleza negra, cabelo crespo, abordando também empoderamento, autoestima e aceitação pessoal.
UmBipolar	O canal de humor é comandado por Biel, que cria séries e curta-metragens originais, além de fazer paródias de sucessos musicais.
UTK	O casal Johnny Klein e Camila Bertani comandam um canal com esquetes de humor, em que fazem graça com situações do cotidiano e de relacionamentos.
Yuri Marçal	Sua trajetória no humor começou em 2016 e, desde então, coleciona risadas, shows e milhares de fãs. Yuri caiu nas graças do público investindo em uma linha humorística não explorada no Brasil: o humor afrocentrado e crítico.
MC Carol	Nascida em Niterói, no Rio de Janeiro, a artista traz em suas músicas mais recentes temas como racismo, exclusão social e feminismo.
Péricles	Ex-integrante do grupo Exaltasamba, Péricles é cantor, compositor e instrumentista de samba e pagode.
Rael	O rapper paulistano traz uma mistura de ritmos que o rendeu indicações ao Grammy Latino e APCA, além do troféu de melhor cantor no Prêmio da Música Brasileira em 2017.
Urias	Da moda para a música e importante nome da cena LGBTQIA+, a mineira ganhou destaque com o clipe "Diaba", vencedor do Berlin Music Video Awards na categoria Melhor Direção de Arte.

Fonte: da autora (2021). Baseada no conteúdo disponível em <https://blog.YouTube/intl/pt-br/creator-and-artist-stories/conheca-turma-2021-de-criadores-brasileiros-do-fundovozesnegrasdoYouTube/>. Acessado em 03/02/2021.

ANEXOS

S

Apêndice 1: Termo de autorização do uso de imagem e voz dos participantes

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ

Neste ato, **Renan Siqueira Scarabotto Farias**, brasileiro, solteiro, portador da Cédula de Identidade (RG) nº. 52.579.948-5, inscrito no CPF/MF sob nº 474.994.318-51, residente à Av/Rua Princesa Isabel, nº. 33-51/AP44, bairro: Itararé, município de São Vicente/SP Tel. (13) 9 8842-3884. E-mail: renanfarias@outlook.com / renanfarias@est.oabsp.org.br / renan.farias@usjt.br AUTORIZO o uso de minha imagem/voz extraída durante a concessão do vídeo para o projeto de pesquisa de mestrado, desenvolvido pela pesquisadora Thainá Rocha da Silva, CPF 362.095.558-10, para a Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O material audiovisual e textual pode ser utilizado em tanto na dissertação quanto no produto gerado do referido projeto, sejam essas destinadas à divulgação ao público interno da Instituição ou em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada, em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, seja para fins de divulgação do **projeto de dissertação do mestrado** e/ou suportes de computação gráfica em geral, ou armazená-la em banco de dados, exibi-la através da projeção em tela em casas de frequência coletiva ou locais públicos, com ou sem ingresso pago, transmiti-la via rádio e/ou televisão de qualquer espécie, disseminá-la através da internet, circuito interno e/ou telefonia, fixa ou móvel.

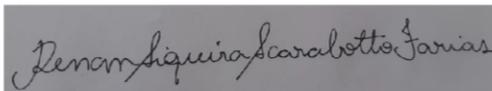
Nenhuma das utilizações previstas nesse instrumento tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem que seja devida ao **Autorizador** qualquer remuneração.

A autorização ora concedida será feita a título gratuito ficando desde já avençado que o **Autorizador** concorda que nada tem a reclamar com relação à autorização ora concedida, em juízo ou fora dele.

Estende-se a presente autorização, o uso do conteúdo da entrevista concedida, resguardando-se eventuais direitos autorais em prol do titular.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito, e assino a presente autorização.

São Vicente, 24 de novembro de 2020.



Assinatura do nome por extenso

Nome: Renan Siqueira S Farias

Telefone p/contato: 13 9 8842-3884

E-mail: renanfarias@outlook.com/renanfarias@est.oabsp.org.br /renan.farias@usjt.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ

Neste ato, Letícia Miguel da Silva, nacionalidade brasileira, estado civil solteira, portador da Cédula de Identidade (RG) nº. 54.093.170-6, inscrito no CPF/MF sob nº 478.731278-26, residente à Av/Rua Av Marechal Candido Rondon nº 935, bairro: Esplanada dos Barreiros, município de São Vicente/Sp, Tel. (13) 97420-7839. E-mail: lhsmss@gmail.com, **AUTORIZO** o uso de minha imagem/voz extraída durante a concessão do vídeo para o projeto de pesquisa de mestrado, desenvolvido pela pesquisadora Thainá Rocha da Silva, CPF 362.095.558-10, para a Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O material audiovisual e textual pode ser utilizado em tanto na dissertação quanto no produto gerado do referido projeto, sejam essas destinadas à divulgação ao público interno da Instituição ou em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada, em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, seja para fins de divulgação do **projeto de dissertação do mestrado** e/ou suportes de computação gráfica em geral, ou armazená-la em banco de dados, exibi-la através da projeção em tela em casas de frequência coletiva ou locais públicos, com ou sem ingresso pago, transmiti-la via rádio e/ou televisão de qualquer espécie, disseminá-la através da internet, circuito interno e/ou telefonia, fixa ou móvel.

Nenhuma das utilizações previstas nesse instrumento tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem que seja devida ao **Autorizador** qualquer remuneração.

A autorização ora concedida será feita a título gratuito ficando desde já avençado que o **Autorizador** concorda que nada tem a reclamar com relação à autorização ora concedida, em juízo ou fora dele.

Estende-se a presente autorização, o uso do conteúdo da entrevista concedida, resguardando-se eventuais direitos autorais em prol do titular.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito, e assino a presente autorização.

São vicente, 24 de novembro de 2020.

Letícia Miguel da Silva

Assinatura do nome por extenso

Nome: Letícia Miguel da Silva

Telefone p/contato: (13) 97420-7839

E-mail: lhsmss@gmail.com

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ

Neste ato, Claudimila Pereira de Oliveira,
nacionalidade Brasileira, estado civil Solteira,
portador da Cédula de Identidade (RG) nº. 36.911.926-5, inscrito no CPF/MF
sob nº 475.629.988-17, residente à Av/Rua
Abílio Smith, nº. 524, bairro: Aguapeu,
município de Mongaguá / SP Tel. (13) 98183-5165. E-mail:

Millamarques09@outlook.com **AUTORIZO** o uso de minha imagem/voz extraída durante a concessão do vídeo para o projeto de pesquisa de mestrado, desenvolvido pela pesquisadora Thainá Rocha da Silva, CPF 362.095.558-10, para a Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O material audiovisual e textual pode ser utilizado em tanto na dissertação quanto no produto gerado do referido projeto, sejam essas destinadas à divulgação ao público interno da Instituição ou em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada, em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, seja para fins de divulgação do **projeto de dissertação do mestrado** e/ou suportes de computação gráfica em geral, ou armazená-la em banco de dados, exibi-la através da projeção em tela em casas de frequência coletiva ou locais públicos, com ou sem ingresso pago, transmiti-la via rádio e/ou televisão de qualquer espécie, disseminá-la através da internet, circuito interno e/ou telefonia, fixa ou móvel.

Nenhuma das utilizações previstas nesse instrumento tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem que seja devida ao **Autorizador** qualquer remuneração.

A autorização ora concedida será feita a título gratuito ficando desde já avençado que o **Autorizador** concorda que nada tem a reclamar com relação à autorização ora concedida, em juízo ou fora dele.

Estende-se a presente autorização, o uso do conteúdo da entrevista concedida, resguardando-se eventuais direitos autorais em prol do titular.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito, e assino a presente autorização.

Mongaguá, 24 de Novembro de 2020.



Assinatura do nome por extenso

Nome: Claudimila Pereira de Oliveira

Telefone p/contato: (13) 98183-5165

E-mail: Millamarques09@outlook.com

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ

Neste ato, Gabriel De Melo Ferreira, nacionalidade brasileira, estado civil solteiro, portador da Cédula de Identidade (RG) nº. 55.759.960-x inscrito no CPF/MF sob nº 498.445.888-71, residente à Av/Rua São Paulo, nº. 6, bairro: Vila Alice, município de Guarujá/SP Tel. (013) 99185-7816. E-mail: gmf.123@hotmail.com **AUTORIZO** o uso de minha imagem/voz extraída durante a concessão do vídeo para o projeto de pesquisa de mestrado, desenvolvido pela pesquisadora Thainá Rocha da Silva, CPF 362.095.558-10, para a Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O material audiovisual e textual pode ser utilizado em tanto na dissertação quanto no produto gerado do referido projeto, sejam essas destinadas à divulgação ao público interno da Instituição ou em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada, em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, seja para fins de divulgação do **projeto de dissertação do mestrado** e/ou suportes de computação gráfica em geral, ou armazená-la em banco de dados, exibi-la através da projeção em tela em casas de frequência coletiva ou locais públicos, com ou sem ingresso pago, transmiti-la via rádio e/ou televisão de qualquer espécie, disseminá-la através da internet, circuito interno e/ou telefonia, fixa ou móvel.

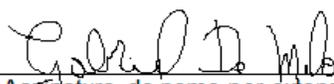
Nenhuma das utilizações previstas nesse instrumento tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem que seja devida ao **Autorizador** qualquer remuneração.

A autorização ora concedida será feita a título gratuito ficando desde já avençado que o **Autorizador** concorda que nada tem a reclamar com relação à autorização ora concedida, em juízo ou fora dele.

Estende-se a presente autorização, o uso do conteúdo da entrevista concedida, resguardando-se eventuais direitos autorais em prol do titular.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito, e assino a presente autorização.

Guarujá, 24 de Novembro de 2020.



Assinatura do nome por extenso

Nome: Gabriel De Melo Ferreira
 Telefone p/contato: (013) 99185-7816
 E-mail: gmf.123@hotmail.com

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ

Neste ato, Leonardo Pauta Percincula dos Santos, nacionalidade brasileiro, estado civil solteiro, portador da Cédula de Identidade (RG) nº. 54855723-8, inscrito no CPF/MF sob nº462.361.628.24, residente à Av. São Paulo, nº 361, bairro: Pae cará, município de Guarujá-SP Tel. (13) 98228-8742. E-mail: leonardo.pauta@hotmail.com
AUTORIZO o uso de minha imagem/voz extraída durante a concessão do vídeo para o projeto de pesquisa de mestrado, desenvolvido pela pesquisadora Thainá Rocha da Silva, CPF 362.095.558-10, para a Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O material audiovisual e textual pode ser utilizado em tanto na dissertação quanto no produto gerado do referido projeto, sejam essas destinadas à divulgação ao público interno da Instituição ou em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada, em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, seja para fins de divulgação do **projeto de dissertação do mestrado** e/ou suportes de computação gráfica em geral, ou armazená-la em banco de dados, exibi-la através da projeção em tela em casas de frequência coletiva ou locais públicos, com ou sem ingresso pago, transmiti-la via rádio e/ou televisão de qualquer espécie, disseminá-la através da internet, circuito interno e/ou telefonia, fixa ou móvel.

Nenhuma das utilizações previstas nesse instrumento tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem que seja devida ao **Autorizador** qualquer remuneração.

A autorização ora concedida será feita a título gratuito ficando desde já avençado que o **Autorizador** concorda que nada tem a reclamar com relação à autorização ora concedida, em juízo ou fora dele.

Estende-se a presente autorização, o uso do conteúdo da entrevista concedida, resguardando-se eventuais direitos autorais em prol do titular.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito, e assino a presente autorização.

Guarujá ,12 de janeiro de 2021 .



Assinatura do nome por extenso

Nome: Leonardo Pauta Percincula dos Santos

Telefone p/contato: (13) 98228-8742

E-mail: percincula.leonardo@gmail.com

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ

Neste ato, Elaine Cristina Almeida de Aragão nacionalidade Brasileira estado civil Solteira portador da Cédula de Identidade (RG) nº. 5579805424 inscrito no CPF/MF sob nº 46793525824 residente à Av/Rua Lourival Moreira do Amaral nº. 1116 bairro: Parque São Vicente município São Vicente de Tel. (13) 98829836 E-mail: elaine.cristina_98@hotmail.com **AUTORIZO** o uso de minha imagem/voz extraída durante a concessão do vídeo para o projeto de pesquisa de mestrado, desenvolvido pela pesquisadora Thainá Rocha da Silva, CPF 362.095.558-10, para a Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O material audiovisual e textual pode ser utilizado em tanto na dissertação quanto no produto gerado do referido projeto, sejam essas destinadas à divulgação ao público interno da Instituição ou em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada, em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, seja para fins de divulgação do **projeto de dissertação do mestrado** e/ou suportes de computação gráfica em geral, ou armazená-la em banco de dados, exibi-la através da projeção em tela em casas de frequência coletiva ou locais públicos, com ou sem ingresso pago, transmiti-la via rádio e/ou televisão de qualquer espécie, disseminá-la através da internet, circuito interno e/ou telefonia, fixa ou móvel.

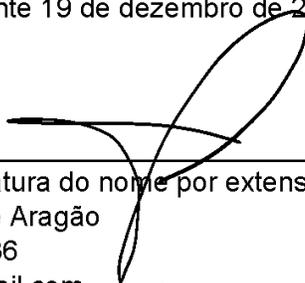
Nenhuma das utilizações previstas nesse instrumento tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem que seja devida ao **Autorizador** qualquer remuneração.

A autorização ora concedida será feita a título gratuito ficando desde já avençado que o **Autorizador** concorda que nada tem a reclamar com relação à autorização ora concedida, em juízo ou fora dele.

Estende-se a presente autorização, o uso do conteúdo da entrevista concedida, resguardando-se eventuais direitos autorais em prol do titular.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito, e assino a presente autorização.

São Vicente 19 de dezembro de 2020.



Assinatura do nome por extenso

Nome: Elaine Cristina Almeida de Aragão
Telefone p/contato: 13 988829836
E-mail: elaine.cristina_98@hotmail.com

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ

Neste _____ ato,

Quilvano Soares Reis da Paqueta

Brasileira, nacionalidade
_____, estado
civil solteira, portador da Cédula de
Identidade (RG) nº. 53.271.572, inscrito no
CPF/MF sob nº 418.062.708-62,
residente à _____ Av/Rua
R. Emília de Barros Argenteira, nº.
228, bairro: Cidade Nova, município de
São Vicente / SP Tel. (13)
98189-8120. E-mail:

qusoares_123@hotmail.com **AUTORIZO** o uso
de minha imagem/voz extraída durante a concessão do
vídeo para o projeto de pesquisa de mestrado,
desenvolvido pela pesquisadora Thainá Rocha da Silva,
CPF 362.095.558-10, para a Universidade Municipal de
São Caetano do Sul. O material audiovisual e textual
pode ser utilizado em tanto na dissertação quanto no
produto gerado do referido projeto, sejam essas
destinadas à divulgação ao público interno da Instituição
ou em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito,
abrangendo o uso da imagem acima mencionada, em
qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, seja para fins
de divulgação do **projeto de dissertação do mestrado**
e/ou suportes de computação gráfica em geral, ou
armazená-la em banco de dados, exibí-la através da
projeção em tela em casas de frequência coletiva ou
locais públicos, com ou sem ingresso pago, transmiti-la
via rádio e/ou televisão de qualquer espécie, disseminá-
la através da internet, circuito interno e/ou telefonia, fixa
ou móvel.

Nenhuma das utilizações previstas nesse
instrumento tem limitação de tempo ou de número de
vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem
que seja devida ao **Autorizador** qualquer remuneração.

A autorização ora concedida será feita a título
gratuito ficando desde já avençado que o **Autorizador**
concorda que nada tem a reclamar com relação à
autorização ora concedida, em juízo ou fora dele.

Estende-se a presente autorização, o uso do
conteúdo da entrevista concedida, resguardando-se
eventuais direitos autorais em prol do titular.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro
que autorizo o uso acima descrito, e assino a presente
autorização.

São Vicente, 21 de março
de 2020.

Quilvano Soares Reis da Paqueta

Assinatura do nome por extenso

Nome: Quilvano Soares
Telefone p/contato: (13) 98189-8120
E-mail: qusoares_123@hotmail.com